


unesp  UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA- UNESP
“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
FACULDADE DE CIÊNCIAS E LETRAS
CAMPUS DE ARARAQUARA – SP

Tatyana Rodrigues Anselmo

**O BAQUE MULHER: BATUCANDO O
EMPODERAMENTO FEMININO COM A TRADIÇÃO
SOCIOCULTURAL DO MARACATU DE RECIFE/PE A
RIBEIRÃO PRETO/SP**

**ARARAQUARA – S.P.
2020**

Tatyana Rodrigues Anselmo

**O BAQUE MULHER: BATUCANDO O
EMPODERAMENTO FEMININO COM A TRADIÇÃO
SOCIOCULTURAL DO MARACATU DE RECIFE/PE A
RIBEIRÃO PRETO/SP**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Sexual da Faculdade de Ciências e Letras Campus Araraquara da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestra em Educação Sexual.

Linha de pesquisa: Sexualidade e Educação Sexual: interfaces com a história, a cultura e a sociedade.

Orientador: Prof. Dr. Paulo Rennes Marçal Ribeiro

**ARARAQUARA – S.P.
2020**

A618b Anselmo, Tatyana Rodrigues
O Baque Mulher : batucando o empoderamento feminino com a
tradição sociocultural do Maracatu de Recife/PE a Ribeirão Preto/SP /
Tatyana Rodrigues Anselmo. -- Araraquara, 2020
141 p. : fotos

Dissertação (mestrado profissional) - Universidade Estadual
Paulista (Unesp), Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara
Orientador: Paulo Rennes Marçal Ribeiro

1. Maracatu. 2. Baque Mulher. 3. Equidade de gênero. 4.
Empoderamento feminino. 5. Autonomia. I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca da Faculdade de
Ciências e Letras, Araraquara. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

TATYANA RODRIGUES ANSELMO

O BAQUE MULHER: BATUCANDO O EMPODERAMENTO FEMININO COM A TRADIÇÃO SOCIOCULTURAL DO MARACATU DE RECIFE/PE A RIBEIRÃO PRETO/SP

Dissertação de Mestrado, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Sexual da Faculdade de Ciências e Letras – UNESP/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Mestra em Educação Sexual.

Linha de pesquisa: Sexualidade e Educação Sexual: interfaces com a história, a cultura e a sociedade.

Orientador: Prof. Dr. Paulo Rennes Marçal Ribeiro

Data: 03/02/2020

MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:

Presidente e Orientador: Prof. Dr. Paulo Rennes Marçal Ribeiro
UNESP – FCLar

Membro Titular: Prof.^a Dr.^a Célia Regina Rossi
UNESP – FCLar

Membro Titular: Prof.^a Dr.^a Valéria Cristina Gimenes Prado

Local: Universidade Estadual Paulista
Faculdade de Ciências e Letras
UNESP – Campus de Araraquara

Dedico este estudo a todas as mulheres que sempre lutaram e lutam pela garantia de nossos direitos e pela equidade de gênero. Às minhas ancestrais.

AGRADECIMENTOS

Mãe, a você sou eternamente grata pela vida. A referência de mulher que tenho para acreditar em um mundo mais igualitário e com equidade de gênero vem de você, que me inspira diariamente com seu amor incondicional e por ser a mulher que é. Gratidão pelo amor e acolhimento de sempre, eu te amo!

Pai, acredito em um feminino e masculino em integração e, graças a você, minha esperança é fortalecida, porque diante uma sociedade machista com tamanha violência de gênero, homens igualitários como você me inspiram a seguir adiante. Gratidão pelo amor e acolhimento de sempre. Eu te amo!

Vinicius, meu irmão, temos uma parceria de vida, nas trocas, no cuidado, no apoio e no fortalecimento recíproco que nos impulsiona a ser quem somos, sermos mais de nós. Nos relembramos constantemente de nossa essência e de seguir acreditando no que realmente importa - o amor. Gratidão irmão, eu te amo muito! Seres inquietos...

Polyana, minha irmã, somos as meninas dessa irmandade. Ao longo dos anos e da maturidade fomos nos aproximando e fortalecendo o nosso amor incondicional. Você como mulher, mãe, irmã e filha, é minha inspiração. Gratidão pelo coração maravilhoso que você tem e por estarmos juntas nessa caminhada, eu te amo muito!

Gratidão ao meu sobrinho Marco Tulio, um ser que inspira humanidade e por quem tenho um amor imenso e quero tão bem. À minha afilhada Sofia, por sempre trazer a leveza da infância para minha vida - brincando lembro sempre da minha essência. Amo vocês demais!

Bruno, companheiro nos encontros e reencontros da vida. Somos mais fortes na nossa individualidade e na nossa parceria, a gente se ama como a gente é, o respeito, afeto, cuidado e companheirismo nos guiam nessa trajetória de partilhar nossas vidas. Seguimos nesses caminhos com nossas inquietações e nossa esperança na humanidade. Eu te amo!

Mel é um ser marrom de olhos caramelos com traços de comilança que esbanja afeto, companhia sempre presente em minha vida, com olhar acolhedor e de cuidado para os momentos de solidão da escrita. Eternamente grata a este ser especial que enche de vida e esperança os meus dias de mestrandia.

Em gratidão, aqui reverencio as minhas e os meus ancestrais, pessoas queridas das quais sinto tanta falta na presença cotidiana, mas que honro e vivem presentes em meu coração.

Joyce, você com certeza foi uma referência primordial de amizade sincera, amorosa, cuidadosa e presente, mesmo distante, que me impulsionou sempre na realização do sonho do mestrado, minha primeira referência nesses caminhos. A vida nos presenteou com nossa amizade, a qual sou eternamente grata e continuo desejando que se estenda até nossa festa de 88 anos de idade.

A amizade é, para mim, uma valiosa presença que fortalece a vida. Gratidão às pessoas que já cuidaram de mim nessa caminhada e das quais tenho tanta saudade, Cristiane e Leôncio. Gratidão Graciane, Lívia, Regina, Mayra, Camila, Lana, Mariana, Vanessa, Sheila, Carol e Francisca.

À Terapeuta Carol e ao Elder, que cuidaram de mim de maneira tão amorosa e são pessoas e profissionais que me auxiliam no cuidado da saúde mental e física.

Agradeço às professoras que foram grandes referências na minha formação como Assistente Social e que, em momentos fundamentais da minha trajetória profissional, foram essenciais em apoio, força e cuidado. Carmem, você me fortaleceu nos primeiros momentos da construção dessa trajetória do mestrado. Berenice, foi minha supervisora e terapeuta que levo comigo em lugar muito especial do coração.

Agradeço às mulheres companheiras do Coletivo Promotoras Legais Populares de São Carlos, as quais muito me fortaleceram como feminista e nos caminhos do amor próprio.

Agradeço à Soraya Mariane que me acolheu em momento tão necessário, contribuindo com meu autoconhecimento e formação nos caminhos do Sagrado Feminino.

Agradeço, de coração, ao Terno de Marinheiro de São Benedito de Uberlândia- MG, Família Marinheiro, que me acolheu com tanto amor e onde tudo começou na construção desta dissertação.

Gratidão à Mestra Joana Cavalcante por esta maravilhosa construção do Grupo e Coletivo Baque Mulher, que impulsiona tantas mulheres no Brasil e no mundo rumo ao empoderamento feminino. Agradeço às mais velhas, às mais jovens, a toda a gente da comunidade do Pina, do Bode de Recife e da comunidade do Tanquinho Ribeirão Preto. Meu respeito e admiração pelas lutas cotidianas e que possamos somar forças na construção de maior equidade em nossa sociedade.

Às Mulheres companheiras do Baque Mulher de Ribeirão Preto, onde encontrei apoio, acolhimento, afeto, força, todas estas características tão fortes femininas. Em grupo, juntas, andamos bem melhor. Gratidão por cada momento de troca, prosa, cuidado, abraço, aprendizado, de sentir e compartilhar dos baques, com tambores tocando o som dos nossos corações ecoando diversas vozes das mulheres em tempos tão árduos. À todas as pessoas com as quais convivo e aprendo no Grupo Navegante. Gratidão especial à Mãe Neide e Iyas do Centro Cultural *Orùnmilá*, nossa referência de força e coletividade femininas, nossas bases de amor e respeito.

Agradeço às minhas primas, tias, aos meus primos e tios. Família é um aprendizado de amor em diversidade.

Agradeço à minha turma de Mestrado - em momentos de alegria e dificuldade, nos fortalecemos entre caminhos de trabalho e estudos, dessa vida de trabalhadores/as pesquisadores/as brasileiros/as.

Grata ao Professor orientador Paulo Rennes, pela trajetória de aprendizados e construções conjuntas.

Mulheres, que lutaram pela liberdade, mulheres guerreiras, guerrilharam com todo fervor.
(Loa Baque Mulher 2019)

RESUMO

Este estudo explicita questões de gênero relacionadas à organização e convivência das integrantes do grupo de Maracatu “Baque Mulher”, uma vez que se observa uma forte diferenciação das representações feminina e masculina nesta manifestação sociocultural. Por outro lado, a presença das mulheres nos grupos de Maracatu, e no grupo em pauta, tem garantido conquistas no contexto de um país com história arraigada no machismo, no androcentrismo e no patriarcalismo. Nesse sentido, parte-se da premissa da necessidade de fortalecer o empoderamento das mulheres, incentivando a luta por seus direitos. Em termos gerais, objetivou-se identificar como o grupo em pauta contribui com o empoderamento das integrantes do grupo em Recife, lugar de origem, e no grupo filial de Ribeirão Preto/SP. Mais especificamente, buscou-se reconhecer as razões de integração e permanência das mulheres no grupo; verificar se a vivência no mesmo contribui para sua autonomia e, em caso afirmativo, se as mesmas reconhecem o fato; compreender historicamente como a constituição do Maracatu Baque Mulher favorece o empoderamento feminino nas manifestações socioculturais afro-brasileiras e na vivência em sociedade. A abordagem metodológica teve caráter qualitativo, utilizando-se o método da observação participante, conquanto a pesquisadora ser integrante do grupo filial; as técnicas utilizadas para a coleta de dados consistiram em levantamento bibliográfico junto a bancos de dados acadêmicos sobre: Expressões socioculturais de matriz afro-brasileira; Maracatu, Teorias relacionadas aos estudos de gênero; e registros realizados em diário de campo. Os resultados indicam que os novos espaços conquistados pelas mulheres nesta manifestação cultural fortalecem a representação social feminina com vistas ao empoderamento, a autonomia e a equidade de gênero.

Palavras – chave: Maracatu. Baque Mulher. Equidade de gênero. Empoderamento feminino. Autonomia.

ABSTRACT

This study explains gender issues related to the organization and coexistence of the members of the Maracatu group “Baque Mulher”, since there is a strong differentiation between the female and male representations in this sociocultural manifestation. On the other hand, the presence of women in the Maracatu groups, and in the group in question, has guaranteed achievements in the face of the reality of a country with a history rooted in machismo, androcentrism and patriarchy. In this sense, it is based on the premise of the need to strengthen the empowerment of women, encouraging the fight for their rights. In general terms, the objective was to identify how the group in question contributes to the empowerment of the members in Recife, place of origin, and in the branch group of Ribeirão Preto / SP. More specifically, it sought to recognize the reasons for the integration and permanence of women in the group; verify whether the experience in it contributes to the autonomy of women and, if so, whether they recognize the fact; historically understand how the constitution of Maracatu Baque Mulher favors female empowerment in Afro-Brazilian socio-cultural manifestations and in society. The methodological approach had a qualitative character, using the method of participant observation, although the researcher is a member of the filial group; the techniques used for data collection consisted of a bibliographic survey with academic databases on: socio-cultural expressions of an afro-brazilian matrix; Maracatu, Theories related to gender studies; records made in a field diary. The results indicate that the new spaces conquered by women in this cultural event strengthen the female social representation with a view to empowerment, autonomy and gender equity.

Keywords: Maracatu. Baque mulher. Gender equity. Female empowerment. Autonomy.

SUMÁRIO

1. APRESENTAÇÃO.....	11
2. INTRODUÇÃO.....	16
3. REFERENCIAL TEÓRICO E METODOLÓGICO.....	19
3.1 Estudos de gênero e as desigualdades.....	19
3.2 Feminismo dialógico e equidade de gênero.....	23
3.3 A história das mulheres negras e o feminismo negro.....	30
3.4 Referencial metodológico.....	36
4. EXPRESSÕES SOCIOCULTURAIS AFRO-BRASILEIRAS E A QUESTÃO ÉTNICO-RACIAL.....	38
4.1 Maracatu Nação de Baque Virado: ecoando de Recife para todo o Brasil....	49
4.2 Nações do Maracatu Porto Rico e Encanto do Pina, de Mãe Elda e Mãe Sônia à Mestra Joana Cavalcante.....	59
5. RESULTADOS DA PESQUISA.....	68
5.1 Mestra <i>Yakekerê</i> Joana D'arc Cavalcante: do Candomblé ao Baque Mulher....	68
5.2 Grupo de Maracatu e Movimento feminista Baque Mulher - o poder feminino.....	80
5.3 A representação feminina no Grupo de Maracatu Baque Mulher filial de Ribeirão Preto.....	113
6. APONTAMENTOS FINAIS: CONQUISTAS E DESAFIOS PELA EQUIDADE DE GÊNERO NA MANIFESTAÇÃO SOCIOCULTURAL DO MARACATU.....	129
REFERÊNCIAS.....	133

1. APRESENTAÇÃO

A principal motivação para desenvolver o tema em pauta surgiu de minha integração, no ano de 2014, ao grupo de Congado “Marinheiro de São Benedito”¹, na cidade de Uberlândia- MG. Os grupos de Congado povoaram os meus tempos de criança e, ao ver e ouvir os ensaios pelas ruas, me percebia interessada em conhecer essa manifestação cultural. É importante demarcar que já naquela época, identificava falas preconceituosas em relação àquela ‘gente negra que canta, dança e ora’. Na medida em que crescia, participava das festas como expectadora e meu interesse em me integrar aos grupos aumentava, porém acreditava que se tratava de uma manifestação cultural vivenciada apenas por membros de uma mesma família.

Finalmente, conheci o terno² de Congado Marinheiro de São Benedito por meio do “Balaio de Chita”, grupo de estudos e práticas de danças populares tradicionais de matriz afro-brasileira, criado como sequência do Projeto Baiadô³, quando este finalizou, no ano de 2011. Nesse sentido, minha percepção neste percurso não é a mesma das pessoas nascidas e criadas pela família deste terno, mas sinalizo o meu respeito e a autorização que

¹ Um dos estilos de ternos, com farda impecável, simboliza as organizações coletiva e individual da comunidade. O ritmo musical alterna momentos lentos e rápidos, dependendo da dança a ser executada. A potência dos instrumentos faz estremecer o ar por onde passam, é uma enormidade de maracanãs (caixas grandes), ripiliques (caixas menores), surdos e chocalhos. Homenageiam os mouros que utilizavam as marlotas - vestuários idênticos a uma capa curta - para esconder as espadas e evoluírem como em formação de guerra, batendo fortemente os seus tambores. Eram reconhecidos pela expressão mar abaixo simbolizando a chegada ao Brasil, como escravos desembarcados entre as ondas que açoitavam as praias. (BRASILEIRO, 2001, p. 46)

² São grupos de dançadores com uma média de setenta componentes no Triângulo Mineiro, e de vinte pessoas no Alto Paranaíba. Os mesmos se dividem em vários estilos, de acordo com a origem dos primeiros fundadores e da tradição familiar, além de tocarem os mais variados instrumentos construindo, assim, uma diversidade de ritmos e expressões culturais de inestimável valor para a sociedade. (BRASILEIRO, 2001, p.45)

³ “Baiadô, pesquisa e prática das danças brasileira” é um projeto de pesquisa e extensão do Laboratório de Ações Corporais proposto e coordenado por Renata Bittencourt Meira, docente do Curso de Teatro do Departamento de Música e Artes Cênicas da Universidade Federal de Uberlândia. A base da pesquisa é a prática de dançar junto [...] que tem por princípios dialogar com as tradições populares, criar a partir desse diálogo, respeitar as diferenças e expressá-las, socializar essa prática e o conhecimento constituído a partir dela. (MEIRA, 2007, p. 127-128)

recebi das lideranças para me integrar ao mesmo, somando o meu olhar aos olhares delas citando, inclusive, essa trajetória de vida e de pesquisa nesta dissertação de mestrado.

Segundo Brasileiro (2001), o Congado é uma manifestação cultural e social que acontece em várias cidades do Brasil, tendo se originado entre as pessoas negras trazidas da África para serem escravizadas, e seus descendentes, mais especificamente do então Reino do Congo. A festa da Congada traz componentes que misturam fé e festa, crenças e mitos, corporeidade e ritmos, sendo constituída por vários ternos com características – vestimentas; cor de identificação; instrumentos; e constituição dos/as integrantes – especificamente representadas, demarcando identidades e traços da cultura, da história, das danças existentes, ainda que com variações e mudanças que ocorrem ao longo do tempo.

Minha inserção, em ambos os grupos – “Congado” e “Balaio de Chita” – ocorreu concomitantemente ao interesse por ingressar na área acadêmica, já com o objetivo de pesquisar as expressões socioculturais afro-brasileiras com foco nas questões de gênero. Ao me integrar ao Congado, junto a duas integrantes do “Balaio de Chita”, vivenciei a primeira experiência de tocar tambor com mulheres neste terno, um espaço que, até então, era ocupado por homens –conhecidos como “soldados”.

Como mulher e feminista, observei a diferenciação existente nesta manifestação sociocultural quanto ao que era, ou não, permitido que mulheres fizessem; ao mesmo tempo, ficava evidente que a maioria das atribuições de organização e condução do “Marinheiro de São Benedito” era de liderança feminina, mas a mesma não tinha visibilidade. Fui instigada, desta forma, a pesquisar sobre a representação feminina nas manifestações socioculturais afro-brasileiras com vistas a identificar como ocorrem as relações de gênero nesses espaços nos âmbitos cultural e social.

Como profissional do Serviço Social, atendi mulheres vítimas de violência doméstica na cidade de Uberlândia, tendo a oportunidade de conhecer e entender melhor

as complexidades que envolvem a desigualdade de gênero e as violências contra as mulheres. Posuo uma profissão que atua na luta pela consolidação da equidade, pela garantia e efetivação de direitos, e trago as regulamentações profissionais do Serviço Social para justificar a minha afinidade com a problemática proposta no presente estudo, sendo que, desde o ano de 2005, quando concluída esta formação, busquei, como profissional e cidadã, contribuir da melhor maneira.

A Lei de Regulamentação do Serviço Social (Brasil, 2012, 44 - 45) tem, dentre outras, as seguintes competências profissionais: “encaminhar providências, e prestar orientação social a indivíduos, grupos e à população; orientar indivíduos e grupos de diferentes segmentos sociais no sentido de identificar recursos e de fazer uso dos mesmos no atendimento e na defesa de seus direitos”. O Código de ética profissional do/a Assistente Social (Brasil, 2012, p. 23 - 24) tem como princípios fundamentais:

I-Reconhecimento da liberdade como valor ético central e das demandas políticas a ela inerentes - autonomia, emancipação e plena expansão dos indivíduos sociais; II. Defesa intransigente dos direitos humanos e recusa do arbítrio e do autoritarismo; III. Ampliação e consolidação da cidadania, considerada tarefa primordial de toda sociedade, com vistas à garantia dos direitos civis sociais e políticos das classes trabalhadoras; (...) V. Posicionamento em favor da equidade e justiça social (...); VI. Empenho na eliminação de todas as formas de preconceito, incentivando o respeito à diversidade, à participação de grupos socialmente discriminados e à discussão das diferenças; (...) VIII. Opção por um projeto profissional vinculado ao processo de construção de uma nova ordem societária, sem dominação, exploração de classe, etnia e gênero;

Em complementação à minha trajetória de formação e atuação profissional, participei do curso de Promotoras Legais Populares de São Carlos em 2016, desenvolvido

com o objetivo de contribuir com a formação de mulheres para o acesso e a garantia dos seus direitos. Em 2017 me integrei ao Coletivo Feminista formado pelas lideranças deste curso, o qual luta pela equidade de gênero bem como pela prevenção e eliminação das violências contra mulheres.

No ano de 2017, fui discente ouvinte da disciplina *Feminismo dialógico: papel das mulheres nas mudanças sociais*, realizada pela Professora Roseli Rodrigues de Melo, na Graduação em Pedagogia da Universidade Federal de São Carlos. Minha inserção nesse espaço contribuiu para os aprofundamentos teórico e metodológico na construção de práticas profissionais e acadêmicas que afirmam o diálogo igualitário e a prevenção, que promovem a equidade e a eliminação da desigualdade e da violência de gênero. No mesmo ano, ingressei como discente regular do Programa de Pós-Graduação em Educação Sexual, motivada pela participação na disciplina de *Leituras Independentes em Sexualidade, Gênero e Educação Sexual*, que me aproximou ainda mais dos estudos de gênero.

Segui me fortalecendo individual e coletivamente como mulher, sentindo-me ainda mais motivada a pesquisar sobre a importância de ações, movimentos sociais, expressões socioculturais e pesquisas que contribuem com o empoderamento feminino. Nestes caminhos de estudo e atuação profissional, minha afinidade com a área da Educação veio se fortalecendo, a qual já havia sido despertada no ano de 2013, quando trabalhei como docente no curso de graduação em Serviço Social da Universidade Federal de Uberlândia, campus de Ituiutaba, Minas Gerais.

Desde 2017, atuo como Docente no Programa de Aprendizagem Profissional do SENAC - Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial, em Ribeirão Preto, SP., tendo como público, adolescentes e jovens na construção conjunta de caminhos educacionais com vistas à formação cidadã nos âmbitos pessoal, profissional e social. Neste período, busquei me integrar aos grupos tradicionais de cultura afro-brasileiras existentes no município e, no

percurso, conheci os grupos de Maracatu “Navegante” e “Baque Mulher”, desenvolvidos no Centro Cultural *Orùnmilá*, na cidade de Ribeirão Preto, interior de SP. Ao mesmo tempo, participei do “Núcleo de Capoeira Angola do Mestre Jogo de Dentro”, do qual tive receio de me aproximar, inicialmente, por imaginar que a maioria dos participantes eram homens, mas fui surpreendida pelo fato de o grupo ser majoritariamente feminino.

A presente pesquisa é, portanto, resultado da minha própria condição de mulher em busca de espaços de representação e expressão social nos termos da equidade e da resistência a toda a desigualdade e violência de gênero e em geral.

2. INTRODUÇÃO

Os grupos de manifestações tradicionais socioculturais de matriz afro-brasileira são espaços em que se pode observar, com riqueza de detalhes, a desigualdade histórica de gênero através da percepção das representações sociais das mulheres. Esta percepção foi reforçada pela referida integração desta pesquisadora ao grupo e movimento de Maracatu “Baque Mulher” e pela investigação empreendida no sentido de compreender: os motivos que levam as mulheres a se integrarem e permanecerem no grupo; identificar como as mesmas percebem esta vivência e se a associam às ideias de autonomia e empoderamento, na perspectiva de Freire (2016).

Segundo o autor, por meio da elaboração da autonomia do Ser é possível caminhar para a liberdade – no caso desta pesquisa, a autonomia das mulheres é constituída à medida que as mesmas assumem suas responsabilidades no grupo, nesta construção. Nesta mesma via, Ribeiro (2018) compreende que o empoderamento é o “comprometimento com a luta pela equidade (...), é perceber que uma conquista individual não pode estar descolada da análise política” (p. 135-136).

Observou-se, nesse sentido, na vivência junto ao grupo, que suas ações são direcionadas à promoção da equidade de gênero e enfrentamento à violência contra as mulheres; ao combate ao racismo, através do fortalecimento da identidade e cultura afro-brasileiras. Neste contexto, foi possível identificar como o “Baque Mulher” contribui para o empoderamento feminino de suas integrantes tanto na cidade de Recife, PE (lugar de sua origem) como no grupo filial de Ribeirão Preto, SP, por meio da realização de rodas de conversas e intervenções efetivas desenvolvidas junto à comunidade, constituindo um trabalho desenvolvido nos vieses cultural, social e político.

Este estudo objetivou, em termos gerais, compreender a história do grupo em pauta

e investigar de que forma sua constituição favorece o empoderamento feminino no interior das manifestações socioculturais afro-brasileiras e na vivência em sociedade, com vistas a contribuir com esse processo e a dar visibilidade a estas expressões. Para tanto, neste estudo, de cunho qualitativo, a investigação em campo foi realizada a partir da aplicação dos seguintes procedimentos: levantamento e análise de referências bibliográficas sobre os temas: manifestações socioculturais tradicionais africana e afro-brasileira; Maracatu; Gênero; de documentos históricos sobre o Maracatu; observação participante; registros em caderno de campo; registros fotográficos.

A coleta de dados foi realizada a partir de vivências desta pesquisadora junto ao grupo “Baque Mulher”, em Ribeirão Preto, SP e em encontros nacionais ocorridos nas cidades de Sorocaba, SP. e Recife, PE. Ressalta-se que a investigação foi consentida pelas lideranças locais do grupo e da Mestre Joana Cavalcante (a ser apresentada no decorrer do texto).

Em seguida, foram realizadas a interpretação analítica dos registros anotados em campo à luz das teorias relacionadas às manifestações socioculturais tradicionais africana e afro-brasileira, ao Maracatu, junto à linha de pesquisa “Sexualidade e Educação Sexual: interfaces com a história, a cultura e a sociedade”. Objetivou-se, de maneira geral, compreender a contribuição do papel feminino no Maracatu no sentido de fortalecer a equidade de gênero e o empoderamento das mulheres e inscrever este tema no âmbito acadêmico com vistas a desconstruir um contexto histórico fundamentado na desigualdade de gênero:

A ciência como um construto humano foi moldado por valores sociais e culturais que invisibilizaram e excluíram (e de certa forma ainda excluem) as mulheres da produção do conhecimento. A estrutura de gênero definiu o homem como sujeito do conhecimento e, portanto, as habilidades e características necessárias para produzir a ciência são as tidas

como masculinas, das quais as mulheres são “naturalmente” desprovidas. (SILVA, 2016, p. 44).

Esta dissertação está organizada da seguinte maneira: próxima seção discorre-se sobre os referenciais metodológico e teórico utilizados para o desenvolvimento da pesquisa, abordando: os aspectos em relação aos estudos de gênero e às desigualdades; o feminismo dialógico e a equidade de gênero; a história das mulheres negras e o feminismo negro.

A quarta seção apresenta as expressões socioculturais afro-brasileiras e a trajetória histórica da manifestação sociocultural do Maracatu a partir das Nações de “Maracatu de Baque Virado de Porto Rico” e “Encanto do Pina”, desde Mãe Elda e Mãe Sônia (as mais velhas), até a Mestra Joana Cavalcante (atual liderança). Na quinta seção são apresentados os dados, as discussões e os resultados do estudo, a partir da apresentação do Grupo de Maracatu “Baque Mulher” ressaltando-se seu aspecto de resistência e luta em defesa dos direitos das mulheres através da trajetória e trabalho da Mestra Joana Cavalcante sobre a criação do grupo em pauta, e da construção do grupo Baque Mulher de Ribeirão Preto, SP.

3. REFERENCIAL TEÓRICO E METODOLÓGICO

3.1 Estudos de gênero e as desigualdades

*Ê, Êêô, baque rosa tá na rua pedindo a paz e muito amor
Que em mulher, não se bate nem com a flor
Já dizia o Capiba, não importa sua cor
Baque Mulher, na levada do tambor
Luta contra a violência, o preconceito e o opressor*
(Loa “Baque Rosa tá na rua”. Mestra Joana Baque Mulher- BM)

Gênero é uma categoria temática de abordagem multifacetada, que durante um longo período histórico foi abordado somente no cunho biológico, ou seja, relacionado ao sexo biológico com o qual as pessoas nascem, que as definem como mulher ou homem caracterizando, desta maneira, as representações de vida e vivência em sociedade.

Segundo Saffioti (2004, p.116), gênero “diz respeito às representações do masculino e do feminino, a imagens construídas pela sociedade a propósito do masculino e do feminino, estando estas inter-relacionadas”.

O conceito GÊNERO, do início das teorizações feministas e dos estudos sobre as mulheres (nas décadas de 1970 a 1980), foi apresentado como “sinônimo” de mulher (servindo, igualmente, para definir o homem) mas, com a ênfase no conjunto dos seus atributos e definições sociais e culturais. Gênero é categoria identitária e corresponde aos aspectos sociais que distinguem as mulheres dos homens numa determinada cultura; enquanto que o SEXO compreende o conjunto dos atributos biológicos, corporais, anatômicos que nos definem. Gênero, então, inserido no entendimento de representações socioculturais, é tudo aquilo que define o “ser mulher” e o “ser homem”, bem como, o “feminino” e o “masculino” – independentemente de estarem, ou não, no mesmo sujeito. A sociedade criou uma lógica para definir a normalidade. Nessa lógica, ser mulher e ser feminina deveriam estar num mesmo corpo; assim como, ser homem e ser masculino. (SANTOS, 2019, p. 171-

172) [Grifos do autor].

A partir das lutas engajadas pelos movimentos feministas e dos estudos de gênero, a compreensão sobre esta temática vem sendo ampliada gradativamente, culminando nas teorias atuais que abordam os perfis e as representações de gênero como construções social, cultural e histórica, e não somente ao sexo biológico de nascimento.

Por volta dos anos 1990 a 2000, intensificaram-se os estudos gays e lésbicos e esses, se aproximam dos Estudos das Relações de Gênero. Percebeu-se que nas expressões das identidades, mulheres podiam tanto expressar uma conformidade entre o gênero esperado pela sociedade (ser uma mulher feminina), quanto transgredir os padrões esperados de gênero (por exemplo, se sentir uma mulher, contudo, apresentar uma identidade masculina. O mesmo em relação aos homens: embora a sociedade espere que todos os homens se apresentem, socialmente, com o aspecto masculinos (conforme os padrões esperados da cultura), alguns homens podem apresentar uma identidade com o feminino. (SANTOS, 2019, p. 172)

Atualmente, compreende-se a diversidade sexual e de gênero como multifacetadas, abrangendo a identidade de gênero que, segundo Lanz (2015, citado por Santos, 2019, p. 172), é o “modo como uma pessoa se reconhece, a despeito da classificação recebida ao nascer em função do seu sexo biológico”. Nesse sentido, de acordo com Santos (2019, p. 173):

Alguém que nasce com uma biologia (sexo) e se identifica com ela e, ainda, identifica-se também, com o gênero esperado para o seu sexo (mulher-feminina ou homem-masculino) é denominada, uma pessoa CISGÊNERO (Do latim, Cis = do mesmo lado). Há pessoas que

não se identificam com o seu sexo (constatado ao nascimento) nem com o gênero esperado (que lhes é atribuído pela sociedade). Essas pessoas são denominadas de TRANSGÊNERO.

Também são reconhecidas as pessoas agênero, que não se identificam com nenhum gênero, e as pessoas não binárias, que não se reconhecem nem como homem ou mulher, entre outras identidades de gênero que vêm sendo reconhecidas ao longo da história.

Para abordar a questão da orientação sexual, é importante compreender que esta envolve, segundo Jesus (2012, p. 20) “atração afetivossexual por alguém. Vivência interna relativa à sexualidade. Diferente do senso pessoal de pertencer a algum gênero”. As pessoas que se atraem por outras do mesmo gênero são homossexuais (gays ou lésbicas), as que se atraem por gêneros opostos, são pessoas heterossexuais, e as que se atraem por ambos, se identificam como bissexuais. As que se reconhecem como pansexuais são aquelas que se atraem por pessoas diversas, e não se reconhecem nessa binaridade de atração por homens e/ou mulheres.

Atualmente, pode-se tratar a questão da orientação sexual como pluriafetividades, diante da diversidade de possibilidades com as quais as pessoas se reconhecem e se identificam. Nesta perspectiva, faz-se necessário demarcar o reconhecimento das lutas das mulheres pela conquista da equidade de gênero, porque historicamente tem se construído uma concepção de gênero pautada no cunho biológico, em uma sociedade machista, androcêntrica e patriarcal, tendo como centro e base de superioridade a figura masculina, sendo que as mulheres têm sofrido com essa desigualdade nos âmbitos social, cultural, da economia, do mercado de trabalho, das relações afetivo- sexuais, entre outros:

Há muito tempo, afirmou-se que os homens ignoram o altíssimo preço, inclusive emocional (mas não só), que pagam pela amputação de facetas de suas personalidades, da exploração- dominação que exercem sobre as mulheres. Desta forma, não se trata de uns serem melhores

que outros, mas de disputa pelo poder, que comporta, necessariamente, controle e medo. (SAFFIOTI, 2004, p. 121)

A desigualdade de gênero existente na sociedade brasileira culmina em diversas violências sofridas pelas mulheres, já que, de acordo com Saffioti (2004, p. 122), “o valor central da cultura gerada pela dominação- exploração patriarcal é o controle, valor que perpassa todas as áreas da convivência social”.

É fundamental destacar que entre mulheres também há desigualdades e níveis de violência diferenciados, a depender se são pessoas com deficiência, da questão étnico-racial, das classes sociais, da identidade de gênero, da orientação sexual, das condições sociais e culturais que as sujeitam às diversas violências, já que “não se trata de variáveis quantitativas mensuráveis, mas sim de determinações de qualidades que tornam a situação destas mulheres muito mais complexas” (Saffioti, 2004, p. 115). Desta forma,

Ninguém, nem mesmo homossexuais masculinos e femininos, travestis e transgêneros, fica fora do esquema de gênero patriarcal (...) O patriarcado serve a interesses dos grupos/classes dominantes e o sexismo não é meramente um preconceito, sendo também o poder de agir de acordo com ele (SAFFIOTI, 2004, p. 122-123).

Nesse sentido, a autora retrata que o fenômeno social do preconceito autoriza as pessoas que assim agem, a discriminarem grupos sociais de maneira a marginalizá-los da convivência social, colocando as pessoas em condições de subordinação ou segregação a grupos específicos, ou da sociedade em geral.

Partindo desta compreensão da importância dos movimentos feministas junto aos estudos de gênero ao longo destes processos históricos de prevenção e enfrentamento às desigualdades e violências contra populações LGBTQIA+ (Lésbicas, gays, bissexuais,

transesuxais/transgêneros, travestis, *queer*, intersexo, assexuais, agêneros +), reafirma-se a abordagem do feminismo dialógico, pautando-se a luta por equidade de gênero.

3.2 Feminismo dialógico e equidade de gênero

*Nasceu, com as cores definidas
Mulherada na ativa, fortaleza e poder
Na batida, Baque Rosa é ação
É a fundamentação, na história da nação
O machismo, aqui dentro não se cria
Orixá é nosso guia, muito axé
pra nos mover
Vem guerreiras, fazer parte dessa família
União agente tem, aqui ninguém solta ninguém
HÊ EE Baque Mulher corre pra ver, HÊ EE quem nunca viu vem conhecer
(Loa “Baque Rosa é ação”- Baque Mulher)*

Puigvert (2001) inicia sua obra “*Las otras mujeres*” destacando o feminismo como um dos movimentos sociais mais importantes do século XX que, por meio de reivindicações das mulheres, tem apoiado a conquista de espaços antes negados por questões de gênero, influenciando o século XXI.

Em meados de 1992, a autora acima referida inicia um trabalho com educação de pessoas adultas e, ao conviver com mulheres sem formação acadêmica, identifica a força de luta e transformações pessoal e social que as mesmas demonstraram no sentido de superarem expressões da desigualdade de gênero. Foi constatado, pela autora, que aquelas mulheres traçavam reflexões mais profundas do que as pertencentes ao espaço de que participava, vislumbrando-se a possibilidade de identificar pautas afins entre ela e estas mulheres.

A partir de então, Puigvert inclinou-se intensamente para a investigação, construção teórica e reflexão da prática, junto ao Centro de Investigação Social e Educativo da Universidade de Barcelona- CREA, buscando referências teóricas com foco na

transformação social das relações de gênero.

Ao longo destes processos, ficou mais perceptível que existia uma intensa mobilização feminista com diversas correntes, em geral progressistas e partidárias que, no entanto, não se dedicavam a incluir nas reflexões a maioria de “*Las Otras Mujeres*”, o então coletivo de mulheres sem formação acadêmica, com ou sem formação básica, em especial as integrantes da educação de pessoas adultas de orientação dialógica.

Em Barcelona, no ano de 1994, foi realizado o Congresso Internacional Novas Perspectivas Críticas em Educação, quando Puigvert apresenta a proposta de um feminismo comunicativo ou dialógico, propondo a ação coordenada de todas as mulheres, sem discriminação socioeconômica, para superação das expressões de desigualdade, com vistas ao fortalecimento da ação de todas as mulheres para mudar o curso da história.

O feminismo dialógico apresenta como bases teóricas os sete princípios da aprendizagem dialógica construídos por Flecha (1997), quais sejam: diálogo igualitário; inteligência cultural; transformação; dimensão instrumental; criação de sentido; solidariedade; e igualdade de diferenças.

Flecha (1997, p. 14) relata que “o diálogo é igualitário ao considerar as diferentes contribuições baseadas na validade de seus argumentos, em vez de valorizá-las pelas posições de poder daqueles que as fizeram”. As pessoas envolvidas aprendem, já que as interpretações têm como base os argumentos apresentados, estando sempre pendentes para perguntas futuras. Dessa maneira, sem uma definitiva conclusão, todos e todas aprendem entre si, tendo oportunidades igualitárias de fala, escuta e aprendizado conjunto.

Segundo o autor, a inteligência cultural sinaliza que todas as pessoas têm potencial para participar do diálogo igualitário, e se expressam de maneiras diferentes dependendo do ambiente em que se encontram. Contrapondo a imposição de grupos privilegiados que se colocam como superiores na comunicação em relação a outros setores, caso o diálogo

igualitário seja desenvolvido, a aprendizagem dialógica propõe a inclusão da pluralidade de dimensões da interação humana, ou seja, “Pressupõe uma interação onde diferentes pessoas desenvolvem uma relação com a comunicação verbal e não verbal (ação comunicativa). Assim, chegam a entendimentos nos âmbitos cognitivo, ético, estético e afetivo” (FLECHA, 1997, p. 21).

A aprendizagem dialógica demonstra, portanto, que as relações entre as pessoas e suas realidades são transformadas e, nesta perspectiva, “se defende a possibilidade e conveniência das transformações igualitárias que sejam resultado do diálogo, não sendo impostas suas próprias ideias a das demais pessoas e coletivos” (Idem, 1997, p. 30).

Ao contrário do argumento de muitos conservadores e progressistas, de que as aprendizagens instrumental e dialógica são opostas, a aprendizagem dialógica engloba todos os aspectos da aprendizagem, ou seja, “a aprendizagem dialógica se intensifica quando é desenvolvido um adequado marco dialógico [...] o diálogo e a reflexão fomentam o desenvolvimento da capacidade de seleção e processamento de informações... quando o diálogo é igualitário é fortalecida uma intensa reflexão” (FLECHA, 1997, p. 33).

A dimensão da criação de sentido pressupõe garantir condições que desenvolvam uma aprendizagem que favoreça a interação das demandas e necessidades das pessoas envolvidas. Em outras palavras, “Do diálogo igualitário entre todas as pessoas é onde pode surgir o sentido que oriente as novas mudanças sociais para uma vida melhor... O sentido ressurge quando a interação entre as pessoas é conduzida por elas mesmas” (FLECHA, 1997, p. 36).

A aprendizagem dialógica contrapõe, assim, as afirmações de que os meios criam os sentidos. Nesta dimensão, as pessoas são responsáveis pela criação dos meios, das mensagens e dos sentidos em suas existências já que, por meio da interação, constroem a linguagem, enfrentando sistemas burocráticos que desenvolvem estratégias linguísticas

excludentes de manutenção de poder.

Os espaços que promovem uma aprendizagem que respeita a individualidade das pessoas e asseguram o seu desenvolvimento neste processo, possibilitam que as mesmas encontrem sentido no que estão aprendendo, o que potencializa a confiança de quem aprende, e estimula suas realizações pessoais e coletivas. A dimensão da solidariedade, segundo Flecha (1997, p. 39) pressupõe que

as práticas educativas igualitárias só podem fundamentar-se em concepções solidárias. A teoria da ação comunicativa de Habermas, a perspectiva emancipadora de Freire, a proposta de aprendizagem dialógica do CREA e muitas outras teorias e práticas levam a afirmar categoricamente que democracia, igualdade, paz e liberdade sexual são mais desejáveis que ditadura, desigualdade, guerra ou violação, e que a educação tem que trabalhar a favor das primeiras e contra as segundas.

Flecha (1997) sinaliza que a dimensão da igualdade de diferenças é a igualdade real, a qual questiona a igualdade homogeneizadora com a ideia de diversidade que não leva em conta a equidade. Nesta perspectiva, todas as pessoas têm o mesmo direito de ser e de viver de forma diferente e, ao mesmo tempo, serem tratadas com o mesmo respeito e dignidade. Segundo Freire (2016), não será possível conceber as diferenças de maneiras tolerante e igualitária enquanto estas estiverem associadas à ideia de que uma cultura é superior à outra. O grande desafio é entender que não basta apenas reconhecer as diferenças para ter uma educação igualitária, mas é fundamental que todas as pessoas, independentemente de sua origem, cultura, crença, etc., estejam incluídas e que suas vozes sejam ouvidas.

Nesse sentido, percebendo equidade de gênero como um processo de lutas das mulheres, é necessária uma abordagem sobre autonomia e liberdade. De acordo com Freire

(2016, p. 105), há uma correlação intrínseca entre liberdade e autonomia, uma vez que

é decidindo que se aprende a decidir... ninguém é autônomo primeiro para depois decidir. A autonomia vai se constituindo na experiência de várias, inúmeras decisões que vão sendo tomadas [...] Ninguém é sujeito da autonomia de ninguém... A autonomia, enquanto amadurecimento do ser para si, é processo, é vir a ser (...) é nesse sentido que a pedagogia da autonomia tem de estar centrada em experiências estimuladoras da decisão e da responsabilidade, vale dizer, em experiências respeitadas da liberdade.

O movimento dialógico da sociedade provoca continuamente o ato de dedicar maior atenção às vozes de todas as pessoas e não somente às que foram escutadas até o momento. O movimento “*Las Otras Mujeres*” destaca que as mulheres acadêmicas precisam assumir a superação da incoerência de defender um discurso dialógico, porém excludente, e propor radicalmente o conceito de igualdade que supere a interpretação homogênea, com a pluralidade de vozes e inclusão de mulheres de diferentes formações e culturas. (PUIGVERT, 2001)

As pautas de luta por equidade de gênero, tendo a atenção voltada para as especificidades existentes nos grupos de mulheres, exigem das participantes uma atitude igualitária e solidária, reforçando a premissa proposta por Puigvert e Muñoz (2012) que argumentam que é possível chegar a um consenso na busca por objetivos em comum diante de realidades diversas entre mulheres, sendo fundamental que as mulheres “populares” tenham acesso aos espaços de diálogo e de construção da equidade de gênero.

As autoras relatam que “*Las Otras Mujeres*” na Espanha são as mulheres que realmente proporcionam transformações sociais para as realidades em que vivem, porém vivenciam muitas dificuldades dentro do próprio movimento feminista, por terem sido excluídas destes espaços devido à ausência de formação acadêmica, exclusão entre

mulheres que Puigvert (2001) busca desconstruir quando traz a perspectiva do feminismo dialógico.

Puigvert e Muñoz (2012) relatam uma situação em que “*Las Otras Mujeres*” sofrem discriminações na Associação de Heura⁴, onde convivem com mulheres acadêmicas, técnicas e que trabalham no serviço público. Ocorre que as mulheres acadêmicas não proporcionam diálogo igualitário com as mulheres “populares”, demonstrando esta desigualdade, exclusão e as relações de poder.

Destaca-se, ainda, que, desde os anos 1980, as mulheres de Heura lutam contra essas barreiras que tentam impedi-las de participar dos espaços públicos, políticos e acadêmicos, tanto no âmbito nacional como internacional, buscando caminhos para serem autônomas e construir alternativas para transformar e encontrar possibilidades de melhoria da realidade em que vivem.

No Brasil, em agosto de 2007, o Núcleo de Investigação e Ação Social e Educativa da Universidade Federal de São Carlos – NIASE UFSCar, criou o Grupo de Relações de Gênero e Feminismo Dialógico, realizando atividades de pesquisa e aprofundamento teórico em torno do Feminismo Dialógico com as seguintes bases: “a) relações sociais que configuram historicamente práticas de violência e depreciação contra as mulheres; b) resistência e luta de diferentes mulheres para superar, em diálogo, esse processo de desigualdade e exclusão, bem como de desigualdades existentes entre as próprias mulheres” (Cherfem, 2009, p. 06).

Além disso, o NIASE criou um Grupo de Mulheres, em conjunto com mulheres não acadêmicas, residentes em regiões de vulnerabilidade social da cidade de São Carlos – SP, mais especificamente, no Centro de Referência da Assistência Social- CRAS, na

⁴ Uma associação sem fins lucrativos gerida por mulheres que participam de um centro de educação de pessoas adultas em um bairro de Barcelona com forte mobilização de bairro. (PUIGVERT e MUÑOZ, 2012, p. 10)

perspectiva do feminismo dialógico, segundo o qual

a autoconfiança se gera a partir da interação com outras companheiras, falando sobre como resolvem os conflitos em casa, como aconselham suas amigas, refletindo sobre os avanços da mulher na sociedade e sobre as condições melhores que podem ter suas filhas e filhos, bem como compartilhando as estratégias que criam para diversas atividades. Os grupos possibilitam que mulheres reflitam sobre as suas vidas e compartilhem os problemas que vivenciam.(...) Em diálogo, percebem que existem diferentes formas de superação destes problemas (...) Percebem, ainda, que não existe um único modelo de ser mulher, e que diferentes experiências podem ser respeitadas (...) possibilita a busca por informações de diferentes temáticas que correspondem à vida feminina (...) aos direitos das mulheres em casos de violência (...) Ao discutir a temática mulher e trabalho, a questão das empregadas domésticas e dos direitos trabalhistas das mesmas, bem como os preconceitos sofridos pelas mulheres negras ao buscarem trabalho e a discriminação racial surgiram com força e foram analisados, dialogados, compartilhados, sob diferentes perspectivas, conhecimentos e experiências (CHERFEM, 2009, p. 09-10).

A proposta do feminismo dialógico vem ao encontro do que Mestra Joana constrói com o Baque Mulher – possibilitar espaço para que as mulheres possam dialogar igualitariamente sobre as suas demandas, respeitando a igualdade de diferenças, honrando as origens africanas e afro-brasileiras e lutando, cotidianamente, pelo fortalecimento e respeito ao Maracatu como manifestação sociocultural de matriz africana, enfrentando o racismo e construindo caminhos pela equidade de gênero: “Resistimos à dominação hegemônica do pensamento feminista insistindo que ele é uma teoria em formação, em que devemos necessariamente criticar, questionar, reexaminar e explorar novas possibilidades” (Hooks, 2015, p. 202).

3.3 A história das mulheres negras e o feminismo negro

*Eu sou do GUETO, mulher preta sim senhor!
 Periferia sou favela PINA BODE com amor
 Sou mulher negra o racismo, é opressor
 Sinto a cor da minha pele incomodar por onde vou
 Periferia, sou periferia
 Meu baque é forte, de Guerreira, sim senhor!
 Luta contra a violência, o preconceito e o opressor.
 Periferia, sou periferia
 Baque Mulher, é periferia
 (Loa “Periferia” Mestra Joana Cavalcante)*

O racismo estrutural brasileiro tem aspectos históricos importantes de serem destacados, e como sinaliza Bell Hooks (2015), este é notável nas produções de feministas brancas, que enfatizam a supremacia branca, impossibilitando que as mulheres se integrem politicamente, ultrapassando limites étnicos e raciais: “A recusa feminista, no passado, a chamar a atenção para hierarquias raciais e as atacar, suprimiu a conexão entre raça e classe” (p. 195).

Carneiro (2003) retrata as diversas conquistas que o movimento feminista vem galgando ao longo da história brasileira, sinalizando o marco da Constituição Federal de 1988, a qual contempla 80% de propostas encaminhadas pelo mesmo, tais como a criação de políticas públicas para as mulheres, mudança do caráter de privado para público em relação à questão da violência, criação de conselhos de direitos e delegacias especializadas no atendimento às mulheres, autonomia em relação à sexualidade, direitos sexuais e reprodutivos, ter o direito de escolher sobre ser ou não mãe, como e quando, e a determinação de Marta Suplicy com exigência de que 20% da legenda de candidaturas sejam femininas, entre outros.

A autora enfatiza estes avanços e refere que, por um longo período de tempo, o movimento feminista reproduziu a visão eurocêntrica e universalizante das mulheres, demarcando a invisibilização e o silenciamento de diferenças e desigualdades femininas, referentes às mulheres vítimas de outras expressões de opressão para além do sexismo.

Enegrecendo o feminismo é a expressão que vimos utilizando para designar a trajetória das mulheres negras no interior do movimento feminista brasileiro. Buscamos assinalar, com ela, a identidade branca e ocidental da formulação clássica feminista, de um lado; e, de outro, revelar a insuficiência teórica e prática política para integrar as diferentes expressões do feminino construídos em sociedades multirraciais e pluriculturais. Com essas iniciativas, pôde-se engendrar uma agenda específica que combateu, simultaneamente, as desigualdades de gênero e intragênero; afirmamos e visibilizamos uma perspectiva feminista negra que emerge da condição específica do ser mulher, negra e, em geral, pobre, delineamos, por fim, o papel que essa perspectiva tem na luta antirracista no Brasil. (CARNEIRO, 2003, p. 118)

Davis (2013), em sua obra “Mulheres, raça e classe”, retrata como ocorreu o processo de escravização das mulheres negras na América:

Proporcionalmente mais mulheres negras sempre trabalharam fora de casa do que as suas irmãs brancas. O enorme espaço que o trabalho ocupou na vida das mulheres negras, segue hoje um modelo estabelecido desde o início da escravatura. Como escravas, o trabalho compulsoriamente ofuscou qualquer outro aspecto da existência feminina. Parece assim, que o ponto de partida de qualquer exploração da vida das mulheres negras sob a escravatura começa com a apreciação do papel de trabalhadoras. (DAVIS, 2013, p. 10)

Davis (2013) sinaliza que as mulheres eram consideradas e tratadas como mais “femininas” ou “masculinas” ao mando e necessidade dos homens, ou seja, se precisavam delas para trabalhar em serviços ditos mais “pesados” fisicamente, teriam que se vestir com roupas e ter atitudes características dos estereótipos masculinos, e para serem exploradas em outros aspectos, as mulheres negras eram consideradas femininas porque somente a elas cabiam essas representações, a exemplo do abuso e exploração sexual realizados por parte

dos senhores de pessoas negras escravizadas.

As mulheres não eram “ muito femininas” para trabalharem nas minas, nas fundições de ferro ou para serem lenhadoras ou escavadoras de vala (garimpeiras) (...) Exigidas pelos seus donos a serem “masculinas” na performance do seu trabalho como se fossem homens, as mulheres negras devem ter sido profundamente afetadas pelas suas experiências durante a escravatura. Algumas, sem dúvida, foram quebradas e destruídas, no entanto a maioria sobreviveu e, no processo, adquiriu qualidades consideradas tabus pela ideologia do século XIX sobre a natureza feminina. (DAVIS, 2013, p. 14- 15)

Ribeiro (2018), em “Quem tem medo do feminismo negro”, relata experiências que demarcam o racismo vivenciado em sua trajetória, referindo situações excludentes na escola, na inserção no mercado de trabalho, no acesso à universidade, etc., que marcam a desigualdade racial existente no país a impossibilitar o acesso e a convivência igualitários entre pessoas com contextos de vida e históricos desiguais: “Como passava muito tempo sozinha, eu fantasiava demais (...) às vezes eu me imaginava fora das situações cotidianas para não enfrentar a realidade. Esses momentos aliviavam a náusea, mas o sentimento de inadequação permanecia” (Ribeiro, 2018, p. 11).

Segundo a autora, seu pai enfatizou a importância de que ela frequentasse a escola, porém enquanto criança ela não compreendia e sentia raiva dele, devido aos preconceitos e violências que sofria neste espaço. Questionava quando ele buscava contribuir com o seu empoderamento em relação à sua identidade e ao seu cabelo, pensando “Isso porque não é no seu cabelo que eles escondem borracha (...) orgulho de quê? De ser a neguinha feia do cabelo duro? ” (Ribeiro, 2018, p. 14).

A vontade de ser aceita nesse mundo de padrões eurocêtricos é tanta que você literalmente se machuca para não ser a neguinha do cabelo duro que ninguém quer (...) A sensação de

não pertencimento era constante e me machucava, ainda que eu jamais comentasse a respeito. Até que um dia, num processo lento e doloroso, comecei a despertar para o entendimento. Compreendi que existia uma máscara calando não só a minha voz, mas minha existência (RIBEIRO, 2018, p. 15).

Ao acessar o curso de jornalismo na faculdade, Ribeiro (2018) relata que, à procura de trabalho, conseguiu uma vaga como auxiliar de serviços gerais, sendo que seu currículo era melhor do que outras pessoas do escritório. Sua mãe não queria que ela aceitasse para não perpetuar o processo de exclusão, porém ela insistiu e relata que “chegava na faculdade cheirando a água sanitária, mas, numa época anterior a políticas afirmativas importantes – como as cotas raciais e o Prouni, por exemplo – trabalhar para pagar a mensalidade era a única opção” (p. 16).

o “não lugar” de mulher negra pode ser doloroso, mas também potente, pois permite enxergar a sociedade de um lugar social que faz com que tenhamos ou construamos ferramentas importantes de transcendência. Talvez aí eu tenha percebido a estratégia de ver a força da falta como uma mola propulsora de construção de pontes (RIBEIRO, 2018, p. 23).

A autora segue compartilhando com as pessoas como ela preenchia cada tempo vago, entre a faculdade e o trabalho, para fazer suas leituras. E foi com apoio e parceria de outras mulheres negras, quando conheceu a Casa de Cultura da Mulher Negra, que ela acessou uma vaga de emprego que, enfim, reconhecia a sua formação, favorecendo que ultrapassasse limites impostos pela sociedade racista, também reproduzidos em algumas práticas feministas:

As práticas excludentes das mulheres que dominam o discurso feminista praticamente impossibilitaram o surgimento de novas e variadas teorias. O feminismo tem sua “linha justa”, e as mulheres que sentem necessidade de uma estratégia diferente, um alicerce diferente, muitas vezes se veem marginalizadas e silenciadas (HOOKS, 2015, p. 201).

Neste espaço, Ribeiro teve conhecimento de obras que retratam a história das mulheres negras com autorias de Bell Hooks, Carolina Maria de Jesus, Lima Barreto, Sueli Carneiro, Alice Walker, Toni Morrison, relatando: “só então compreendi por que muitas vezes eu não me identificava com um feminismo dito universal: porque as especificidades das mulheres negras não eram consideradas” (Ribeiro, 2018, p. 17), como aponta Hooks (2015) sobre sua história de vida e entraves diversos vivenciados que possibilitaram identificar e criar forças para fortalecer o movimento feminista de maneira mais igualitária:

Minha consciência da luta feminista foi estimulada pela circunstância social. Tendo crescido em uma família negra do sul dos Estados Unidos, de classe trabalhadora e dominada pelo pai, eu vivenciei (como aconteceu com minha mãe, minhas irmãs e meu irmão) diferentes graus de tirania patriarcal, e isso me deixou com raiva – deixou-nos todos com raiva. A raiva me fez questionar a política de dominação masculina e me permitiu resistir à socialização sexista (HOOKS, 2015, p. 202-203).

Outro aspecto fundamental de se abordar o tema da desigualdade racial e seus graves impactos é apontado pelo Atlas da Violência de 2019 no âmbito da violência contra as mulheres e do feminicídio:

enquanto a taxa de homicídios de mulheres não negras teve crescimento de 1,6% entre 2007 e 2017, a taxa de homicídios de mulheres negras cresceu 29,9%. Em números

absolutos a diferença é ainda mais brutal, já que entre não negras o crescimento é de 1,7% e entre mulheres negras de 60,5%. Considerando apenas o último ano disponível, a taxa de homicídios de mulheres não negras foi de 3,2 a cada 100 mil mulheres não negras, ao passo que entre as mulheres negras a taxa foi de 5,6 para cada 100 mil mulheres neste grupo (p. 38).

Os dados deste documento também demarcam que o aumento de violência letal contra mulheres negras representa 66% das mulheres assassinadas no Brasil em 2017, realidade que destaca a incapacidade do Estado em efetivar políticas públicas igualitárias que enfrentem a desigualdade racial:

Nós, mulheres negras sem qualquer “outro” institucionalizado que possamos discriminar, explorar ou oprimir, muitas vezes temos uma experiência de vida que desafia diretamente a estrutura social sexista, classista e racista vigente, e a ideologia concomitante a ela. Essa experiência pode moldar nossa consciência de tal maneira que nossa visão de mundo seja diferente da de quem tem um grau de privilégio (mesmo que relativo, dentro do sistema existente). (HOOKS, 2015, p. 208)

Nesta perspectiva, a presente pesquisa retrata alguns aspectos relacionados à questão étnico racial com foco nas mulheres, tendo em vista que a proposta da Mestra Joana Cavalcante de criação do grupo e movimento Baque Mulher, foi ao encontro do enfrentamento ao racismo, somando forças ao empoderamento feminino, na prevenção e eliminação da desigualdade e violência de gênero, mediante o fato de que as mulheres negras, das favelas, e de classes sociais mais baixas são as que mais sofrem suas consequências.

3.4 Referencial metodológico

Foram realizados estudos exploratórios para levantamento e análise das referências bibliográficas bem como dos documentos históricos sobre o Maracatu, a fim de desenvolver uma pesquisa analítica descritiva sobre as teorias relacionadas às manifestações socioculturais tradicionais de matriz africana e afro-brasileira, a tradição⁵ sociocultural do Maracatu e os estudos de gênero. Concomitantemente a esta etapa, foram cumpridos os créditos para a realização do mestrado.

O percurso metodológico desenvolvido foi pautado em observação participante⁶ com registros em notas de campo⁷, por meio da participação da pesquisadora nos ensaios musicais, nas oficinas, vivências e rodas de conversa como integrante do grupo filial de Ribeirão Preto e participante do V *Xirê*⁸ do grupo de Maracatu *Mukumby* Sorocaba em 2019, e dos III e IV Encontros Nacionais do Maracatu Baque Mulher, realizados em Sorocaba 2018, e em Recife, 2019.

Para desenvolver este estudo, foi estabelecido diálogo com as lideranças locais de Ribeirão Preto e com a Mestre Joana, a fim de solicitar autorização para a realização desta pesquisa. Em seguida, foi proposta uma roda de conversa com as integrantes do grupo de

⁵ Para os maracatus nação, a tradição tem um grande valor/significado. É através das memórias compartilhadas que a ideia de tradição se reproduz, ouvindo os mais velhos contarem como eram os antigos maracatus e lembrarem histórias de antigos reis ou rainhas, mestres e batuqueiros. Os maracatuzeiros e maracatuzeiras estão imersos numa comunidade de sentidos em que práticas e memórias são compartilhadas constantemente, conferindo-lhes características próprias. (DOSSIÊ DO MARACATU NAÇÃO, p. 22)

⁶ O investigador introduz-se no mundo das pessoas que pretende estudar, tenta conhecê-las, dar-se a conhecer e ganhar a sua confiança, elaborando um registo escrito e sistemático de tudo aquilo que ouve e observa. (BOGDAN, 1994, p. 16)

⁷ O resultado bem-sucedido de um estudo de observação participante em particular, mas também de outras formas de investigação qualitativa, baseia-se em notas de campo detalhadas, precisas e extensivas. Nos estudos de observação participante todos os dados são considerados notas de campo; este termo refere-se coletivamente a todos os dados recolhidos durante o estudo, incluindo as notas de campo, transcrições de entrevistas, documentos oficiais, estatísticas oficiais, imagens e outros materiais. (BOGDAN, 1994, p. 150)

⁸ *Xirê* é uma palavra *Yorubá* que significa roda, ou dança para a evocação dos Orixás conforme cada nação. (ALVES, 2017, p. 18)

Ribeirão Preto, para apresentação do estudo, sendo que as mulheres citadas e envolvidas no Movimento Baque Mulher concordaram e confirmaram a importância do trabalho, colocando-se à disposição para contribuições necessárias. Em seguida, foi realizada uma interpretação analítica⁹ dos registros colhidos nas notas de campo, almejando desvendar a contribuição do papel feminino no Maracatu e no fortalecimento da equidade de gênero e do empoderamento das mulheres.

⁹ A tarefa analítica, ou seja, a tarefa de interpretar e tomar compreensíveis os materiais recolhidos. (BOGDAN, 1994, p. 205)

4. EXPRESSÕES SOCIOCULTURAIS AFRO-BRASILEIRAS E A QUESTÃO ÉTNICO-RACIAL

*O axé da minha nação vem do meu barracão sou Encanto do Pina
Com as folha, alfazema e danda
Vou pro meu carnaval com proteção divina
Minha avó que tem conhecimento
Cuida dos fundamento pra eu desfilar
Com a força do meu barracão
Saio na proteção com os meus orixás*
(Loa “Axé da minha nação”- Nação Encanto do Pina)

Para descortinar-se a história das expressões socioculturais brasileiras, convida-se as pessoas leitoras desse trabalho a caminharem pelo reconhecimento e fortalecimento das origens africanas que possibilitaram potencializar identidades culturais constituídas, atualmente, como expressões socioculturais afro-brasileiras.

Munanga (2012) aponta que um dos componentes fundamentais da construção da identidade ou de uma personalidade coletiva é o fator histórico, sinalizando que

o essencial para cada povo é reencontrar o fio condutor que o liga a seu passado ancestral o mais longínquo possível. A consciência histórica, pelo sentimento de coesão que ela cria, constitui uma relação de segurança a mais certa e a mais sólida para o povo. É a razão pela qual cada povo faz esforço para conhecer sua verdadeira história e transmiti-la às futuras gerações (p. 12).

Rodrigues (1997, p. 28), em sua obra “Bailarino Pesquisador Intérprete”, aborda a questão da diversidade cultural brasileira, ressaltando a questão da opressão colonizadora a qual culminou no surgimento de “infinitas redes das relações humanas”, tendo como bases as diversas expressões advindas da “herança negra” com sua força de resistência.

Schwarz (2012) sinaliza a questão racial desde a época do Brasil Colônia,

quando era ainda uma América portuguesa (...) o tema da cor nos distinguiu. Os primeiros viajantes destacavam sempre a existência de uma natureza paradisíaca, mas lamentavam a ‘estranheza de nossas gentes (...) a América não era apenas imperfeita, mas também decaída, e assim estava dado o arranque para que a tese da inferioridade do continente, e de seus homens, viesse a se afirmar a partir do século XIX. O fato é que, seja nas versões mais positivas, seja nas evidentemente negativas, esse então Novo Mundo sempre foi “um outro”, marcado por suas gentes com costumes tão estranhos (p. 11).

O conceito de raça data do século XVI, e os teóricos deterministas raciais surgem no século XVIII. Anteriormente à vinculação da questão biológica ao tema raça, já existia a ideia de “grupos ou categorias de pessoas conectadas por uma origem comum” (Schwarcz, 2012, p. 17), não tendo uma vinculação de ordem mais natural.

A fim de seguir esta trajetória, é fundamental ampliar a visão para além do processo educacional escolar que a muitos e muitas de nós foi possibilitado, em uma lógica eurocêntrica que desconsidera e minimiza os impactos da dívida histórica com a população negra que foi brutalmente retirada de suas terras e escravizada no Brasil, sendo que os colonizadores adotaram como estratégia, a negação da humanidade e das culturas dos povos africanos.

Contrapondo-se ao eurocentrismo e aos processos de escravidão e colonização ocorridos com povos africanos e indígenas na América, a afirmação da importância da cultura para as sociedades é retratada por Munanga (2012) como

herança coletiva de uma sociedade, a cultura é o conjunto de objetos materiais que permitem ao grupo assegurar a sua vida cotidiana, de instituições que coordenam as atividades dos membros do grupo, de representações coletivas que constituem uma concepção do mundo, uma moral, uma arte. E esse conjunto é transmitido de geração a

geração, para cada membro da sociedade através do processo educativo (p. 84).

Algumas das consequências desse processo de negação da humanidade e da cultura das populações negras, pautado no discurso racial construído historicamente para justificar a escravidão e colonização, podem ser identificadas no racismo, no preconceito, no desrespeito, na discriminação, na invisibilização e na falta de reconhecimento e incentivo público às expressões socioculturais afro-brasileiras, como o Maracatu e as Congadas:

São vários os autores que adotaram esse tipo de modelo e teoria, que procurava “naturalizar” diferenças e fazer de questões políticas e históricas dados “inquestionáveis” da própria biologia. E de fato o termo *raça* se imporia como conceito no país, vinculando-se de alguma maneira aos próprios destinos da nacionalidade. (SCHWARCZ, 2012, p. 17):

As expressões socioculturais afro-brasileiras demarcam aspectos essenciais às origens africanas – a história e tradição orais –, que se contrapõem ao aspecto imposto pela cultura europeia da linguagem escrita como dominante enquanto transmissão de conhecimento e cultura.

Paulo Cesar Pereira de Oliveira¹⁰ relatou este aspecto em uma oficina de Cultura e Tradição *Yorubá*, no Centro Cultural *Orùnmilá* – da qual esta pesquisadora participou – ao convidar as pessoas a interagirem mais com ele, que conduzia a oficina. Mencionando a história e a tradição oral como características dos povos africanos, referiu o seguinte dizer:

¹⁰ Nascido em Ribeirão Preto, em 1954, no antigo Bairro de Bangu, que na época era o reduto da população negra, apartada dos bairros ocupados pela população branca [...] Ali se desenvolveu a identidade de um homem negro, comprometido com o combate ao racismo e com a promoção e defesa das tradições africanas trazidas para o Brasil, por homens e mulheres escravizados, iniciado na tradição dos Orixás. Em 1983 voltou para Ribeirão Preto, após anos vivendo na capital paulista, e junto com a família fundou o *Egbé Awo Àse IYá Mésòn Òrun* e o Centro Cultural *Orùnmilá* em 1994, comprometendo-se indelevelmente com a luta da população negra e periférica da zona norte da cidade, utilizando a ancestralidade africana como instrumento de libertação e de promoção cidadã. (OLIVEIRA, 2011 [primeira orelha do livro])

“uma pessoa idosa que morre é uma biblioteca viva que deixa de existir”; enquanto todos anotavam suas palavras, Paulo chamou a atenção para o fato de que os participantes “ficavam presos à escrita, anotando tudo o que falamos” e ressaltou a desvalorização da tradição oral.

Nesse sentido, compreende-se que, nas expressões socioculturais afro-brasileiras, a tradição oral é marcante e se mantém viva na maneira como as pessoas se organizam, vivenciam e convivem nos grupos e em sociedade por meio da transmissão de conhecimentos e saberes passados de gerações mais antigas até as mais jovens, como sinaliza Machado (2006):

A Tradição Oral é a grande escola da maioria dos povos africanos. As culturas africanas não são isoladas da vida. Aprende-se observando a natureza, aprende-se ouvindo e contando histórias. Nas culturas africanas, tudo é “História”. A grande história da vida compreende a História da terra e das águas, a História dos vegetais e farmacopéia, a História dos astros, a História das águas e assim por diante (...) (p. 79).

A própria maneira de aprender os fundamentos, os toques, os cantos e as danças no Maracatu, é permeada pela tradição oral. Não há um ensino musical formal, como existe em escolas técnicas de música. As pessoas ensinam e aprendem observando, conversando, convivendo, sem utilização das notas musicais, a não ser as que acompanham as batidas do coração e outros sons que são comparados para facilitar o aprendizado.

A força da oralidade é representada pelo Maracatu, sendo que mesmo com todo o processo de escravidão e de racismo, a ancestralidade se mantém viva por meio da tradição oral, como aponta Machado (2006):

É a palavra que diz o que é, sendo o que diz. A palavra é um bem. A fala é vida, é ação. É sopro que transforma. A fala faz acontecer o que preexiste em potência em cada movimento do universo. No universo africano tudo fala, e pela palavra tudo ganha força, forma e sentido, e orientação para a vida. Nas culturas africanas, principalmente hoje, compreende-se a história a partir da compreensão da oralidade (p. 80).

Abordar a questão étnico-racial no Brasil torna-se de fundamental importância para a compreensão de como histórica, cultural, social, política e economicamente a abordagem sobre raça tem impacto quanto ao racismo existente em relação às manifestações socioculturais afro-brasileiras, como sinaliza Ribeiro (2018), em relação ao apagamento dos registros históricos dos povos negros expatriados

Não dá para lutar contra o que não se pode dar nome. Como no Brasil todos os documentos relacionados à escravidão foram queimados, não temos como saber de onde viemos, se da Nigéria ou de Guiné-Bissau. E, quando não se sabe de onde vem, é mais fácil ir para onde a máscara diz que é o seu lugar. Conhecer minha história, a história dos meus antepassados, me possibilitou romper com a história única e identificar tudo aquilo de negativo que havia sido dito sobre pessoas como eu (RIBEIRO, 2018, p. 20).

Munanga (2012, p. 15) relata que “se historicamente a negritude é, sem dúvida, uma reação racial negra a uma agressão racial branca, não poderíamos entendê-la e cercá-la sem aproximá-la do racismo do qual é consequência e resultado”.

Destaca-se ainda, que as pessoas racistas defendem a ideia de que há raças superiores a outras e, na defesa dessa ideia, inúmeras atrocidades foram realizadas ao longo da história da humanidade. Mesmo não havendo uma comprovação científica de cunho biológico quanto à superioridade ou à inferioridade raciais, nos níveis político e ideológico

a questão racial representa aspectos de dominação e exclusão nas sociedades multirraciais observadas na contemporaneidade:

Na realidade, o que esses grupos humanos têm fundamentalmente em comum não é como parece indicar o termo Negritude à cor da pele, mas sim o fato de terem sido na história vítimas das piores tentativas de desumanização e de terem sido suas culturas não apenas objeto de políticas sistemáticas de destruição, mas, mais do que isso de ter sido simplesmente negada a existência dessas culturas (MUNANGA, 2012, p. 20).

Com esta construção, desenvolve-se a ideia de uma cultura eurocêntrica superior e dominante, negando e inferiorizando as diversas expressões socioculturais afro-brasileiras, as quais foram sendo associadas a visões negativas, inferiores e submissas nas suas formas de viver e conviver, problemáticas demarcadas por Lima (2016), quando denuncia os ataques e tentativas de controle que o Maracatu vivencia historicamente no cotidiano:

Os negros brasileiros (...) estavam imersos em uma sociedade diversificada e complexa; seus vínculos com a África eram variados, principalmente no que diz respeito aos símbolos, mas o seu lugar era o Recife, o Brasil. Os maracatus eram construções culturais contemporâneas e dotadas de significados diversos, dos quais com certeza a diversão era um deles (...) em meio aos ensaios e festejos, as identidades se constituíam, auferindo-lhes a criação de um mundo em que eram sujeitos partícipes. Através das posturas municipais as autoridades demonstravam preocupações com a ordem, presumivelmente posta em risco pelos aglomerados de negros, (...) e brancos pobres reunidos nos maracatus e batuques diversos. É nesse sentido que essas autoridades buscavam normatizar e controlar as atividades dos maracatus (LIMA, 2006, p. 43).

Os estudos de Rodrigues (1997) apoiam a compreensão do Maracatu como uma expressão sociocultural na perspectiva de atrelar cultura à vivência em sociedade, uma vez que as pessoas maracatuzeiras¹¹ em suas trajetórias mantêm viva essa manifestação como sujeitos atuantes na construção da cultura tradicional, lutando por ocupações de espaços de maneira mais igualitária no âmbito cultural e de vida, e pela garantia de acesso a direitos equiparados, enfrentando a desigualdade sociocultural estrutural brasileira, principalmente atrelada ao racismo.

Apona-se, aqui, uma conexão entre a presente pesquisa com a obra de Rodrigues (1997), por uma afinidade pessoal da pesquisadora enquanto mulher que vivencia experiências em diversos espaços de dança e expressões socioculturais. Neste ponto, a autora indica a fundamentalidade das estruturas corporais e de outros sentidos humanos para expressar interna e externamente sentimentos, ações e reações dançantes, significados fundantes de histórias de vida. Os espaços de dança e expressões socioculturais sempre constituíram locais onde, às mulheres, foi possibilitado expressar suas forças e fragilidades, fornecendo acolhimento e visibilidade, nos quais se permite agir, resistir, se fortalecer e se conhecer tanto individual como coletivamente.

Nesse sentido, Rodrigues (1997) retrata, a partir da área de conhecimento Arte e Dança, uma relação existente entre a expressão corporal e as histórias de lutas e re-existências das pessoas que vivenciam as manifestações socioculturais afro-brasileiras.

(...) trazem uma história de vida que revela a necessidade de resistir a muitos embates.

Antes de tudo são corpos guerreiros. Vivenciando-os como personagens, percebemos que o corpo só se ajusta na linguagem quando adquire densidade - um tônus elevado que

¹¹ Esta pesquisa aborda aspectos relacionados às pessoas integrantes dos Maracatus Nação e dos grupos filiais que desenvolvem atividades socioculturais vinculadas a algumas Nações do Maracatu e Movimento Baque Mulher.

apresenta elasticidade. Os significados vida- festividade se articulam através do movimento, fazendo o corpo soltar-se, entregar-se, tendo como premissa o “tônus de Resistência” que se mobiliza com o “tônus de Apoio” (RODRIGUES, 1997, p. 75).

Vislumbra-se, portanto, as compreensões corporais que a autora traz como uma perspectiva relacionada à expressão sociocultural do Maracatu, em especial para o grupo em pauta, que abrange mulheres que lutam coletivamente pela equidade de gênero. Nesse sentido, as percepções de tônus de resistência e de apoio se agregam para somar forças com mulheres maracatuzeiras, que criam esses tônus físicos e emocionais, individuais e coletivos, para terem condições de vida e de expressão cultural de maneira igualitária em um país machista e patriarcal.

Segundo Rodrigues (1997, p. 89), “o toque do instrumento, o canto e a linguagem de movimentos que criam danças fundem-se ações expositoras de um único percurso interno. Muitas vezes nos percebemos em meio a celebrações ouvindo o corpo e vendo o som”. Peixe (1955, p. 112) retrata que frequentando um dos “*Xangôs*¹²” em Recife, observou toques em comum com a maioria dos terreiros religiosos da região, os quais são utilizados na percussão do Maracatu tradicional – em específico os toques como o “*Batá*” ou “*Abatá*”. Este relato faz referência a algo que sempre se ouve nos grupos e com Mestres e Mestra do Maracatu: “Maracatu é um terreiro de candomblé na rua”, sendo que esta religião é de matriz afro-brasileira, e o Maracatu desenvolve as danças e o toque do Timbal/Atabaque¹³ remetendo aos Orixás cultuados nesses núcleos religiosos.

¹² Denominação da religião dos orixás em Pernambuco. (DOSSIÊ DO MARACATU NAÇÃO, p. 114)

¹³ Mestre Jailson Viana Chacon (Nação do Maracatu Porto Rico) defende o uso desse instrumento em seu batuque, tornando-se o primeiro a incluí-lo no Maracatu, sob a justificativa de estar resgatando, segundo Guerra Peixe (1955) e Pereira da Costa (1908), uma antiga tradição. Em sua perspectiva, o atabaque articula toques que celebram os orixás (deuses do panteão africano no Brasil) e os *eguns* (espíritos de antepassados), enquanto nos demais instrumentos do batuque, o foco está no baque associado à cantoria que mestre Chacon nomeia por ‘loa’. (DOSSIÊ DO MARACATU NAÇÃO, p. 65-66)

Na palestra “ Intolerância por quê? ”, ministrada pelo Mestre em Educação Ademir dos Santos em V *Xirê* do grupo de Maracatu *Mukumby* em 2019 no Sesc de Sorocaba, relata-se que

Candomblé é uma palavra que vem, o que me convence, porque existem outras interpretações, é derivação da palavra candombe com Ylê, candombe que é festa em banto e Ilê que é lugar habitado, em yorubá, então candomblé só pode ser uma mistura de línguas que só pode ter acontecido na senzala, não antes. Então candomblé como nós conhecemos ele já nasce sendo uma amálgama das religiões africanas, que não perderam sua identidade, é bom que se diga, as religiões africanas tem em cada cidade principalmente dos povos nagô, o seu próprio protetor, então Ketu é terra de Oxóssi, e por aí afora, só que ao trazer os negros escravizados eles foram colocados juntos na mesma senzala, então você vai ter, nem sempre veio um sacerdote, e quando veio ele era sacerdote de um orixá e precisou aprender a cuidar dos outros orixás, e não só aprender a cuidar, mas compatibiliza-los, além do que nem sempre encontra aqui nas terras do novo mundo aquilo que tradicionalmente honra o seu orixá africano, então você é obrigado a fazer uma série de adaptações sem perder a essência, isso é bom que se diga, porque algumas pessoas querem encontrar a pureza africana aqui, vai ser difícil, mas outras querem dizer que não há pureza, vai ser difícil, é preciso entender que houve adaptações. (REGISTRO DO DIÁRIO DE CAMPO, 2019)

Ademir nos retrata a força do Candomblé, o qual é cultuado e vivenciado pelas Nações de Maracatu, onde os tambores seguem o compasso do coração e conduzem às vibrações pulsantes de vida. Ao soar dos instrumentos, as pessoas que fazem parte dos grupos e as demais que acompanham os cortejos, têm a oportunidade de sentir a força dessa manifestação sociocultural ecoando como tradutora das questões da vida em sociedade, como bem traduz Rodrigues (1997):

O pulso são as vibrações da música captadas pelo corpo na região das vísceras e do diafragma e que vão se irradiando para o plexo solar até tomar todo o corpo. Inicialmente há um preenchimento do ar, como se o tronco abrisse os seus espaços para o recebimento do pulso. Há uma expansão e uma contensão na região do diafragma que figuram num desenho específico de palpitar... O pulso é o coração do movimento, instaurador da dinâmica de cada dança e que permanece durante todo o tempo. Os instrumentos, quando entram em ação, unificam dançantes e músicos através do pulso que funciona como um gerador interno propiciando o vigor. As variedades de pulsos estão relacionadas às direções (de dentro para fora) do corpo em relação ao espaço. Portanto, o pulso estabelece o movimento do eixo de equilíbrio do corpo (p. 76).

Mestra Joana Cavalcante relatou, no III Encontro Nacional do Baque Mulher 2018, que o uso de saias pelas maracatuzeiras no Baque Mulher representa uma resistência feminina, sendo que o objetivo deste movimento é ocupar e lutar pela equidade de gênero no Maracatu e na comunidade já que, segundo ela, há poucos anos as mulheres não podiam tocar e, muito menos, usar saia. Sendo assim, esta vestimenta tem um significado simbólico de luta muito expressivo para o movimento feminista do Baque Mulher.

Rodrigues (1997, p. 93) sinaliza que “no investir-se, mesmo quando são utilizadas pequenas peças, produz-se um efeito tanto em quem realiza o ato como naqueles que o assistem, promovendo em ambos o convencimento do que a pessoa passa a representar”. Nesta perspectiva, o ato de se vestir significa investir em um enfrentamento – quando as mulheres usam suas roupas/vestimentas, seus instrumentos, seus cantos (*loas*¹⁴), sinalizam

¹⁴ Músicas que são intituladas como toadas ou loas. Elas trazem à tona a identidade afro-brasileira, sua religiosidade, cultura e resistência. Podemos dizer que as loas/toadas são construídas, segundo Florentina Souza (2007, p.32), “com vozes e gestos, canto e poesia que narram os episódios que envolvem amores, separações, resistência, sacrifícios, lutas e vitórias”. Todavia, as loas são releituras do passado que tentam dar voz ao que há muito tempo foi silenciado. São narrativas que tecem sobre a memória religiosa e cultural de um povo retratando, também, situações atuais. (MOREIRA, 2019, p. 31)

um enfrentamento ao preconceito e à desigualdade de gênero, uma vez que, por muitos anos, lhes foi negado o espaço de tocar e liderar grupos de Maracatu.

Neste ponto, Rodrigues (1977) associa os corpos do dançador e da dançadora ao mastro e ao estandarte, remetendo à história do povo brasileiro vinculada às crenças e à religiosidade – no estandarte, a bandeira voltada para os céus –, e às lutas e resistências do povo maracatuzeiro – o mastro, fincado no chão, estabelecendo a ideia de ocupação.

Com o talento de gerar uma força maior do que os contos do próprio corpo, essas pessoas vêm a dança fora de si ganhando formas em movimento e, assim dimensionada, mergulham nela de corpo inteiro (...) fruto do entrelaçamento do cotidiano com a festividade. Nas condições de um cotidiano árduo, pesado e de trabalho mal remunerado acumulam-se emoções que são revertidas, nos espaços da festividade, em pulsações (...) que produzem a dança que se conecta com os sentidos da vida. A fruição das emoções possibilita um distencionamento que torna a pessoa apta a penetrar a harmonia do movimento. As habilidades físicas e os calejamentos do dia-a-dia forjados na luta pela sobrevivência, adquirem um refinamento propiciado pelos momentos especiais da dança (RODRIGUES, 1997, p. 125-126).

Apresenta-se, a seguir, o diálogo entre autores e autoras e vivências que construíram conhecimento sobre questões étnico-raciais e racismo, bem como em relação às expressões socioculturais no Brasil, a fim de refletir sobre os impactos do Racismo no Maracatu e realizar uma interlocução do Maracatu como uma expressão sociocultural de matriz afro-brasileira.

4.1 Maracatu Nação de Baque Virado: ecoando de Recife para todo o Brasil

*Meu tambor tem, a batida do coração
Meu baque é virado, segure o compasso da marcação
Vem meu povo, chega pra ver
Encanto do Pina, Nação pra valer
Maria de Sônia, foi quem fundou
Encanto do Pina de Nação Nagô¹⁵*
(Loa “A batida do Coração”- Mestra Joana Encanto do Pina)

O Maracatu Nação é uma tradição sociocultural afro-brasileira que, em 03 de dezembro de 2014 recebeu, pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN, o título de Patrimônio Cultural do Brasil. A Constituição Federal brasileira de 1988 define como patrimônio cultural os bens materiais e imateriais, que abrangem modos de criar, fazer e viver dos grupos que formam uma sociedade. A natureza material é caracterizada por práticas e domínios da vida social expressas por meio de saberes, ofícios e modos de fazer:

De acordo com a Convenção para a Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial da Unesco (2003), o patrimônio imaterial é constituído pelas práticas, representações, expressões, conhecimentos, habilidades, assim como instrumentos, artefatos e espaços culturais associados, que as comunidades, grupos e em alguns casos os indivíduos reconhecem como parte de seu patrimônio, transmitido de geração a geração, constantemente recriado em resposta à interação com a natureza e a história, proporcionando, como já referido, sentido de identidade. Ainda de acordo com a convenção da Unesco o patrimônio imaterial se manifesta de diversas formas agrupando tradições e expressões orais, expressões artísticas, nos quais mitos, lendas e rituais a oralidade desempenha um papel fundamental, interconectando e transmitindo esse saber. (GUILLEN, 2008, p. 162)

¹⁵ Utiliza-se o termo Nagô em diferentes e interligadas representações na pesquisa: como um dos povos africanos; Maracatu Nação vinculado ao candomblé; um dos toques do Maracatu.

A tradição do Maracatu reúne pessoas das mais variadas idades, o que fortalece a sua manutenção e continuidade e traduz a maneira como essa gente compreende e fortalece a sua tradição como retratado no Dossiê do Maracatu Nação (p.38):

Tradição e memória permitem que se estabeleça um constante diálogo com o passado, com a história da própria manifestação, atribuindo-lhe significados; lançam ao futuro os valores que ainda prezam, que são centelhas de esperança para as novas gerações. Em um passado não muito distante, a tradição tinha por função transmitir um modelo de conduta e de valores dominantes à geração futura, responsável, portanto, pelas identificações que formam as comunidades de maracatuzeiros e maracatuzeiras. Na medida em que as transformações adentram a comunidade de sentidos dos maracatus nação, agregam outros valores às suas práticas, modificando o que era definido como tradicional.

Esse movimento pode ser visto como um universo de particularidades que expressa lutas, resistências e saberes herdados do passado, e que se adaptam às condições sociais atuais, demarcando as forças social e cultural dessa expressão afro-brasileira:

Os maracatus têm uma longa e complexa história, da qual muitos negros e negras pernambucanos se orgulham. Hoje essas nações são responsáveis pela afirmação de uma identidade negra. Nesse sentido, os maracatus nação vêm colaborando com as políticas públicas de promoção da igualdade racial levadas a efeito em Pernambuco, contribuindo para a valorização da cultura negra não só em Pernambuco, mas em todo o Brasil (DOSSIÊ DO MARACATU NAÇÃO, p. 10).

No que diz respeito à fé, os Maracatus Nação homenageiam os Orixás, tendo como base estrutural o viés religioso de matriz afro-brasileira, preceito indissociável por parte

das Nações referenciadas como bases deste estudo, seguido e respeitado pela pesquisadora, e sobre o qual há diferentes percepções descritas no Dossiê do Maracatu Nação (p. 67- 68)

Tais relatos facilmente encontrados entre o povo de santo que participa dos maracatus evidenciam uma perspectiva da presença do elemento religioso como fundamento do maracatu de origem africana. Essa perspectiva encontra-se respaldada na justificativa de que o maracatu funciona nas histórias de vida como equipamento de manifestação e materialização de uma linhagem étnica de parentela superior à existência corporal dos seus adeptos. Essa linhagem conceitual é designada e entendida por parte do povo de maracatu como “nação”. Em contrapartida, essa perspectiva encontra oposição entre maracatuzeiros que não relacionam o maracatu à função religiosa, e sim como espaço de entretenimento de afrodescendentes e simpatizantes, e esse critério justifica o uso do termo “nação”. Fato que se revela como um plano delicado e complexo de identificação e de relação com a memória resgatada pelo cortejo dos maracatus nação.

No período em que viveu na cidade de Recife, o musicista brasileiro Guerra Peixe pôde desenvolver uma vasta e profunda pesquisa de campo, realizando a caracterização das diversas nações e sua complexidade musical, oportunizando a desconstrução de conceitos elaborados por estudiosos anteriores que concebiam a música das Nações como primitiva. Seu estudo apresenta grande aporte junto à mediação das relações entre os Maracatus e a sociedade recifense, fortalecendo uma visão mais positiva dessa tradição sociocultural.

Nos anos de 1930 a 1950, em meio à intensa repressão aos maracatus e às religiões afrodescendentes desencadeada pelo governo de Agamenon Magalhães, houve, sim, um movimento que alçou os maracatus-nação do lugar de “coisas de negro”, reminiscência de antigas práticas de escravos africanos, para a condição de cultura autenticamente pernambucana, matriz africana na mestiçagem cultural que se promoveu e valorizou nesse

período... A folclorização apaziguadora é capaz de fazer com que certa cultura seja aceita e, ao mesmo tempo, que se mantenham os negros “no seu devido lugar”. (GUILLEN, 2007, p. 241).

Peixe (1955) relata que Maracatus podem ser considerados, em seu primeiro momento, como “nações”, que significavam relações administrativas subordinadas às instituições do Reino do Congo, e “*afoxés*”, quando eram exibidos, principalmente, nas festas de coroação de reis negros.

Lima (2006) demonstra, em suas pesquisas, que esta não é uma referência única e coerente sobre as origens e motivos da existência dos Maracatus:

A dimensão identitária dos maracatus nação pode ser percebida, por conseguinte, em uma dupla perspectiva. A primeira ressalta sua dimensão histórica, considerada por maracatuzeiros e maracatuzeiras como uma manifestação que sinaliza a resistência de negros na manutenção de suas práticas culturais. A segunda destaca sua capacidade de agregar as comunidades e, conseqüentemente, valor à manifestação, responsável pela positivação de práticas culturais negras. Esses aspectos históricos e identitários configuram o Maracatu Nação como um patrimônio cultural para quem o faz, bem como para pernambucanos e brasileiros (DOSSIÊ DO MARACATU NAÇÃO, p. 10).

Lima (2006) busca desconstruir, em seu estudo, equívocos sobre as possíveis origens dos Maracatus afirmando a ideia de que os Maracatus são uma construção dinâmica e não linear, com contribuições de diversas pessoas e outras manifestações da cultura tradicional. Nessa perspectiva, é praticamente impossível descobrir precisamente as suas origens, por se tratar de vivências e expressões humanas decorrentes da vida cotidiana com interferências gerais, tais como de espaço e tempo. Lima aponta, ainda, que a obra de Peixe

(1955) foi fundamental para iniciar uma desconstrução dessa linearidade das origens do Maracatu.

Não é imputada aos maracatus uma origem única e linear, mas se acredita que sejam oriundos de uma confluência de práticas e costumes de negros e negras dessa região e que paulatinamente, ao longo do século XIX, confluem para o carnaval. A história dos maracatus nação apresenta grupos muito dinâmicos, que souberam dialogar com as modernizações ocorridas ao longo de todo o século XX (DOSSIÊ DO MARACATU NAÇÃO, p. 39).

Segundo Peixe (1955), o termo “Maracatu” não parece ter origem ameríndia, referência adotada por alguns autores como Mário de Andrade, o qual associava Maracatu ao maracá, um instrumento musical indígena. Para o autor, o “Maracatu” é uma forma particular de batuque no seu ponto de vista rítmico, sendo que o sentido, “Maracatu” passou a designar o atual cortejo realizado em Recife o qual se mantém com a designação de ‘nação’.

Peixe (1955) refere, ainda, que Gonçalves Fernandes buscou uma explicação para Maracatu com um renomado *babalorixá*¹⁶, o qual faz referência antiga aos dançadores que diziam “muracatucá” ou “maracatucá” quando iam se despedir. O termo “Maracatu” seria uma palavra de origem “africana” significando “batuque”. Sendo assim, “maracatucá” poderia significar o ato de praticar “Maracatu”, assim como “batucar” faz referência à ação de fazer “batuque”.

O Maracatu Nação, também conhecido como Maracatu de Baque Virado, é uma

¹⁶ Liderança masculina de *Ylê*.

manifestação artística da cultura popular e carnavalesca da Região Metropolitana do Recife em que um cortejo real desfila pelas ruas, acompanhado de um conjunto musical percussivo. Composto majoritariamente por negros e negras, os maracatus nação podem ser remontados às antigas coroações de reis e rainhas congo. Passaram por transformações e mudanças ao longo do século XX, demonstrando sua capacidade de adaptação e permanência. Trata-se, portanto, de uma forma de expressão da cultura negra, que tem sido considerada primordial na definição das identidades culturais pernambucanas, herança e resistência de negros e negras do passado. É uma manifestação performática que engloba dança e música, considerada, como uma forma de expressão, assim compreendida pelo fato de cortejo e percussão serem indissociáveis (DOSSIÊ DO MARACATU NAÇÃO, p. 09).

Como relatado no diário de campo desta pesquisa, na oficina de Maracatu da 1ª FestAfro do Centro Cultural *Orùnmilá* de Ribeirão Preto, Vinicius, fundador do grupo de Maracatu Navegante de Ribeirão Preto¹⁷ começou a oficina conceituando o Maracatu. No seu relato apontou que Maracatu é uma expressão sociocultural originária das pessoas africanas e seus/suas descendentes de modo que, na época colonial, na coroação dos Reis do Congo, essa expressão teve seu início e foi se transformando ao longo dos anos, com influências indígenas e europeias, a exemplo das alfaias¹⁸ (tambores/bombos), instrumentos de origem europeia introduzidos no Maracatu: “Trata-se ainda de grupos assentados em comunidades periféricas de baixa renda, situados na Região Metropolitana do Recife, sem que estejam fechados para pessoas ‘de fora’” (Dossiê do Maracatu Nação, p. 13).

Relata-se, ainda, que, na década de 1990, o músico Chico Science criou o Nação

¹⁷ Grupo que também segue os preceitos das Nações de Maracatu Porto Rico e Encanto do Pina.

¹⁸ Tambores revestidos de peles dos dois lados, que utilizam um sistema de amarração de cordas responsável por sua afinação. Variam em tamanho, função e sonoridade, podendo ser confeccionadas com diferentes materiais, a exemplo do compensado e da macaíba. Predominam, quantitativamente, nos batuques dos Maracatus nação, as alfaias de compensado ou macaíba. (DOSSIÊ DO MARACATU NAÇÃO, p. 20)

Zumbi e trouxe elementos musicais do Maracatu para as suas composições, fazendo com que esta expressão fosse expandida para outras regiões além de Recife, agregando força ao Maracatu no âmbito nacional.

Essa identidade não se restringe às comunidades que fazem os Maracatus Nação, mas abrange muitas outras pessoas, desde que a batida do maracatu começou a ressoar pelo mundo através da antena parabólica dos mangueboys, em meados da década de 1990, que são os participantes do Mangue Beat, movimento musical surgido no Recife na década de 1990 que mistura ao hip hop, rock e outros ritmos os movimentos regionais como maracatu e coco. A maior expressão do movimento foi Chico Science e Nação Zumbi. O Mangue Beat contribuiu sobremaneira para a difusão da música dos maracatus nação por todo o mundo (DOSSIÊ DO MARACATU NAÇÃO, p. 11).

Sinaliza-se, portanto, as contribuições como a de Chico Science, que têm o cuidado de não se sobreporem como responsáveis pela expansão dessa tradição, já que os maracatuzeiros e as maracatuzeiras de Pernambuco são os/as principais responsáveis pela existência, pelo fortalecimento e pela resistência desta manifestação.

Na oficina, Vinícius relata, ainda, que o termo Maracatu tinha uma conotação preconceituosa de cunho racista, que foi incorporada pelos maracatuzeiros como expressão de resistência às discriminações que esta manifestação sociocultural sempre sofreu. Ele fala sobre os instrumentos utilizados atualmente: agbê¹⁹ ou xequerê, que foi introduzido ao Maracatu ao longo dos anos, alfaia ou bombo, gonguê²⁰ (instrumento tocado somente no

¹⁹ É um instrumento da família dos idiofones com função ritual da liturgia afro-brasileira, confeccionado numa grande cabaça sobre a qual são presas miçangas de 3 a 5 mm de diâmetro, por meio de barbante trançado por todo corpo do abê. (DOSSIÊ DO MARACATU NAÇÃO, p. 56)

²⁰ É um idiofone metálico, confeccionado em ferro ou aço, composto de chapas que são moldadas e soldadas até formarem uma campânula presa a uma haste, que serve de empunhadura durante seu toque. (DOSSIÊ DO MARACATU NAÇÃO, p. 58)

Maracatu), o mineiro²¹ ou ganzá e as caixas²².

Destaca, ainda, que Maracatu não é folclore, mas uma expressão sociocultural de luta e resistência de povos negros brasileiros, sendo que grupos como o Navegante são desenvolvidos com muito respeito e honra aos Maracatus Nação e às pessoas mais velhas que mantêm viva esta tradição, a repassando para as gerações seguintes.

Pautados no que Lima (2006, p. 40) sinaliza, “a folclorização de práticas e a infantilização de costumes são coerentes com quem não via nos homens do povo a condição de sujeitos de sua própria história”, as pessoas do Maracatu buscam desassociá-lo do termo folclore, como ainda é retratado no

Ao final do século XIX, a ideologia do branqueamento e as aspirações da elite a se assemelharem ao modelo de civilização europeia forneceram suporte para perseguições e estratégias disciplinares das manifestações da cultura popular, notadamente as afrodescendentes. O folclore, enquanto campo do saber, registrava essas práticas culturais como meras sobrevivências de coisas de escravos, reminiscências de um tempo passado, fadadas, portanto, ao desaparecimento. (DOSSIÊ DO MARACATU NAÇÃO, p. 40-41)

De acordo com o Dossiê do Maracatu Nação, as pessoas integrantes dos Maracatus Nação vivem em um território comum, fazem parte da mesma comunidade ou de uma rede social, compartilhando modos de vida e convivência, com expressões caracterizadas em

²¹ É um chocalho cilíndrico, preenchido em seu interior por sementes ou outro material que provoque ruído de chacoalhar, feito em folha de flandres. (DOSSIÊ DO MARACATU NAÇÃO, p. 56)

²² Pertencem à família dos membranofones, instrumentos confeccionados em formato de cilindro de aproximadamente 14 polegadas de diâmetro, com altura que varia aproximadamente de 2 polegadas a 5 polegadas, tendo em suas extremidades peles sintéticas ou de animal presas por aros e parafusos, com uma delas presa por esteira de metal que lhe confere um som característico no Maracatu. Esses instrumentos cumprem a função de conduzir o andamento do toque, descrevendo as características da dinâmica da rítmica do batuque. (DOSSIÊ DO MARACATU NAÇÃO, p. 58- 59)

suas vestimentas, nos bordados das fantasias, assim como na construção e afinação dos instrumentos. Nesse território comum, partilham e se fortalecem com práticas solidárias buscando enfrentar dificuldades e suprir necessidades cotidianas.

Nos dizeres de Peixe (1955), as músicas já foram chamadas de toadas²³, atualmente se denominam loas, e os toques podem ser nagô, baque de parada, Luanda, martelo entre outros, que vieram se transformando conforme as mudanças construídas historicamente. Segundo Guillen (2007), a obra de Peixe (1955) traz uma das maiores contribuições na construção de conhecimento sobre o Maracatu, sendo a primeira referência teórica a definir as diferenciações entre Maracatu Nação (ou de baque-virado) e o Maracatu de Orquestra (ou de baque-solto), por meio de seus conjuntos musicais e de suas performances, produto de uma reflexão madura, pautada em muitas pesquisas, tanto bibliográficas como resultantes de suas observações junto aos grupos.

Peixe (1955) ainda sinaliza as diferenças de cunho religioso atreladas aos diferentes estilos de Maracatu:

É oportuno realçar o que nos esclareceram os informantes de vários grupos: a gente do Maracatu tradicional- “Nagô”, como dizem, no sentido de “africano”- é constituído, na maioria, por iniciados nos Xangôs, a que prefere o Maracatu- de- orquestra, tende para o Catimbó, seita popular de características eminentemente nacionais (PEIXE, 1955, p. 21).

Lima (2006, p. 20) relata que “esta distinção entre os dois tipos de maracatus é algo recente, aplicada a partir dos estudos que foram feitos pelo pesquisador e maestro Guerra Peixe entre os anos de 1949 e 1952”. O mesmo autor (2010, p. 17) sinaliza, ainda, que os Maracatus não sobreviveram e existiram, “eles agiram”. Retrata-se, em sua obra, grandes

²³ São outras formas de expressão na qual a dimensão sagrada se faz presente. Muitas delas fazem referência direta aos orixás. (Dossiê do Maracatu Nação, p. 123)

representantes nessa construção, que atuaram negociando com as políticas públicas de cultura pernambucana em diferentes momentos e contextos políticos para que o Maracatu se mantivesse vivo.

Segundo o autor, entre os anos de 1960 e 1970 houve uma forte decadência do Maracatu, quando os grupos buscaram se fortalecer com a publicização e a criação do mês de agosto do “folclore” para construir outros espaços que não somente no carnaval. Nos anos 1980 ocorre o fortalecimento do movimento negro trazendo a pauta da negritude pernambucana, quando também são criados vários grupos de Afoxé, e o “ressurgimento” de alguns grupos de Maracatu como o Porto Rico, uma das referências desta pesquisa.

Lima (2010), em sua obra “Maracatus - nação: ressignificando velhas histórias”, utiliza o termo “ressurgimento” para possibilitar a compreensão de Maracatus que existiam no passado e que, por diversas questões, deixaram de existir. Argumenta, ainda, que todos os Maracatus Nação ou são grupos novos, ou que “ressurgiram”. “Os grupos renascidos, em geral, negam essa condição e afirmam serem continuidade dos grupos que outrora existiram” (p. 20).

Permeada pelos processos históricos que entrelaçam as transformações retratadas no Maracatu, destaca-se a presença feminina e as diversas forças e desafios vivenciados pelas mulheres quanto à sua representação junto a essa tradição sociocultural afro-brasileira.

Sabendo-se que o Maracatu Nação é uma manifestação composta por homens e mulheres, importa perceber se as mulheres tiveram seus papéis destacados e qual o lugar reservado a elas no contexto dos grupos. Um olhar acurado sobre algumas obras produzidas por folcloristas, como Pereira da Costa e Mário Sette, e de pesquisadores como Guerra Peixe e Katarina Real, por exemplo, não parecem apontar pistas de descrições centradas no papel das mulheres que faziam parte dos grupos de antigamente (DOSSIÊ DO MARACATU

NAÇÃO, p. 133).

Dessa maneira, reforça-se a relevância desta pesquisa no sentido de apontar os processos de construção por mais equidade de gênero na tradição sociocultural do Maracatu, retratando a trajetória de lutas de mulheres para caminhos mais igualitários nesta expressão e na vida em sociedade.

4.2 Nações do Maracatu Porto Rico e Encanto do Pina, de Mãe Elda e Mãe Sônia à Mestra Joana Cavalcante

*Batuqueiro segura esse baque, na batida do coração
Encanto do Pina com seu esplendor
No Baque Virado saudando xangô
Filho de Yemanjá Rainha do Mar
Cabecilê Xangô Ayrá”*
(Trecho de Loa da Nação Encanto do Pina)

Parte-se das Nações de Maracatu, Porto Rico e Encanto do Pina como referências para construir um processo de conhecimento em relação à presença das mulheres nessa expressão sociocultural afro-brasileira bem como seus percursos percorridos na luta e pela consolidação da equidade de gênero junto aos Maracatus.

Nas pesquisas bibliográficas identificou-se que, no processo histórico, as representações de lideranças, os chamados mestres dos Maracatus são, no geral, referências masculinas. Nesse sentido, sinaliza-se a importância da construção de conhecimento sobre a representação feminina nesta expressão sociocultural, sendo a principal referência, a Mestra Joana Cavalcante, primeira Mestra mulher a liderar grupos de Maracatu, e fundadora do Maracatu e movimento feminista Baque Mulher:

É essencial para a continuação da luta feminista que as mulheres negras reconheçam o ponto de vista especial que a nossa marginalidade nos dá e façam uso dessa perspectiva

para criticar a hegemonia racista, classista e sexista dominante e vislumbrar e criar uma contra - hegemonia. Estou sugerindo que temos um papel central a desempenhar na construção da teoria feminista e uma contribuição a oferecer que é única e valiosa (HOOKS, 2015, p. 208).

No Dossiê do Maracatu aborda-se que, diferentemente do que se pode imaginar, nas obras históricas em que esta tradição é retratada, as mulheres pouco aparecem e as descrições dos autores que estudam o Maracatu focam na descrição dos grupos para favorecer um conhecimento sobre os mesmos. No entanto, a história da Nação do Maracatu Porto Rico²⁴ é permeada por resistência, com inícios, terminos e ressurgimentos, “até chegar ao apogeu de sua contemporaneidade. Sua fundação oficial em livro de registro data de 1916, na cidade de Palmares/PE, desenvolvendo-se lá por vários anos sob liderança de João Francisco do Itá:

Examinamos velhos livros desse grupo. O mais antigo dizia: “Club Mixto Maracatu Pôrto Rico/Fundado em 7 de 9 de 1916”. Entre os nomes dos que compunham a diretoria constava os dos soberanos “João Francisco da Silva” e “Maria dos Prazeres”. Não há dúvida, essa fundação não passa de nova fase da agremiação, porque Pereira da Costa transcreve em “Vocabulário Pernambucano” a seguinte nota recifense, de 1914 “Fez ontem o seu dendê em frente a nossa tenda de trabalho o velho Maracatu Porto Rico. Como

²⁴ “Essa nação foi fundada em 7 de setembro de 1916. Seu símbolo é a caravela Santa Maria, que representa a chegada de escravos africanos no Brasil. O seu *orixá* patrono é Ogum Megê, e suas cores verde e vermelho, porque Eudes Chagas – criador, rei e Babalorixá da nação, era de Ogum Megê, nação Nagô. Atualmente a nação é coordenada pelo Mestre Chacon Viana, filho da rainha e Yalorixá, Elda Viana, tornou-se regente da nação em 1998 e é ogã – um dos responsáveis pelos toques nos rituais do terreiro”. (FIALHO, 2017, p. 08)

fundador da associação- real ou hipotético- foi lembrado o nome de “Severino de Itar” (PEIXE, 1995, p. 89).

Lima (2006) relata, a partir de referências de maracatuzeiros mais idosos inseridos nos Maracatus de orquestra, que a presença de mulheres era proibida, sendo que, “segundo Roberto Benjamim, o papel das mulheres – no caso, as baianas – é ocupado pelos homens, conferindo a estes grupos um caráter eminentemente masculino, sem a participação feminina” (p. 35).

A esse respeito, segundo o Dossiê do Maracatu Nação (p. 135)

no que se refere aos grupos de Maracatu Nação, é possível perceber que a participação das mulheres e a sua inserção em determinadas posições nessa manifestação nada mais são do que exemplos dessas conquistas, sendo seu estudo favorecido inclusive pelo avanço das teorias sociais. Se em outros tempos, elas não tiveram suas posições mencionadas dentro dos grupos ou não foram vistas como pessoas importantes fora deles, passando ao largo das preocupações intelectuais da época, com as mudanças na estrutura social, redefiniram-se os valores e com eles as transformações nas diversas esferas da vida em sociedade. Enquanto integrantes das tradições do povo negro.

Nesta linha de abordagem, apresenta-se a Nação do Maracatu Encanto do Pina, a qual tem como a primeira regente do batuque a Mestra Joana Cavalcante, que é também a idealizadora e fundadora do Grupo de Maracatu e coletivo feminista Baque Mulher.

De acordo com o Portfólio Nação do Maracatu Encanto do Pina (2017, p. 02),

a Nação do Maracatu Encanto do Pina é atualmente uma das mais importantes nações de Maracatu de Baque Virado, típica manifestação cultural do estado de Pernambuco, mais

precisamente da cidade de Recife, que tem suas origens afro-brasileiras que remonta às coroações do Rei do Congo da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário. Nação consciente de sua responsabilidade religiosa sociocultural, foi fundada em 05 de março de 1980 pela Yalorixá Mãe Maria de Sônia, mas carrega a tradição que vem diretamente de seu pai espiritual, Babalorixá José Eudes Chagas.

Segundo o Dossiê do Maracatu Nação (p. 135), a corte dos Maracatus Nação é composta por mulheres que representam a rainha, as princesas, a condessa e outros títulos de nobreza, fazendo pares junto aos homens, além das figuras de dama do paço, baianas e catirinas²⁵.

A rainha e a dama do paço são responsáveis pelo cuidado com os fundamentos religiosos que dão base para o Maracatu. A dama do paço é responsável por carregar a calunga, que é a representação da dimensão sagrada na qual são colocados os *axés*²⁶ do Maracatu, sendo que a mulher que a conduz necessita de preparo espiritual para participar dos desfiles da nação, o que envolve respeito às responsabilidades religiosas e preceitos da religião dos *orixás*, sendo exigido que tenha algum vínculo com a religião, não necessariamente sendo iniciada na mesma. O comprometimento espiritual da rainha é o mesmo:

ela também deve cumprir obrigações e resguardos durante o carnaval. Convém ressaltar que algumas rainhas são também lideranças religiosas ligadas a algum terreiro (...) Como Ialorixás, elas são conhecedoras dos segredos da religião e, por meio deles, acabam se

²⁵ As baianas ricas vêm logo em seguida, com suas amplas saias rodadas, algumas trajando fantasias que se assemelham aos *axés* utilizados nos terreiros. As baianas de cordão, ou catirinas, acompanham o cortejo real nas laterais e normalmente trajam fantasias confeccionadas com chitão florido. A principal diferença entre uma e outra está no uso das “saías de armar”, que dão volume às fantasias das baianas ricas, enquanto as fantasias das catirinas são destituídas desse recurso. (DOSSIÊ DO MARACATU NAÇÃO, p. 19)

²⁶ Espécie de energia vital e positiva. (DOSSIÊ DO MARACATU NAÇÃO, p. 119)

tornando ainda mais preparadas para conduzir a nação, assegurando assim a legitimidade que se quer para os grupos e para o discurso da tradição (DOSSIÊ DO MARACATU NAÇÃO, p. 137).

A rainha e o rei representam a realeza do Maracatu, sendo que são o centro das atenções nos desfiles das nações e protegidos por um grupo de soldados que compõem a guarda real e por pajens, porém, atualmente, observa-se que a figura da rainha é mais relevante e reconhecida interna e externamente ao grupo. Segundo o Dossiê do Maracatu Nação (p. 138),

nas últimas décadas, essa importância fez com que os rituais de coroação fossem retomados, legitimando esta posição e conferindo mais prestígio e, por vezes, mais poder às rainhas ao serem entronadas. Este poder se manifesta tanto na sua dimensão simbólica ligada ao sagrado, quanto no campo das decisões, quando coincide de a rainha ser também presidente do grupo. Do ponto de vista do gênero, é sugestivo pensar que isso indica um tipo de reposicionamento nos espaços de poder, os quais organizam as hierarquias dentro do maracatu. Isso demonstra que as coroações foram ressignificadas de modo a destacar a rainha, após este ato cerimonial, ainda que o rei também venha a ser coroado. Quando a rainha passa a ser coroada, o grupo ao qual pertence, de alguma forma, ganha mais projeção no mercado cultural e até mesmo na mídia.

A sede oficial da Nação do Maracatu Encanto do Pina se encontra no *Ylê Axé Oxum Deym*, terreiro da *Yalorixá*²⁷ Maria de Quixaba, líder espiritual da Nação e uma das mais antigas *Yalorixás* do Bairro. Segundo Portfólio Nação do Maracatu Encanto do Pina (2017), a sede é localizada no Bode, favela do Bairro Pina em Recife que, “junto com casas de

²⁷ Liderança feminina do *Ylê*.

palafita, vem sofrendo todo o impacto do grande centro urbano que é Recife, mas faz sua história ano a ano, passo a passo, não apenas no carnaval, mas principalmente junto de sua comunidade” (p. 02). A maior parte das pessoas que integram esta Nação é de moradoras da comunidade, bem como integrantes que residem do centro de Recife e na Ilha de Deus, além de atrair admiradores do Brasil e do exterior.

O *Babalorixá* Manuel Candido Cavalcante, conhecido por Marcelo, filho da *Yalorixá* Maria de Quixaba e antigo diretor de batuque da Nação Porto Rico, dirigia a Nação do Maracatu do Encanto do Pina desde o ano de 2000. A Nação realiza importante trabalho sociocultural na favela, desenvolvendo oficinas de percussão, dança, capoeira, reaproveitamento de garrafas plásticas, atividades pedagógicas e construção de instrumentos musicais.

Os objetivos deste trabalho social, de acordo com o Portfólio Nação do Maracatu Encanto do Pina (2017), são: contribuir com a formação de novas pessoas que possam se integrar ao Maracatu; instigar, na população participante, a criatividade, fortalecendo a vivência e a cultura afro-brasileira; incentivar a arte, a vida e a não violência; integrar pessoas de diversas faixas etárias; incentivar o desenvolvimento para a cidadania por meio do aprimoramento das danças e dos baques; orientar sobre o cuidado com as apresentações e outras questões que envolvem viver e conviver em uma Nação.

Desde o seu surgimento, esta Nação também desfila no carnaval de Recife e, nos tempos atuais, concorre como grupo especial. Outras apresentações que realizam são os cortejos nas ruas e nas praças, além dos espetáculos de palco. As cores utilizadas por esta Nação são o azul e amarelo, as quais representam os *Orixás Yemanjá e Oxum* da fundadora *Yalorixá* Maria de Sônia: “O azul do mar e o amarelo do ouro cantam os filhos da Nação do Maracatu Encanto do Pina, oferecendo aos povos do mundo a força e o brilho do Maracatu, comandado com sentimento e dedicação pela Mestra Joana”. (Portfólio Nação

do Maracatu Encanto do Pina, 2017, p. 05)

Esta Nação desenvolve o trabalho com crianças da comunidade denominado “O Encantinho - baque mirim” (Foto 1), no qual as lideranças ensinam às mesmas os toques do baque da Nação e as incentivam a participar das atividades educativas voltadas para a arte, a sustentabilidade, a leitura e as brincadeiras.

A pedagoga social e batuqueira da Nação, Mariana Bianchi, é quem coordena estas atividades pedagógicas no baque mirim. “No último ano, as crianças ganharam um espaço de leitura, confeccionaram camisetas e ensaiaram para a apresentação da Noite dos Tambores silenciosos, que acontece durante o carnaval no centro histórico da cidade do Recife” (Portfólio Nação do Maracatu Encanto do Pina, 2017, p. 06).

O trabalho realizado com o Encantinho almeja fortalecer as atividades, costumes e brincadeiras que, na infância, as pessoas vivenciavam, além de promover a luta e a resistência valorizando a cultura da infância de matriz afro-brasileira.

Foto 1

Baque Mirim no IV Encontro Nacional Baque Mulher em Recife 2019



Fonte:

em:<<https://www.facebook.com/MaracatuBaqueMulher/photos/?tab=album&ref=>>. Acesso em: 12 dez. 2019

Disponível

A busca pela equidade de gênero e potencialização do empoderamento feminino junto às crianças tornam-se fundamentais para que, desde a infância, sejam estimulados a autonomia, o posicionamento das mulheres, e o respeito por parte dos homens, como uma construção de preceitos de cidadania. Potencializar a importância do Maracatu como expressão sociocultural afro-brasileira também é outro viés fundamental do Encantinho.

Ribeiro (2018) retrata, por meio da abordagem do feminismo negro, a compreensão do empoderamento que não deve ser “autocentrado”, já que “vai além, significa ter consciência dos problemas que nos afligem e criar mecanismos para combatê-los. Quando uma mulher se empodera, tem condições de empoderar outras” (p. 136).

O acolhimento oferecido às crianças que participam do Encantinho também possibilita, além de apoio à vida em sociedade, um potencial multiplicador de novos integrantes da Nação e futuros oficinairos do batuque. Este ciclo de multiplicação do

Maracatu é possibilitado a partir do aprendizado que os/as adolescentes e jovens recebem, tornando-se responsáveis por realizar oficinas de baque às crianças.

Esta construção tem a supervisão da Mestre Joana e dos/as demais educadores/as que ficam responsáveis por liderar os ensaios de naipe e ministrar oficinas dentro e fora da comunidade. Alguns integrantes tiveram a oportunidade de viajar para outros lugares do Brasil, potencializando, em outras regiões, o conhecimento e a multiplicação “do baque do Coração”.

“Quebrando as barreiras, unindo as fronteiras e vencendo os *tabus*” é o trecho de uma das loas compostas por Mestre Joana, que representa o que ela vem construindo e desenvolvendo nos âmbitos cultural e social na comunidade de Recife, e que ecoa para todo o Brasil, fortalecendo a cultura afro-brasileira e a luta pela equidade de gênero.

5. RESULTADOS DA PESQUISA

5.1 Mestra *Yakekerê* Joana D'arc Cavalcante: do Candomblé ao Baque Mulher

*Sou mulher, negra empoderada,
trago o asé da Nação Nagô,
feministas do Baque Virado,
mulheres guerreiras tocando tambor.
Não há violência ou machismo qualquer
que cale o meu tambor, eu sou Baque Mulher.*
Loa “Mulher negra empoderada”. (Mestra Joana Cavalcante)

Foto 2

Mestra Joana Cavalcante no III Encontro Nacional Baque Mulher em Sorocaba 2018



Fonte:

em: <<https://www.facebook.com/MaracatuBaqueMulher/photos/?tab=album&ref=>> Disponível em: 12 dez. 2019

A força da representação feminina no Maracatu é liderada por Mestra Joana da Silva Cavalcante – *Yakekerê*²⁸ “Mãe Joana”, uma mulher negra, artista popular pernambucana

²⁸ Mãe Pequena do Terreiro, segunda pessoa na hierarquia de mando de uma casa de Candomblé, herdeira do Axé. (CAVALCANTE, 2017, p. 02)

reconhecida em todo o país pela sua arte, pela sua trajetória de vida, pelas lutas diárias no tocante à equidade de gênero e liberdade de representações do feminino no Maracatu e na vida em sociedade. Como destaca o Portfólio Nação do Maracatu Encanto do Pina (2017):

Derrubando barreiras e enfrentando a discriminação a Nação do Maracatu Encanto do Pina possui como mestra do batuque a Yakekerê Mãe Joana da Oxum, a primeira mulher mestra na história do maracatu de Baque Virado e que permanece sendo a única até hoje. Mestre Joana é neta da Yalorixá Mãe Maria de Quixaba, com fundamento religioso, sendo a mãe pequena do Ylê²⁹ (p. 05).

Mestra Joana é a única mulher, na história do Maracatu Nação e nos dias atuais, a coordenar e apitar o batuque do Maracatu Nação de Baque Virado, a Nação Encanto do Pina, desde 2008, e também lidera outros dois grupos: “Baque Mulher” e “Mazuca da Quixaba”. Segundo o Portfólio da Mestre Joana (2017), a Nação do Maracatu Encanto do Pina venceu o carnaval de 2009 ascendendo como grupo especial, tendo sido prejudicado com a falta de estrutura da nação, retornando para primeiro grupo. Desde 2012 se encontra como grupo especial. No Dossiê do Maracatu Nação, os desafios da Mestre são elencados quando é destacado que

nessa posição, ao mesmo tempo em que obteve êxito ao assumir um lugar antes de autonomia masculina, Joana desafiou as hierarquias de poder, promovendo, em certa medida, uma ruptura nos valores de gênero. No entanto, ela não parece ser considerada legítima nesse posto por estar num campo que não é reconhecido para as mulheres. Subjacente às celeumas, quase sempre está o argumento de que os tambores devem ser comandados por homens, uma vez que eles são os mediadores adequados para o sagrado,

²⁹ Casa/terreiro de candomblé ou de culto aos *orixás*.

como ocorre no terreiro. A regência dos tambores não é adequada para uma mulher, tendo em vista o fato de ela não tocar os atabaques no terreiro. Entretanto, segundo Joana, quando está regendo o batuque se sente abençoada pelos orixás (p. 142).

Diante do contexto de dificuldades de espaço para ensaios e ações da Nação do Maracatu “Encanto do Pina” e do “Projeto Encantinho”, Mestra Joana e sua rede de apoio realizam, desde 2019, uma campanha coletiva para arrecadação financeira a fim de promover uma obra de ampliação e melhoria da sede da Nação. As divulgações nas redes sociais, se estendendo inclusive para outros países, já se encontram em sua segunda etapa no início do ano de 2020, sendo que a obra já está em processo.

A Mestra Joana Cavalcante é liderança do candomblé e do Maracatu e milita há anos por lutas e conquistas da comunidade do Bode no Bairro do Pina em Recife, tendo consigo uma história de tradição, mantendo viva e fortalecida a tradição afro-pernambucana, no enfrentamento do racismo junto a uma das principais nações de Maracatu de “Baque Virado”, a Nação do Maracatu “Encanto do Pina”. Ribeiro (2018) enfatiza a importância da representação negra feminina, sinalizando que “pensar a prática de mulheres negras me fez perceber o quanto isso era importante para restituir humanidades negadas. Tudo o que aprendi na luta política do dia a dia e nas organizações em que atuei foi essencial para meu crescimento e minha visão de mundo” (p. 19).

Mestra Joana já esteve como coordenadora e coreógrafa da Ala dos *Agbês* da Nação do Maracatu “Porto Rico”, é professora dos fundamentos, da dança e do batuque do Maracatu, bem como da dança dos *Orixás* e, desde 2008, viaja para várias cidades do Brasil socializando os seus conhecimentos e contribuindo com a formação de novas pessoas, aprendizes de batuqueiros e batuqueiras, como se observa em seu relato sobre a história de uma identidade que ela construiu com os *agbês* no Maracatu:

A Mestra Joana que passou a tocar o agbê na Nação do Maracatu Porto Rico, primeiro introduzindo a dança, depois a ideia de sincronia e charme que até hoje encanta as plateias, onde coordenou a ala dos Agbês por 10 anos. Posteriormente foi aperfeiçoando as coreografias e técnicas e introduziu a dança e toque dos orixás às coreografias. Porém, a principal inovação trazida pela Mestra foi a forma básica de tocar as células musicais do agbê, hoje a forma de tocar que envolvem postura, angulação dos braços e leveza de movimento sendo sua assinatura dentro do toque com agbês. Ela encoraja as meninas da comunidade do Bode/Recife, que já tocam, à coordenarem a ala de agbês na Nação Encanto do Pina e forma as meninas para ministrar oficinas e se empoderarem do que nasceu com elas e que é tão precioso dentro e fora da comunidade do Bode, elas são a continuidade. Hoje a Mestra Joana viaja o Brasil ministrando oficinas de toque e dança com agbês para mulheres e mais recentemente para homens também. Agbezeiras e Agbezeiros de diversos estados se reúnem em torno da Mestra para aprender a tocar e dançar como as meninas da comunidade do Bode. As meninas que compõe as alas de agbês da Nação Encanto do Pina passaram a acompanhar a Mestra em suas viagens levando o que aprenderam e vivenciando novas experiências fora da cidade. Sabendo da proporção que seu trabalho alcançou, a Mestra decidiu montar um encontro anual para ministrar oficinas de forma intensiva, o Intensivão de agbês da Mestra Joana. As oficinas são voltadas para quem já toca nas Nações do Pina e para quem está conhecendo o instrumento. (Cavalcante, 2020)

Com as mães do Pina e as Nações do Maracatu “Porto Rico” e “Encanto do Pina”, Mestra Joana constrói todo o seu aprendizado artístico de música e dança. Atuante nos espaços da favela do Bode, desde muito cedo, ainda nos tempos da infância percebia a ausência de possibilidades de vivências culturais e de lazer para as crianças e os

adolescentes do Bairro do Pina. Diante essa realidade, em 1999 criou o grupo *Oxum Opará* com meninas de 07 a 18 anos de idade:

As mulheres da minha Nação

São guerreiras, batuqueiras, baianas Yalorixás

Conhecem a fundo os segredos do mundo

Com brilho de Oxum e a coragem de Oyá

A Dama do Paço, carrega calunga, mãe Yemanjá vem nos abençoar

(Loa “As mulheres da minha nação”, Mestra Joana)

Há 40 anos, a Nação acompanha crianças e jovens da comunidade do Bode que constroem novas histórias que se contrapõem ao crime, à prostituição, ao abandono, ao racismo e ao machismo – questões sociais, fortemente arraigadas na comunidade negra e periférica de Recife, espaço do viver cotidiano dessas pessoas.

Foto 3

Ala dos Agbês do Baque Mirim no IV Encontro Nacional Baque Mulher em Recife, 2019



Fonte: Disponível em: <https://www.facebook.com/MaracatuBaqueMulher/photos/?tab=album&ref=>>. Acesso em: 12 dez. 2019

Com a guiança das *Yalorixás* Vó Quixaba e Mãe Helena, as grandes matriarcas e *Yalorixás* da Nação, Mestra Joana garante oportunidades junto à comunidade de construir ações de promoção social, exercício de direitos iguais, combate ao racismo, proteção de crianças e jovens, integração comunitária e a formação cultural. Ribeiro (2018, p. 22) relata que “valorizar o saber das ialorixás e dos balalorixás, das parteiras, dos povos originários é reconhecer outras cosmogonias e geografias da razão. Devemos pensar uma reconfiguração do mundo a partir de outros olhares, questionar o que foi criado a partir de uma linguagem eurocêntrica”.

Hooks (2015) destaca a importância de práticas feministas que envolvam as diversas mulheres, principalmente as negras excluídas historicamente do feminismo, as

quais são representadas no Baque Mulher, com forte potencial transformador das condições sociais de suas comunidades:

A formação de uma teoria e uma práxis feministas libertadoras é de responsabilidade coletiva, uma responsabilidade que deve ser compartilhada. Apesar de criticar aspectos do movimento feminista como o conhecemos até agora – crítica que às vezes é dura e implacável – eu o faço não em uma tentativa de diminuir a luta feminista, mas de enriquecer, de compartilhar o trabalho de construção de uma ideologia libertadora e de um movimento libertador. (HOOKS, 2015, p. 208)

Por meio dos saberes que aprendeu com sua avó no *Ylê*, Mestra Joana cria o Mazuca da Quixaba em 2006. Esse grupo integra elemento de músicas e danças do *Ylê* de sua avó, os saberes advindos da história oral de velhos mestres da Jurema entrelaçados ao som e à pisada do coco de terreiro. Desde a sua criação, o grupo realiza apresentações em cidades do estado de Pernambuco. Em 2011, ocorreu o lançamento do primeiro CD “A pisada é essa” com o incentivo da FUNCULTURA, Secretaria de Cultura e Governo de Pernambuco. Segundo o Portfólio da Mestra Joana (2017, p. 02),

a partir de 2016 aumenta sua atuação participando do Rencontre Internationale de Maracatu/2016, em Paris, França, como professora de dança e de agbê. Joana D’arc da Silva Cavalcante, neta da Yalorixá dona Maria de Quixaba, sacerdotisa do *Ylê Axé* e culturais desenvolvidas dentro do *Ylê Oxum Deym*, uma das mais antigas do Bairro do Pina, desde criança esteve presente as atividades religiosas.

Pode-se reforçar os aspectos de religiosidade que permeiam a vida da Mestra Joana a partir do relato de Ribeiro (2018), a respeito de uma campanha “Quem é de axé diz que

é”, que aconteceu há alguns anos para que as pessoas “do axé” se assumissem, a fim de romper com estereótipos e difamações. Esta campanha relembra ensinamentos do candomblé, como o fato de que as crianças são criadas por toda a aldeia e a desconstrução da ideia da existência de demônio no candomblé, sinalizando que “os arquétipos trazidos pelos deuses e deusas dessa religião valorizam muitas qualidades que o mundo criado pelo colonizador demoniza” (p. 22 - 23). A esse respeito, segue um relato de Mestra Joana:

Já cresci dentro do terreiro do candomblé, dentro da comunidade, hoje tem essa mobilidade, tem as redes sociais, telefone, mas antigamente, era núcleo fechado, pra ter acesso a uma comunidade era muito difícil, quem aqui entra dentro de uma comunidade que não conhece ninguém, ninguém tem medo, primeiro favela é lugar de preto e pobre, então assim a gente foi criado, isolado dentro daquele espaço, aprender a minha cultura dentro da minha comunidade pra mim é natural, tanto que só algum tempo atrás que eu fui entender o que era racismo, o que era machismo, o que era opressão, porque é tudo natural dentro da comunidade, eu fui criada dessa forma, a oralidade, aprender o candomblé foi vivenciando, o meu aprendizado sempre foi vivenciando, desde pequena, toda a minha família me levando pra dentro da cerimônia religiosa, minha vó, todo mundo, mas assim, hoje eu consigo identificar até que ponto elas também eram oprimida, via a minha avó a gente tinha que sair escondido para ir nos outros terreiros, ela fazia uma bolsa escura, porque ninguém podia ver o que tava dentro, e vários momentos a gente não podia falar em religiosidade, a gente passou um tempo que teve que morar em outro bairro, que onde foi mais difícil a convivência, porque a gente tinha que esconder tudo, eu não entendia, minha vó e meu avô que sabiam o porquê a gente não podia falar nada de candomblé, a gente respeitava e sabia que não podia falar, não tinha entendimento que era perseguição religiosa. Elas já passavam já sentiam isso na pele, sem saber o nome e eu cresci dessa forma. Com isso, várias das crianças e adolescentes com certeza cresceram desse mesmo jeito, tendo que se esconder e aí não queria dar prosseguimento porque não

quer dar continuidade pra uma coisa que tem que esconder, eu acredito que muito hoje em dia, tá mais aflorado, hoje em dia tem vários terreiros surgindo, mas muitos terreiros antigos se desvincula do candomblé por conta disso. E eu vivenciando dentro, a gente não teve como correr, teve que dar continuidade, porque a gente também passou e passa por toda essa opressão, e a gente passa a ter o entendimento de todo o sofrimento de nossas mães, de forma mais aberta, a gente pode falar, as redes sociais estão aí, vários tabus foram quebrados, e a gente consegue falar. Como a gente tá transformando esse diálogo, como a gente consegue passar? Através da educação de nossas crianças, o projeto encantinho a gente consegue trabalhar as loas dos orixás, antigamente a gente não conseguia a gente não podia falar, o Maracatu teve que esconder a religiosidade, ele foi passado dentro das comunidades também sem a religiosidade, hoje em dia a gente consegue passar também a religiosidade. Eu até um tempo atrás eu sabia que o Maracatu era xangô porque a gente colocava as roupas do próprio terreiro e ir pra cidade dançar, e só não entendia porque a gente não podia falar que aquelas roupas eram dos terreiros. Então hoje em dia a gente consegue falar, a gente passa para os jovens e crianças, as próprias loas já falam dos orixás, essa é a forma de educar, combatendo a opressão, combatendo o racismo dentro da comunidade com a educação, sem bater de frente, combatendo com educação. (Registro do diário de campo. Relato da Mestre no Xirê Mukumby no SESC, Sorocaba, 2019)

Segundo o Portfólio da Mestre Joana (2017), a mesma é a idealizadora e regente do grupo Baque Mulher, o primeiro e exclusivo grupo de Maracatu de “Baque Virado” que tem como integrantes somente mulheres, principalmente adolescentes e mulheres das comunidades do Pina e Ilha de Deus, em Recife. A criação do grupo é pautada na inclusão

social das mulheres como ação afirmativa – o mesmo vem realizando intervenções culturais vinculados à luta feminista:

O Baque Mulher faz seu desfile oficial pelas ruas do centro histórico na sexta-feira de carnaval, depois da abertura do carnaval do Recife. Além de se apresentar em diversas cidades do Brasil em festejos relacionados com cultura popular, o Baque Mulher tem se apresentado em eventos ligados às lutas feministas, com o Bloco “Nem com uma flor”. (PORTFÓLIO DA MESTRA JOANA, 2017, p. 04)

Para melhor organização do movimento “Baque Mulher”, com o grupo sede em Recife e os grupos filiais distribuídos pelo Brasil, Mestra Joana, juntamente com as coordenadoras do grupo, criou o Regimento Interno do Grupo Baque Mulher, sendo que a Mestra é a coordenadora local, responsável por:

1 – dirigir, supervisionar, acompanhar e dar suporte aos grupos filiais; 2 – estabelecer o repertório que será realizado por todos os grupos, que terá como base as loas entoadas pelo Baque Mulher Matriz no período do carnaval, podendo ser alterado e repassado aos demais grupos. É importante frisar que a linguagem utilizada pelo Baque Mulher é a mesma das Nações de Maracatu Encanto do Pina e Porto Rico, aos quais está ligado desde sua origem; 3 – escolher o figurino padrão para todos os grupos, que será o figurino utilizado no carnaval, devendo ser encomendado com antecedência à Matriz. O uso da saia nas apresentações oficiais é considerado fundamental, por representar a luta histórica de resistência das mulheres dentro das Nações de Maracatu de Baque Virado; 4 – determinar os temas que serão debatidos nas rodas de conversa de todos os grupos durante o ano e nos encontros nacionais e internacionais; 5 – propor o calendário anual de atividades fixas, como carnaval e Encontro Nacional, bem como datas para atividades extras; 6 – admitir e

desligar grupos filiais, bem como as Coordenadoras Locais. (REGIMENTO INTERNO DO BAQUE MULHER, 2018, p. 03)

A proposta do regimento interno do “Baque Mulher” demarca as lutas feministas enfatizadas por Puigvert (2001, p. 25), tendo em vista que “ao longo da história, as mulheres demonstram a capacidade de organização na defesa de nossos interesses e necessidades frente a determinadas situações de exclusão”, ou seja,

os movimentos de mulheres estão contribuindo com a potencialização de dinâmicas dialógicas, baseadas na igualdade, que são transformadoras da sociedade atual. Nesse sentido, cabe ressaltar algumas ações que são base para futuras experiências de transformação individual e social. As ações coletivas têm contribuído com a superação de determinadas desigualdades, mobilizando as mulheres de todos os setores sociais.... Estas mulheres não acadêmicas são as que, normalmente, ficam no anonimato (PUIGVERT, 2001, p. 26).

Mestra Joana e Vó Quixaba também contribuem com o fortalecimento da tradição religiosa de matriz africana, enfrentando perseguições e preconceitos disseminados por fundamentalistas cristãos, e reforçadas pela mídia corporativa que silencia os casos de violência declarada à comunidade negra e à sua manifestação religiosa nos casos de racismo religioso que as casas religiosas vivenciam cotidianamente na comunidade.

As questões do racismo e do desrespeito às religiões de matriz africana são expostas por Ribeiro (2018), quando relata o seguinte trecho em sua história de vida:

Fui iniciada no candomblé aos oito anos (...) precisei usar roupas brancas e turbantes na escola. Virei motivo de piada (...), mas o pior foi quando um menino arrancou meu turbante

na hora do recreio e todos viram minha cabeça raspada. Foi um momento constrangedor, que me fez negar minhas origens... Só em 2013, após pouco mais de uma década distante do candomblé, já segura e despida dos medos colonizadores, regressei ao espaço do sagrado... entender a cosmogonia africana e outras geografias da razão foi um instrumento de empoderamento para mim (...). (RIBEIRO, 2018, p. 22 - 23)

Foto 4

Mestra Joana Cavalcante no Sesc Sorocaba no III Encontro Nacional do Baque Mulher 2018



Fonte: Disponível em: <<https://www.facebook.com/MaracatuBaqueMulher/photos/?tab=album&ref=>>. Acesso em: 12 dez. 2019

Mestra Joana também enfrentou, e ainda enfrenta, inúmeras expressões de resistência à sua posição hierárquica como Mestra o que, na sua percepção e de outras batuqueiras, são posicionamentos de cunho misógino e machista. Muitas pessoas não a reconhecem e não a respeitam como Mestra, chamando-a somente por seu nome Joana, ao

mesmo tempo em que homens na mesma posição são reconhecidos, respeitados e denominados como mestres.

5.2 Grupo de Maracatu e Movimento feminista Baque Mulher: o poder feminino

*Bate o tambor ó negra
Eu quero ver poeira subir
É nesse baque- que eu vou
É nesse baque- meu amor
Mulher guerreira tocando tambor
Rosa e laranja- eu sou eu sou
Baque mulher- com muito amor
Mulher guerreira raiz nagô*

(Loa “Bate o tambor ó negra” Mestra Joana Baque Mulher)

A diferenciação das atividades realizadas por homens e mulheres, bem delimitadas no Congado do qual esta pesquisadora participa desde 2013, como uma das três primeiras mulheres que tocam tambor – em 2019, já havia 14 mulheres que ocupavam esse espaço –, é uma das questões que Mestra Joana buscou enfrentar com o Coletivo e Grupo “Baque Mulher”. Houve um ano em que as duas companheiras não puderam participar da festa do Congado, e esta pesquisadora esteve sozinha entre todos os homens que tocam tambor, os caixeiros. Naquele momento, foi possível observar com mais detalhes os olhares de estranhamento existentes dentro e fora do Congado, quando mulheres ocupam esse espaço que, historicamente, é de predominância masculina.

Ao entrar para o “Baque Mulher”, em 2018, e conhecer a proposta, o regimento e os fundamentos desse movimento, esta pesquisadora se reconheceu ao observar que algo ali, naquele espaço de fala, se diferenciava. As integrantes do grupo problematizavam a desigualdade de gênero presente nas tradições socioculturais e no viver em sociedade, demarcando uma das principais lutas desta pesquisadora, que consiste na liberdade de expressão das mulheres tanto no meio cultural, como social.

No Regimento Interno do Maracatu “Baque Mulher” de 2018, Mestra Joana aponta

como finalidade e natureza do Baque Mulher:

fortalecer a figura da mulher como protagonista, primeiramente como liderança religiosa dentro de suas comunidades; além da atuação em funções tradicionais dentro do maracatu, como dançar e costurar, propiciando a sua liderança também como referência na percussão e em outras áreas. Nesse sentido recebe de braços abertos integrantes de outras nações de Maracatu que aceitem participar desta proposta. (p.02)

Nesta esteira, observa-se a importância do “Baque Mulher” na vida das integrantes por meio dos relatos colhidos na vivência do IV Encontro Nacional Baque Mulher em 2019: quando a Mestra propõe uma roda de conversa para integração das participantes e as convida a relatarem o significado do BM em suas vidas, uma integrante de grupo filial relata que o mesmo: *“representa onde eu posso aprender Maracatu, tocar com amor e carinho eu tenho aprendido muita coisa sobre ser mãe, sobre ser amiga e sou muito grata”*.

Foto 5

Roda de conversa no IV Encontro Nacional Baque Mulher em Recife 2019



Fonte: Disponível em: <<https://www.facebook.com/MaracatuBaqueMulher/photos/?tab=album&ref=>>>. Acesso em: 12 dez. 2019

Outra integrante de Recife relata o significado do “Baque Mulher” em sua vida, demonstrando a relevância social de fazer parte deste movimento de feminismo e do Maracatu:

É muito importante na minha vida, e só quem mora aqui, só quem sabe o que acontece na nossa vida, sabe que o Baque Mulher é muito mais do que se reunir alguns dias da semana para tocar, é ser um grupo que a gente pode contar umas com as outras, é a estrutura que mantém a gente em pé e isso é muito importante, só quem tá aqui sabe como é bom ver o Baque Mulher crescer e se expandir. A gente não podia tocar e depois a gente tocava como homem, hoje a gente pode sair como mulher e mostrar. O único vínculo que tenho de família é minha mãe e o baque mulher (Registro de diário de campo relato de integrante do BM Recife no IV Encontro Nacional de 2019).

No mesmo encontro, conversou-se com algumas integrantes crianças e adolescentes de Recife, e uma menina de 05 anos de idade relatou que o “Baque Mulher” significa: “*ser guerreira, aquela mulher que toca, eu sou dos três Maracatus, Baque Mulher, Encanto do Pina e Porto Rico*”.

Esta conquista de espaço que vem sendo garantida pelas mulheres no Maracatu junto ao grupo “Baque Mulher” na desconstrução de uma hierarquia de gênero estabelecida demonstra, em relação à posição das mulheres, um enfrentamento com a força do movimento feminista construído por Mestre Joana, retratado pelo Dossiê do Maracatu Nação:

As questões relacionadas às mulheres nos grupos de maracatu, tomando por base suas posições e papéis, bem como suas inserções em outros espaços dessa manifestação, são reflexos dessas novas dinâmicas que, de um modo ou de outro, têm contribuído para ressaltar o universo feminino nas nações de maracatu e suas implicações nos arranjos de poder. Se nas antigas descrições não há relatos sobre a importância das mulheres que formavam os grupos, numa perspectiva mais contemporânea, elas começam a se destacar no contexto organizativo das nações, seja demandando funções espirituais, como é o caso da dama do paço e da rainha, seja como batuqueiras ou até mesmo como mestra de batuque (p. 143).

Com a consolidação do trabalho social desenvolvido junto à Nação de Maracatu “Encanto do Pina” e ao “Baque Mulher”, Mestre Joana se transformou em uma inspiração que fortalece outras mulheres ao empoderamento, a fim de superar a desigualdade e a violência de gênero.

Nesse sentido, Ribeiro (2018) aborda a questão do empoderamento, desconstruindo percepções que o descrevem como uma busca individual para tomada de poder e

perpetuação de opressões, “trata-se de empoderar a si e aos outros e colocar as mulheres como sujeitos ativos na mudança” (p. 135). Mestreira Joana atentou-se, portanto, para a necessidade de promover espaços de questionamento, de provocação, de luta e de resistência quanto à representação da mulher no Maracatu de Baque Virado. Para ela, o objetivo principal era de que o espaço se tornasse um potencializador dessas questões para as mulheres participantes, para as moradoras da comunidade e de seu entorno – mulheres que, muitas vezes, não se identificam com as expressões culturais em cena, justamente por não perceberem um protagonismo feminino.

No IV Encontro Nacional do Baque Mulher, demonstra-se as lutas que Mestreira Joana e o grupo têm desenvolvido com as mulheres pela equidade de gênero e fortalecimento dos direitos:

à liberdade, o direito de trabalhar, o direito de fazer as mesmas coisas que o homem e ganhar o mesmo que ele ganha, não mais, não menos, igual, isso que o bloco nem com uma flor registra, mais uma luta da Mestreira Joana pelos direitos trabalhistas e todos os outros direitos que uma mulher tem e precisa ter, que são os direitos iguais, isso registra e faz com que mulheres tenham coragem de registrar coisas que elas estão sofrendo, como assédios, abusos dentro de casa, violência doméstica, depois que o BM existiu isso começou a ser bem mais assim, mais mulheres procurando os seus direitos (Registro de diário de campo relato de criança integrante do grupo no IV Encontro Nacional de 2019).

Foto 6

Roda final de Axé após apresentação final em frente ao Sispire no IV Encontro Nacional Baque Mulher em Recife 2019.



Fonte: Disponível em: <https://www.facebook.com/MaracatuBaqueMulher/photos/?tab=album&ref=>>. Acesso em: 12 dez. 2019

As referências que estruturam o trabalho sociocultural do Baque Mulher são originárias das duas Nações de Maracatu de “Baque Virado” da comunidade do Bode, em Recife, PE, Nação de Maracatu “Encanto do Pina” e a Nação de Maracatu “Porto Rico”, o que é reforçado por Mestra Joana no diálogo com coordenadoras dos grupos filiais sobre a importância de sempre reforçar e relembrar as bases do BM:

Eu acredito que quando a gente consegue ter esse diálogo, esse entendimento, você saber entender o que é Baque Mulher, de onde ele vem, o que ele representa, quem são as verdadeiras pessoas por trás desse movimento, é onde a gente entende o motivo do movimento existir (Registro do diário de campo relato da Mestra IV Encontro Nacional de 2019).

Foto 7

Ensaio geral do IV Encontro Nacional do Baque Mulher na favela do Bode, em frente à Nação do Maracatu Porto Rico em 2019



Fonte: Disponível em: <<https://www.facebook.com/MaracatuBaqueMulher/photos/?tab=album&ref=>>>. Acesso em: 12 dez. 2019

A Mestra desenvolve um trabalho de enfrentamento do racismo contra a mulher negra por meio da valorização das matriarcas das tradições da religião de Matrizes Africana e Indígena, evidenciando o poder feminino e o legado deixado pelas mulheres mais velhas que, no passado, lutaram por direitos básicos que beneficiam as mulheres da atualidade. A partir da compreensão de que candomblé e Maracatu estão conectados em suas bases e fundamentos, Mestra Joana reforça, em seu relato, a continuidade dos ensinamentos que obteve das mulheres mais velhas, e como os mesmos são fortalecidos pela tradição oral:

Tudo que eu faço hoje, tudo isso eu aprendo com as minhas mais velhas que é reproduzido, é feito dentro do Ylê, dentro da comunidade (...) E não tem nada escrito, a gente aprende mesmo na oralidade, candomblé é oral, então cada terreiro, cada Ylê tem seu sotaque,

cada terreiro, cada mãe, cada Babá tem seus ensinamentos, mas todos têm um direcionamento, realmente candomblé não tem receita de bolo, a gente tá sempre dizendo isso”. (Registro do diário de campo relato Mestra Joana em palestra no Sesc em V Xirê Mukumby 2019 Sorocaba)

Para participar do movimento, é fundamental entender a proposta e os fundamentos que compõem o Baque Mulher que traz, em sua essência, a força dos Orixás e da Jurema Sagrada³⁰. A seguir, Mestra Joana relata um pouco da história dessa relação intrínseca entre candomblé e Maracatu bem como os desafios e conquistas desta trajetória de vida:

Se chegar em Recife, dentro dos terreiros, vou falar do Pina que é onde eu moro, é muito raro você ver uma mãe de santo vestir o seu branco na sexta-feira, das mais velhas, por conta da perseguição religiosa, muitas coisas foram quebradas. Hoje você chega lá vê minha vó, vê Mãe Leu, com a roupa na sexta-feira, porque antigamente sair com as roupas brancas é perseguido, sair com nossas guias é apedrejado, então muita coisa foi abrindo mão pra sobreviver, e a gente vai vendo o quanto a gente sofre, o quanto é perseguido, o quanto as nossas mais velhas também teve que ocultar, tirar alguma educação da gente pra que a gente pudesse sobreviver. Então muita coisa dentro do terreiro a gente teve que moldar, tanto é o Maracatu, a gente sabe que muitos anos a gente ficou muitos anos sem poder falar da religiosidade dentro do Maracatu, tem vários livros que o Maracatu nada é citado do candomblé, mas lá atrás quando a gente fazia as cerimônias religiosas escondidas, e o Maracatu sempre foi escondido também, as cerimônias religiosas, até hoje as pessoas tentam reproduzir isso, desvincular o candomblé do Maracatu porque a gente teve que esconder lá atrás a nossa religiosidade. Então essa perseguição religiosa, essa opressão, ela influenciou muitas formas, mas nós como bons filhos de orixás, nada é por

³⁰ Denominação da religião de características afro e ameríndias que cultua mestres, mestras, caboclos, caboclas, exus, pombagiras, dentre outras entidades. (DOSSIÊ DO MARACATU NAÇÃO, p. 114)

acaso, nada é em vão, tudo tem uma razão de ser, e estamos aqui na resistência. Então é isso, candomblé realmente é cuidar, é acolher, é comunidade, é família, assim foi passado, assim continua sendo passado, e támo aí, asé. (Registro do diário de campo relato da Mestra Joana na palestra em Sesc no V *Xirê Mukumby* em Sorocaba 2019)

Em fevereiro de 2016 nascia mais uma grande ação: Mestra Joana agrega ao “Baque Mulher” a proposta de se tornar um coletivo feminista, com o objetivo de alinhar posicionamentos e fomentar, a partir do Maracatu de Baque Virado, projetos voltados para o empoderamento feminino.

Assim, membras do ‘Baque Mulher’, espalhadas de norte ao sul, iniciam um processo de promoção de ações em suas próprias comunidades, em suas escolas, em suas cidades, sempre apoiadas nos fundamentos do movimento BM e sob orientações de Mestra Joana, o que é destacado pela mesma:

E o motivo do Encontro acontecer aqui era contemplar a base, a matriz, nossas mais velhas, nossas jovens, nossas ideias principalmente, a gente beber na fonte e aprender com todas elas, é sempre uma luta, um ano lá fora e um ano aqui. Eu já escutei “ah por que não faz lá fora porque lá fora tem toda estrutura”. Não, era pra ser só aqui, a gente abre pra fora também para dar condições de outras pessoas de fora participar, esse é um ponto. (Registro do diário de campo relato Mestra IV Encontro Nacional em Recife)

No Portfólio do “Baque Mulher” (Bianchi et. al., 2016), ano que o Movimento completava o seu oitavo aniversário, mestra Joana sinalizava a importância de refletir a respeito de todos tipos de violência contra as mulheres, seja psicológica, verbal ou física. Nesse sentido, torna-se fundamental compreender as formas de violência de gênero e o trabalho sociocultural de mulheres que se organizam e dialogam para identificar essas

possíveis violências, nos âmbitos social e político. O relato da Mestra na reunião com coordenadoras no Encontro Nacional em Recife 2019 reafirma a importância dos mecanismos de defesa, de denúncia e de construções de novas relações mais igualitárias, reforçando a importância da coletividade, do acolhimento com mulheres vítimas de violências:

Quando uma de nós precisa desse acolhimento então cabe a nós enquanto coordenação ir logo em busca desse respaldo aí, quais caminhos tomar, quais núcleos procurar dentro da nossa cidade, quais movimentos podem estar nos fortalecendo nessa parte jurídica. Então a gente tem que fazer esse mapeamento pra gente ser fortalecer. A gente vai tá encaminhando, olha eu peguei um telefone vai lá, a pessoa que tá ali machucada, ferida ela não tem condição de fazer nada. As vezes a pessoa acha que deu um telefonema, passou um endereço já tá ajudando. Então temos que procurar as ações dos movimentos que possam estar nos fortalecendo dentro do movimento na questão de segurança pública mesmo, encaminhamento, o que fazer, quando a mulher tá agredida, psicólogo, assistência, é responsabilidade nossa acompanhar, só indicar não adianta nada, o sentimento de solidão e abandono é o pior do mundo (Registro do diário de campo relato Mestra Joana IV Encontro Nacional de Recife).

Safiotti (2004, p. 17-18) retrata que “o entendimento popular da violência [...] trata-se da violência como ruptura de qualquer forma de integridade da vítima: integridade física, integridade psíquica, integridade sexual, integridade moral”

Foto 8

Roda de conversa do grupo filial Baque Mulher de Ribeirão Preto 2019



Fonte: Disponível em: <<https://www.facebook.com/MaracatuBaqueMulher/photos/?tab=album&ref=>>>. Acesso em: 12 dez. 2019

No IV Encontro Nacional de 2019, uma criança de 10 anos de idade, ao ser indagada sobre o significado do BM, responde: *“não só em Recife como em todos, é muito importante ensinar as mulheres a não ficarem caladas, se elas sofrem algum tipo de violência e a pessoa fala que ama, não é amor, pra ser uma pessoa melhor e que posso ajudar, a Mestra Joana me inspira muito”*.

Quando uma criança demonstra, com tanta propriedade de fala, a importância deste movimento para a vida de todas as mulheres, observa-se a força do mesmo na construção social e cultural de uma consciência pela luta da equidade de gênero e enfrentamento à violência contra mulheres, como sinaliza Puigvert (2001):

Em nossas primeiras lutas nós brigamos para impor nossas vontades e desejos aos dos homens, por nos serem negados espaços, como a educação e o trabalho. Todas as conquistas que iniciaram “*Las Otras Mujeres*” não tem nada a ver com a autoridade de imposição de ordem por hierarquias, tem a ver com a democracia e a radicalização desta” (p. 32).

A Mestra construiu um significado para o Baque Mulher no sentido de demarcar a importância da reflexão, prevenção e do enfrentamento de todos os tipos de violência contra as mulheres, seja psicológica, verbal ou física, como relata a mesma criança no IV Encontro Nacional em Recife 2019

Isso registra e faz com que mulheres tenham coragem de registrar coisas que elas estão sofrendo, como assédios, abusos dentro de casa, violência doméstica, depois que o BM existiu isso começou a ser bem mais assim, mais mulheres procurando os seus direitos.
(Registro de diário de campo relato de criança no IV Encontro Nacional de 2019)

Dessa maneira, Mestra Joana constrói uma proposta com o “Baque Mulher” no sentido de reconhecimento das formas de violência, prevenção e enfrentamento das mesmas, que se fortalece desde a potencialização dos coletivos, por meio de diálogos, redes de apoio, bem como na composição das loas que expressam, para a sociedade, o sentido social e político do movimento feminista “Baque Mulher”, como é possível observar na loa Maria da Penha, a seguir:

Maria da Penha é forte, é forte pra valer

Com sua força e coragem fez a lei acontecer

A lei Maria da Penha, agora eu já sei

11.340 do ano 2006

Mulheres do Mundo inteiro, com garra pra vencer

Vamos unir as nossas forças e fazer acontecer

Temos direito à liberdade

Temos direito de viver

Temos direito, temos direito

Temos direito de vencer

(Loa Maria da Penha- Mestra Joana Baque Mulher)

Maria da Penha é uma das loas entoadas pelo grupo como maneira de socializar as conquistas efetivadas por meio dessa lei, uma maneira de evidenciar e fortalecer o acesso às medidas punitivas e protetivas elencadas pela mesma, em busca do enfrentamento da violência de gênero e contra mulheres. A Lei Maria da Penha (2006)

cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher, nos termos do § 8o do art. 226 da Constituição Federal, da Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra as Mulheres e da Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência contra a Mulher; dispõe sobre a criação dos Juizados de Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher; altera o Código de Processo Penal, o Código Penal e a Lei de Execução Penal; e dá outras providências (p. 01).

Ainda caracterizando os tipos de violência, consta no Código Penal Brasileiro que “a violência sexual pode ser caracterizada de forma física, psicológica ou com ameaça, compreendendo o estupro, a tentativa de estupro, o atentado violento ao pudor e o ato obsceno”. Outra lei que fortalece os movimentos feministas e o enfrentamento à violência contra mulheres é a lei contra o feminicídio:

Em 2015 é consolidada a Lei 13.104/2015 do feminicídio, que altera o artigo 121 do Decreto-Lei no 2.848, de 7 de dezembro de 1940 - Código Penal, para prever o feminicídio como circunstância qualificadora do crime de homicídio, e o artigo 1º da Lei no 8.072, de 25 de julho de 1990, para incluir o feminicídio no rol dos crimes hediondos. Sendo crime de feminicídio, homicídio contra a mulher por razões da condição de sexo feminino, quando o crime envolve violência doméstica e familiar, menosprezo ou discriminação à condição de mulher.

Mestra Joana reforça constantemente a importância do “Baque Mulher” no potencial que têm, em relação à coletividade, as rodas de diálogos e a rede de apoio que fortalecem mulheres, as quais reconhecem relações abusivas e violentas e criam recursos para saírem dessa condição e buscar relações saudáveis. Um dos aspectos que dá força para este movimento, é a sororidade³¹; quando a Mestra conversa com as coordenadoras dos grupos filiais, reforçando a orientação da sororidade entre mulheres, sejam brancas ou negras, ressalta a busca contínua da aprendizagem da prática:

Eu, enquanto mulher negra, Glória é minha comadre, a gente tá junta há 12 anos, a gente tem um respeito, tem uma irmandade, que vai além da cor, com Carol que tá aqui, com Roberta, que são base pra estar tudo isso aqui, que são braço forte pra gente continuar, isso vai de respeito pra além da cor, pra questão de sororidade, se botar uma no lugar da outra, então dentro do movimento do Baque Mulher isso tem que acontecer, uma botar no lugar da outra, em todos os momentos. (Registro do diário de campo relato Mestra no IV Encontro Nacional em Recife)

³¹ É uma dimensão ética, política e prática do feminismo contemporâneo. É uma experiência subjetiva entre mulheres na busca por relações positivas e saudáveis, na construção de alianças existencial e política com outras mulheres, para contribuir com a eliminação social de todas as formas de opressão e ao apoio mútuo para alcançar o empoderamento vital de cada mulher. A sororidade é a consciência crítica sobre a misoginia e é o esforço tanto pessoal quanto coletivo de destruir a mentalidade e a cultura misógina, enquanto transforma as relações de solidariedade entre as mulheres (RIBA, 2016, p. 240- 242).

As origens do “Baque Mulher” vêm da favela e da comunidade de Recife, e como os grupos foram se expandindo para outros lugares do Brasil, e mesmo para outros países, atualmente há mulheres de diferentes classes sociais, gerações, graus de escolaridade, etnias e culturas que compõem os grupos.

Quando o grupo se expande, abarca mulheres diversas e busca manter fortalecidas as suas bases, mas desenvolver uma lógica feminista por meio da construção dialógica, ou seja, um feminismo igualitário de vozes garantidas a todas as mulheres, considerado como “a luta organizada de todas para superar as situações de exclusão que vivenciamos por nossa condição de mulheres. O feminismo é o vínculo solidário que se estabelece entre todas para transformar as desigualdades em igualdades” (PUIGVERT, 2001, p. 55).

Tendo em vista que a maioria das integrantes do grupo sede de Recife são mulheres negras, na perspectiva do feminismo negro e dialógico, o relato abaixo demonstra o racismo que crianças sofrem desde cedo e a importância da união entre mulheres no enfrentamento e posicionamento antirracista cotidiano:

Eu vim conhecer o grupo há dois anos atrás e isso mudou a minha vida, porque é mais uma prova de que a gente sofre, de um jeito ou de outro a gente sofre mesmo nos dias de hoje, depois de toda a escravatura, depois de tudo que todo mundo sofreu, a gente ainda sofre modernizado, o jeito de sofrer, mas a gente ainda sofre, isso é triste e ainda bem que agora a gente tem o Baque Mulher para mostrar que a gente não precisa disso, a gente não precisa sofrer, a gente ter os mesmos direitos justos, não menos. (Registro de diário de campo relato de criança com 10 anos de idade integrante de Recife no IV Encontro Nacional 2019)

A manutenção do Maracatu de “Baque Virado”, existente e fortalecido há séculos, resiste ao descaso dos governos e à consequente falta de políticas públicas que o promovam,

fato que Mestra Joana relata diante da falta de apoio do poder público para manutenção do grupo e eventos que realiza, como demonstrado no registro do diário de campo da pesquisa sobre o relato da Mestra no IV Encontro Nacional do Baque Mulher em Recife 2019:

Primeiramente obrigada às coordenadoras mais uma vez, aqui pra estar realizando um evento desse é muita resistência, não tem apoio nenhum, é muita dificuldade, a gente não tem apoio de ninguém só de nós mesmas. A única verba que tem aqui é a inscrição de cada uma de vocês, quem fez a inscrição foi a grande patrocinadora para que a gente pudesse estar aqui agora, fora isso o que a Prefeitura deu foi 200 camisas, nem o palco, nem iluminação, a gente não conseguiu nada, nós estamos aqui na luta e na resistência.

(Registro do diário de campo relato Mestra Joana, IV Encontro Nacional de 2019)

É perceptível que a tradição Sociocultural do Maracatu “Baque Mulher” caminha em consonância com a luta coletiva pelo reconhecimento e valorização da cultura tradicional afro-brasileira, que ainda é ignorada pelo poder público que pouco investe em suas riquezas, como relata Oliveira (2011, p. 13-14):

Mesmo quando o Estado brasileiro ensaia, de forma ainda ínfima, a democratização dos recursos voltados para a cultura, através de chamadas públicas de projetos, as possibilidades dos detentores de cultura negra acessá-los é nula. Anunciam apoio, promoção e resgate da Cultura Negra, porém, na prática continuamos sem acesso aos recursos públicos. A burocracia, a papelada, as exigências de conhecimento de contabilidade, das normas da língua portuguesa considerada ‘cultura’, de matemática financeira, de estatística, de informática entre outras, afastam a grande maioria do povo negro dos programas e projetos destinados a ele próprio.

Foto 9

Oficinas de Naipes com a liderança da Mestra Joana Cavalcante no IV Encontro Nacional do Baque Mulher em Recife 2019



Fonte: Disponível em: <<https://www.facebook.com/MaracatuBaqueMulher/photos/?tab=album&ref=>>>. Acesso em: 12 dez. 2019

A construção do “Baque Mulher”, por Mestra Joana Cavalcante, coloca em evidência e questiona a subalternidade histórica das mulheres, quando se posicionam tocando instrumentos antes não permitidos, se fortalecem individual e coletivamente na busca da equidade de gênero e redes solidárias de apoio. A respeito da subalternidade, Safiotti (2004) aponta que, na percepção dos homens, o organismo das mulheres é visto de maneira bem diferente, como mais resistente (ainda que fisicamente menos forte), por ser capaz de suportar, inclusive, as violências físicas e psicológicas exercidas pelos mesmos. Esta percepção funciona para mostrar que são superiores em relação a elas, o que exalta, na verdade, sua inferioridade.

Segundo relato da coordenadora local do Baque Mulher de Ribeirão Preto, na oficina realizada em 2019 no Memorial da Classe Operária:

a Mestra Joana foi quem fundou o Baque Mulher, ela também já era filha de um dos mestres que fundou o Encanto do Pina, que é uma Nação também. E com o jogar dos búzios viu que ela que regeria o baque. E houve um auê, assim, porque mulher não regia baques. Então não era assim só querer, não era só consanguíneo, ia muito além. Ela assumiu o Encanto do Pina que é uma Nação próxima do Porto Rico porque fica no mesmo Bairro, no Bode. Então com o passar do tempo ela foi inserindo vários toques diferentes no Agbê que era a Ala mais representada pelas mulheres. E aí com o tempo ela viu a necessidade de produzir um Baque só de mulheres, porque elas se reuniam e viam que começaram a surgir várias demandas, de violência contra as mulheres, de batuqueiros que estavam tocando junto e tinham suas esposas tocando também, aí sentiu necessidade de lutar pelas mulheres, aí ela fundou em 2008 o Baque Mulher lá em Recife, aí nós temos a nossa sede. A partir de então o Baque só começou a crescer, temos no Brasil todo inclusive fora do país, temos um que foi fundado em Lisboa, na Alemanha, na Argentina, e a Mestra é muito maravilhosa, é o lugar de poder dela, representa mesmo (Registro de diário de campo relato coordenadora local do BM Ribeirão Preto em oficina de 2019).

Nesse sentido, com o objetivo de somar forças às lutas e conquistas feministas, o Baque Mulher foca o protagonismo das mulheres que buscaram a integração ao Maracatu como uma expressão sociocultural, como forma de manifestação, individual e coletiva, em defesa dos seus direitos, o que é de grande importância na construção da história da cultura tradicional afro-brasileira. Uma integrante de Recife, com 15 anos de idade, expressa no IV Encontro Nacional em Recife 2019, a importância de integração no grupo como garantia “*de ter liberdade, de ter o respeito*”, quando a integrante de 15 anos de idade reitera sobre o direito “*de andar com a qualquer roupa na rua e ela não ser olhada de um jeito diferente, isso é bem importante (...) não ser olhada na rua como se você fosse um macaco, um bicho, coisas tristes assim que acontecem*”.

Isto é possível observar por meio do relato de uma das lideranças do “Baque

Mulher”, em uma das oficinas realizada em Ribeirão Preto:

O Maracatu é um braço da cultura africana, lembrando que a gente saúda os orixás nas loas, a gente fala que o Maracatu é o Candomblé na rua, se deu início em Pernambuco Recife, tem uma diferença que o que a gente toca aqui no Porto Rico a gente fala que é o Maracatu Nação que é de Baque Virado, e tem o Maracatu solto que é o Rural, Maracatu Nação Rural. Antigamente as mulheres não podiam tocar Maracatu, elas ajudavam fabricando roupas, sempre no pano de fundo, e esse movimento das mulheres serem inseridas dentro do Maracatu tocando instrumento é novo, se deu dos anos 90 para cá. (Registro de diário de campo relato de coordenadora local em oficina realizada em 2019 pelo grupo de Ribeirão Preto)

De acordo com Ribeiro (2017), o debate do feminismo que amplia a percepção sobre as possibilidades de expressões femininas, deixando o discurso que universaliza as mulheres, aparece somente na terceira onda do feminismo, considerando as diversidades em relação à raça, orientação sexual e identidade de gênero.

Demarcando o viés étnico-racial, Mestra Joana relata no IV Encontro Nacional do Baque Mulher em Recife 2019, sobre as opressões que vivenciam no cotidiano de construção do grupo e movimento feminista:

Essa é a parte que eu tenho que certeza que marcou a vida de muitas mulheres do BM inclusive a minha, um momento muito difícil que passamos juntas, o BM. BM tem 11 anos, durante 10 anos a gente ensaiava na Rua da Moeda, 10 anos na luta por um espaço, e saímos em todas essas ruas e esquinas de Recife que vocês imaginarem, já paramos e tentamos ter um ponto de referência, sempre voltando para a Rua da Moeda. E um certo dia, no meu desespero de ter um espaço para acolher todo mundo, porque já fomos, já saímos correndo aqui do centro de Recife, brigas de gangue, pedra vai, pedra vem, e o BM

no meio, a gente desesperado com nossas crianças, vários momentos de bem pânico, e nós sentamos e conversamos que não dava mais pra trazer as meninas pra rua por conta do perigo que estava oferecendo para essas jovens, essas crianças, a segurança. E aí eu me desesperei que a gente ia ter que parar o BM, e aí uma figura nos ofereceu o espaço dela pra guardar os instrumentos e a gente poder usar a sala. Então a gente ficou super feliz ne, a gente vai ter um espaço, e divulgamos nas redes sociais. Aí no primeiro dia que a gente chegou lá todo mundo feliz, todas as jovens e adolescentes, aqui tem gente que passou por esse dia, e aí quando a gente chegou lá, a pessoa foi nos apresentar o espaço, “entre, primeiro tire a sandália”, tirou e deixou as sandálias de fora, “entre, agora sejam bem-vindas, mas aqui temos regras, sujou, limpe, abriu, feche, e o que ver deixa lá, mas que não mecha em nada”. Foi a recepção pra nós, estávamos lá, ficamos em estado de choque, sabe aquela coisa que não tivemos reação nenhuma, ficamos lá junto com todas as adolescentes da comunidade sem reação, sem saber o que fazer. Eu, quando me lembro desse episódio vem uma revolta sabe. E aí olhamos uma pra outra, deixamos fluir, não passamos pras jovens o que estava acontecendo, porque essa realidade diária, essa vivência de opressão é tanta, que muitas vezes a gente nem percebe. As jovens, crianças e adolescentes pra identificar as vezes é difícil, mas a gente sentiu na hora e fomos embora. E fomos a essa pessoa no outro dia, eu falei, pediu desculpa e que foi um mal-entendido que tinha acontecido. Aí disse, ah então pode ser que eu tô doida, e continuou os instrumentos lá. E aí na semana seguinte nós precisamos dos instrumentos pra fazer uma apresentação, o espaço tava fechado, a gente avisou. E ligamos pra ela que falou, ah esqueci e trouxe a chave e aí ela mora em Olinda. Na terceira semana quando chegamos para ensaiar não tinha chave e o cadeado tava trocado e aí foi quando a gente entendeu que ali realmente não tinha, não era o nosso lugar. E foi muito triste um acontecimento que me marcou que quando Karina veio aqui com esse espaço no dia do samba, Karina me convidou para ser uma das homenageadas acredito, pra fazer uma roda, fazer uma farra, foi quando eu conheci Lu, e Karina já sabia desse desespero nossa por conta de espaço. Eu disse Karina que espaço lindo, ela disse Lu é maravilhosa, fale com ela pra

vocês ensaiarem aqui, e aí eu falei, já fui logo a pedinte, Lu ajuda a gente, ela disse “claro, o espaço é de vocês”. Depois eu dei um passo pra trás e pensei Meu Deus eu fiz besteira de novo, um espaço desse, tô vendo que não vamos ser bem vindas aqui. E aí quando a gente veio, quando eu vim no primeiro dia, vim toda com medo, confesso que estava bastante apreensiva e prestando atenção em todos os detalhes, mas Lu foi super carinhosa e atenciosa, falou não tem espaço pra botar os instrumentos mas a gente desmancha isso aqui, a gente bota uma prateleiras aqui. Os instrumentos fazem parte da decoração. Mas como eu disse pra vocês, a gente tem medo de entrar nos espaços devido a opressão, tá tão enraizado que a gente tem medo. No primeiro dia que a gente entrou aqui com as meninas da comunidade eu falei várias vezes, não suje o chão, não jogue nada no chão, cuidado pra não quebrar nada. A gente com esse cuidado porque não sentimos que pertence a nós e isso é muito triste, é muito duro, porque esse sentimento vem de várias marcas que já estão no nosso corpo. Isso que eu queria falar pra vocês, da importância desse espaço aqui pra gente. E sabemos que somos da favela, somos da periferia com muito amor e somos bem fortes. (Registro de diário de campo de relato da Mestra Joana em 2019)

No IV Encontro Nacional de Recife 2019, a Mestra faz um relato em que reforça para as coordenadoras as bases de manutenção e fortalecimento do movimento Baque Mulher, orientando que as mesmas têm de fortalecer nos grupos filiais com todas as integrantes:

Outro ponto, que é mais importante da gente ter essa roda de conversa aqui agora é uma preocupação que eu tenho nos Baque Mulher filiais que é a questão das rodas de conversas, as rodas de diálogos. Eu vejo que muitos grupos priorizam só o tocar, eu vejo vários vídeos, várias artes, várias fotos de apresentações maravilhosas, mas atividade com temas, a nossa base de verdade que é de olhar nos olhos uma da outra, é a gente se fortalecer enquanto mulheres, eu vejo que está bem defasado, eu vejo grupos que não estão

dando prioridade, e o baque mulher é a nossa prioridade é essa, a nossa união entre mulheres, a nossa sororidade. (Registro de diário de campo de relato da Mestre Joana IV Encontro Nacional em 2019)

Traduzir tal vivência, atrelando a tradição Sociocultural do Maracatu à discussão de gênero é a proposta desenvolvida por Mestre Joana junto ao Baque Mulher, reforçada pela presente pesquisa, com vistas a fortalecer a construção de conhecimento sobre a temática, uma vez que, segundo Lisboa (2010), “os estudos de gênero nos convidam a olhar e a pensar de maneira diferente sobre nossa condição histórica e sobre a origem das desigualdades sociais” (p. 68). A esse respeito, Cisne (2012) reforça que “a perspectiva de análise de gênero possibilita perceber que a subalternidade conferida às mulheres é resultado de uma construção social, portanto, histórica, e não de uma essência natural feminina” (p. 22).

O machismo estrutural brasileiro é tão arraigado em nossas relações, inclusive entre mulheres que, muitas vezes, se sentem indefesas e pensam na necessidade de ter ajuda de homens, como se observa no relato descrito em diário de campo pela pesquisadora, em oficina desenvolvida pelo Baque Mulher de Ribeirão Preto:

Na oficina de Timbal, apareceu um homem que começou a interromper. Convidei-o para sairmos e explicar a ele que era uma oficina exclusiva para mulheres, pedindo a gentileza que ele não interrompesse. Eu disse que não tínhamos recurso e comida porque ali era um local profissional e estávamos em trabalho. Nesse momento, eu entrei para acolher uma mulher, quando voltei, ele estava dentro do espaço interrompendo e ofendendo a oficineira. Chamei-o novamente e reforcei o que já havia dito e ele nos chamou de hipócritas, questionando se ela era professora e ofendendo-a. Tentando reforçar as informações, confesso que tive medo e lembrei de outras agressões sofridas ao longo da

vida, senti medo dele me agredir, e fiquei pensando que precisamos de um homem em momentos assim porque não somos respeitadas. Voltei para as mulheres, pedi desculpas, tentei dar uma palavra de apoio para a oficina e observei a minha justificativa, de que ele não estava bem. Fiquei pensando na minha justificativa e sobre tantas vezes que nós fazemos e ouvimos mulheres queridas, justificando a violência de homens. E agora fico refletindo sobre como vivemos em uma sociedade machista que temos tanto medo que chegamos ao ponto de pensar que não conseguimos nos defender sozinhas, desse ódio às mulheres, desrespeito a algo que estamos construindo e liderando por nós mesmas. Voltar para as oficinas, ver as mulheres liderando com tanta propriedade, segurança, autoconfiança, mulheres de olhos brilhando aprendendo a tocar, foi revigorando as minhas energias e fortalecendo a minha percepção sobre a importância desta pesquisa.

(Registro de diário de campo relato da pesquisadora)

Ruth Benedict (1988), citada por Safiotti (2004, p. 23), afirma que “as mulheres são treinadas para sentir culpa. Ainda que não haja razões aparentes para se culpabilizarem, o fazem, pois vieram de uma civilização da culpa”. Deste modo, as questões apresentadas fazem refletir sobre temáticas de grande importância para a sociedade e para a Educação, e que merecem ser evidenciadas. O protagonismo das mulheres nesse processo que mantém viva a tradição pelas suas participações ativa e efetiva, contribuindo com a desconstrução desta representação feminina antes invisibilizada nestes espaços, nos textos e pesquisas desenvolvidos sobre esta temática.

Outra temática é a invisibilidade das manifestações culturais tradicionais, somente lembradas e exaltadas pela mídia e pelo poder público nas datas festivas. Participar de grupos de mulheres, em especial do grupo de Maracatu “Baque Mulher”, permite perceber e questionar a posição ocupada pelas mulheres nas manifestações socioculturais tradicionais, a construção de um imaginário feminino que potencializa o seu

reconhecimento em relação ao papel atuante na manutenção da cultura tradicional afro-brasileira.

Foto 10

Ensaio geral no Sesc Sorocaba coordenado pela Mestre Joana Cavalcante no III Encontro Nacional do Baque Mulher 2018



Fonte: Disponível em: <<https://www.facebook.com/MaracatuBaqueMulher/photos/?tab=album&ref=>>>. Acesso em: 12 dez. 2019

Beauvoir (1970) retrata o histórico de inferioridades moral e intelectual a que a mulher foi submetida ao longo da história, em várias culturas. Mesmo com os avanços galgados gradativamente com muita luta das mulheres, ainda persiste a desigualdade de gênero no âmbito da produção de conhecimento, seja por parte das mulheres que ainda estão na busca por auto reconhecimento de seu potencial, ou pela sociedade que perdura como patriarcal e machista.

Mestra Joana, em novembro de 2019, faz orientação aos grupos filiais, relatando que “o Movimento de Empoderamento Feminista Baque Mulher não é um movimento

contra homens, é de nossa função, nosso papel, instruir, inserir, ensinar e dialogar”.

Segundo Puigvert (2001), o feminismo dialógico defende que a desconstrução da desigualdade de gênero não seja exclusiva das mulheres pois, nesta abordagem, este processo também pode partir de homens, ou seja, homens igualitários são fundamentais na construção da equidade de gênero. Esta posição é questionada por algumas abordagens feministas, o que se pode observar no Regimento Interno do Baque Mulher, quando o mesmo refere a importância da figura masculina no apoio ao enfrentamento do machismo:

Sendo organizado e pensado por mulheres, o Baque Mulher não se propõe, no entanto, como um movimento anti-homens. O grupo vem fazendo um trabalho social no Pina, e em outras comunidades, direcionado a todos, sem distinção. Seu objetivo é a união da sociedade como um todo na defesa dos direitos das mulheres, no combate ao machismo, à homofobia, ao preconceito religioso, ao racismo e a outras formas de violência. Os homens são bem-vindos, tendo funções importantes como apoiadores em todos os aspectos. Isso não traz prejuízos nem perda de independência às mulheres, pois todas as decisões são tomadas por elas. A participação dos homens no cotidiano do grupo possibilita inclusive sua conscientização sobre a presença do machismo na cultura e o enfrentamento do machismo presente em si mesmos. (REGIMENTO INTERNO BAQUE MULHER, 2018, p. 02)

A contribuição do papel feminino na manifestação sociocultural do Maracatu impulsiona a somatória de forças junto aos movimentos de lutas por direitos das mulheres, contribuindo para seu empoderamento e potencializando seu papel educativo e sua representação nos grupos de Maracatu e na convivência social:

Artigo 2º - O Baque Mulher tem como finalidade o desenvolvimento, a manutenção e a

disseminação da cultura do maracatu entre mulheres, promovendo especialmente: 1. O encontro de mulheres por meio do maracatu visando, muito além do fator percussivo, a troca de experiências relacionadas ao universo feminino; 2. A realização de rodas de diálogo, no mínimo quinzenais, que contemplem o debate de temas como machismo, racismo e intolerância religiosa entre outros, considerando especialmente as diversas realidades nas quais as mulheres estão inseridas. O fortalecimento dessa rede pretende estimular o companheirismo e a união em torno de nossos objetivos. 3. O estímulo ao acesso de mulheres de todas as idades às rodas de diálogo e posteriormente às oficinas, ensaios e apresentações, priorizando jovens em situação de vulnerabilidade. (REGIMENTO INTERNO BAQUE MULHER, 2018, p. 02- 03)

Segundo Puigvert (2001), as conquistas e o protagonismo social das mulheres resultam das situações cotidianas que as mesmas vivenciam e querem transformar, não estando ligadas somente a movimentos acadêmicos ou institucionais, mas também às lutas solidárias voltadas à alteração da realidade desigual imposta a todas as mulheres, as de hoje e as do passado. Neste ponto, Mestre Joana, em diálogo com coordenadoras dos grupos filiais, fala sobre a importância da união entre mulheres, que já é vivenciada dentro da comunidade onde vivem em Recife:

Porque a nossa maior base é aquela palavra bem bonitinha, aquela palavra que inventaram agora, mas uma palavra que dentro da nossa comunidade, que dentro do nosso terreiro, dentro da nossa nação a gente já cultua, que é a sororidade. A gente se vê muito, tá na pele do outro, sentir o que a outra sente, quando a gente não consegue entender, praticar isso, quando a gente não consegue entender o que é a sororidade dentro do movimento baque mulher através do Maracatu Nação, da periferia, a gente não consegue botar nesse lugar, a gente vai ter vários atropelos dentro do movimento. (Registro de diário de campo relato Mestre Joana no IV Encontro Nacional do Baque Mulher 2019)

Foto 11

Pós apresentação final no espaço Sinspire, IV Encontro Nacional Baque Mulher em Recife 2019



Fonte: Disponível em: <<https://www.facebook.com/MaracatuBaqueMulher/photos/?tab=album&ref=>>>. Acesso em: 12 dez. 2019

A seguir, Hooks (2015) relata uma situação que sinaliza esta comunhão existente na comunidade:

Quando entrei na minha primeira aula de estudos de mulheres na Universidade de Stanford, no início dos anos 1970, mulheres brancas estavam se deleitando na alegria de estar juntas – para elas, era uma ocasião importante e solene. Eu nem conhecera uma vida em que as mulheres não estivessem juntas, em que as mulheres não tivessem se ajudado, protegido e amado profundamente (p. 203-204).

Hooks (2015) segue criticando o movimento feminista excludente das mulheres negras, pois, segundo ela,

raramente se escreve sobre tentativas por parte de feministas brancas de silenciar mulheres negras. Muitas vezes, elas acontecem em salas de conferência, salas de aula ou na privacidade de acolhedoras salas de estar, onde uma negra solitária enfrenta a hostilidade racista de um grupo de brancas. Desde o começo do movimento de libertação das mulheres, as negras foram participar de grupos. Muitas nunca mais voltavam depois da primeira reunião (p. 204).

Mestra Joana, em novembro de 2019, relembra as bases de origem e trabalho desenvolvido pelo movimento:

dessa forma o Baque Mulher tem feito um trabalho transformador dentro da nossa comunidade do Bode, favela da zona Sul da cidade do Recife quase engolida pela especulação imobiliária e suas fortunas em forma de dinheiro. Só sabe o que é favela quem nasce e vive dentro dela, se não for assim as portas estão abertas para conhecer a realidade, a teoria e a essência da luta diária. Afinal, onde não há violência mesmo?
(Registro de diário de campo de relato da Mestra Joana em 2019)

Na perspectiva do feminismo dialógico, estas mulheres devem ser atuantes nas pautas feministas, já que a diversidade de percepções e pautas existentes nos grupos de “Baque Mulher”, que abarcam desde pessoas acadêmicas a não acadêmicas, possibilita a construção conjunta desta proposta de feminismo.

Pelo viés do feminismo dialógico, a busca de Mestra Joana com a construção do grupo e coletivo “Baque Mulher” vem fortalecer o empoderamento feminino, a prevenção e o enfrentamento das violências contra mulheres, como ela mesma ressalta em seus discursos e suas loas.

Eu sempre digo em todos os projetos, em toda a minha vida, eu prezo por qualidade, não prezo por quantidade, é qualidade. Ah o Baque Mulher de Cuba só tem três pessoas, mas são três mulheres unidas, são irmãs guerreiras, e tá ali pra dar força uma a outra e acolher outras mulheres, Ah o Baque Mulher de Paris tem cem mulheres mas cada uma vai pro seu lugar, cada uma cuida da sua vida e só se reúne pra tocar, isso não representa o Baque Mulher, esse não é um grupo filial do Baque Mulher, então a gente foca nisso. (Registro de diário de campo de relato Mestra Joana na reunião de coordenadoras no IV Encontro Nacional Baque Mulher Recife 2019)

Dessa maneira, Mestra Joana vem construindo junto das mulheres que chegam e compõem o grupo “Baque Mulher”, um espaço igualitário de lutas feministas – lutas que possibilitam o diálogo entre mulheres diversas que buscam superar as dificuldades cotidianas na manutenção de um feminismo dialógico. A seguir, o que Mestra Joana compartilha, em novembro de 2019, no sentido de orientar as integrantes dos grupos de Baque Mulher, em crítica às relações vivenciadas nos movimentos feministas e acadêmicos:

A nossa triste realidade como mulheres é absurdamente fria, atormentada e calculista. Com inúmeras dificuldades de avanços para um denominador comum a hipocrisia aparece de forma gritante! A realidade da violência entre homens, mulheres, crianças, jovens e idosos@s está nos sufocando enquanto movimento de luta por igualdades em todas as esferas. Está nos sufocando tanto, saindo da base que é periférica e chegando no entorno de classes mais favorecidas. Aí é quando começa a incomodar. Não incomoda quando a mulher da periferia chora, grita e morre. Só incomoda quando a luta da mulher periférica alcança outras esferas que esquecem do contexto da realidade e entra no contexto da teoria tentando mudar a transformação social para uma transformação de conforto (...)

(Registro de diário de campo de relato da Mestra Joana em 2019)

Nesse sentido, Hooks (2015) sinaliza a situação das mulheres negras, por muito tempo segregadas das lutas feministas, trazendo sua crítica e somando forças na luta de Mestra Joana:

Como grupo, as mulheres negras estão em uma posição incomum nesta sociedade, pois não só estamos coletivamente na parte inferior da escada do trabalho, mas nossa condição social geral é inferior à de qualquer outro grupo. Ocupando essa posição, suportamos o fardo da opressão machista, racista e classista. (HOOKS, 2015, p. 207)

Segundo Puigvert (2001), ter título universitário não significa ser feminista progressista, nem ser mais que outras mulheres que não possuem nenhum título. Ser feminista está relacionado às vidas de todas as mulheres que lutam para combater a desigualdade imposta pelo poder, no direito de criar novas formas de vida em conformidade com a democracia. As orientações da Mestra reforçam este ponto:

Porque se for pra entrar na teoria, a gente também entra. Teoria que baixa a cabeça pra realidade, pra prática, unindo-se a nós! A teoria que pratica a não exclusão de qualquer situação, momento ou seres humanos. Enfim, mas, voltando a realidade do cotidiano antes que a teoria da zona de conforto (das classes favorecidas digamos assim) de mulheres que não conseguem entender que diante de tantos objetivos, justificativas, metodologias, conclusões e referências bibliográficas somos apenas uma só ramificadas e multiplicadas em infinitas, então precisam rever seus conceitos e se encontrar nessa longa e dura caminhada que é lutar contra todas as formas de violências e violações de direitos civis (...) (Registro de diário de campo de relato da Mestra Joana em 2019)

Segundo Cherfem (2009), na socialização feminina, observa-se que a solidariedade entre as mulheres não é estimulada, mesmo que se ajudem e desenvolvam atividades juntas,

a nossa sociedade não fortalece a solidariedade feminina, pelo contrário, as mulheres são instigadas a competir e brigar pelos homens. Esta educação segundo a qual as mulheres se tornam encarregadas do controle moral das outras gera rivalidade.

Neste ponto, Hooks (2015, p. 207) refere que “em termos gerais, as feministas privilegiadas têm sido incapazes de falar a, com e pelos diversos grupos de mulheres, porque não compreendem plenamente a inter-relação entre opressão de sexo, raça e classe ou se recusam a levar a sério essa inter-relação”. Por outro lado, em uma sociedade que incentiva a rivalidade entre as mulheres, os desafios dentro dos próprios movimentos feministas, podem gerar seu fortalecimento na busca de um consenso por pautas em comum, considerando-se e dando atenção às especificidades da diversidade de demandas.

Foto 12

Homenagem às “Mulheres em Ação”, IV Encontro Nacional Baque Mulher em Recife 2019.



Fonte: Disponível em: <<https://www.facebook.com/MaracatuBaqueMulher/photos/?tab=album&ref=>>>. Acesso em: 12 dez. 2019

Estas questões estão presentes nas palavras da Mestre, ao orientar os grupos no ano de 2019:

diante da zona de conforto chegamos na zona de confronto. Confronto entre mulheres. Violência entre mulheres. Tristeza entre mulheres. Essa é a teoria que tenta engolir a realidade: Rivalidade uma com as outras girando em torno do ego que chega ao ponto de não reconhecer uma luta e seus valores sociais jogando fora o tempo com articulações que desarticulam onde perdemos força, sistematizações e diálogos. Somos um objetivo geral com as ramificações dos específicos, certo? (Registro de diário de campo de relato da Mestre Joana em 2019)

Segundo o Regimento Interno do Baque Mulher de 2018:

A partir de 2013, integrantes do Baque Mulher que residem em outras localidades passaram a fortalecer esse coletivo e iniciaram ensaios em suas cidades, promovendo a formação do que foram chamados de grupos filiais, configurando o Movimento Baque Mulher. Isso gerou a necessidade de uma padronização de objetivos e ações. As atividades culturais e artísticas desenvolvidas pelo Baque Mulher serão orientadas pelo presente Regimento, visando garantir a coerência, a integridade e a objetividade de suas ações. (p. 02)

Desde então, mulheres componentes dessas duas nações e de grupos filiados de outros estados têm se identificado com a proposta, somando forças ao movimento sendo que a maioria se concentra em Recife, mas outras tantas se encontram difundidas por todo o Brasil, ressaltada uma das condições para ser considerado como grupo filial:

os grupos só serão considerados filiais após: - a aspirante a Coordenadora Local ter participado das atividades do Baque Mulher Matriz de pelo menos um carnaval em Recife e de pelo menos um Encontro Nacional do Baque Mulher; - a aprovação da Coordenadora Geral. (REGIMENTO INTERNO DO BAQUE MULHER, 2018, p.04)

Sendo assim, observa-se que, cada vez mais, o grupo Baque Mulher tem ampliado sua rede de intervenção, se tornando um movimento social de alcance nacional, realizando suas ações do norte ao sul do país.

5.3 A representação feminina no Grupo de Maracatu Baque Mulher filial de Ribeirão Preto

*Deusa da beleza Oxum, é o poder feminino
 Seu templo sagrado é em Osogbo, ô ô ô ô
 E aqui no Brasil vamos tocar tambor, em seu louvor
 Pra tradição se preservar, as crianças vão cantar, no balanço Ijexá
 Ora yeyeo
 Yalode, Orixá
 Na força das águas conservar
 Vai manter, vai cuidar
 Mãe do ventre por amor
 Divindade Yorubá
 Yapetebi Orùnmilá*

(Loa “Poder feminino” Baque Mulher e Nação Encanto do Pina)

Foto 13

Oficina Encanto do Pina com Mestra Joana Cavalcante no Centro Cultural Orùnmilá em Ribeirão Preto 2019



Fonte: Disponível em: <https://www.facebook.com/MaracatuBaqueMulher/photos/?tab=album&ref=>>. Acesso em: 12 dez. 2019

No ano de 2019, o “Baque Mulher” contava, então, com 31 grupos no Brasil e

exterior, sendo que Mestra Joana coordena, à distância, estes grupos filiais com o apoio das coordenadoras locais. Para melhor organizar tamanha quantidade de grupos e mulheres envolvidas em cidades tão distantes, a Mestra criou e revisa, por meio de reuniões com as coordenações, o Regimento interno que define as condições para que sejam reconhecidos os grupos filiais, citado a seguir:

Artigo 7º - Os grupos filiais serão coordenados por uma integrante do Baque Mulher Matriz, de acordo com o estabelecido no artigo 4º. Cada grupo filial deverá estar representado nos Encontros Nacionais do Baque Mulher, que acontecem anualmente. Compete à Coordenadora Local: 1 – participar das atividades do Baque Mulher Matriz no carnaval e do Encontro Nacional do Baque Mulher; 2 – supervisionar e acompanhar as atividades de seu grupo, conforme as orientações da Coordenadora Geral; 3 – apitar e dirigir as apresentações locais; 4 - coordenar os debates das rodas de conversa, conforme o estabelecido no artigo 2º, de acordo com os temas determinados pela Coordenação Geral; 5 – organizar o determinado pela Coordenação Geral em termos de repertório, figurino, e calendário; 6 – receber, administrar e prestar contas da contribuições mensais utilizadas para manutenção das atividades locais e nacionais, não perdendo de vista a sororidade, que é uma das marcas do Movimento Baque Mulher; 7– encaminhar à matriz as demandas, sugestões e necessidades do grupo filial sob sua Coordenação; 8 – estabelecer as normas locais, desde que não entrem em conflito com este regimento e encaminha-las à Coordenadora Geral; 9 – propor o calendário de atividades local e encaminha-lo à Coordenadora Geral; 10 – admitir e desligar integrantes do grupo local sob sua Coordenação. (REGIMENTO INTERNO DO BAQUE MULHER, 2018, p. 04)

Foto 14

Mulheres cochando (afinando) alfaias/tambores na Oficina Baque Mulher com Mestre Joana no Centro Cultural *Orùnmilá*



Fonte: Disponível em: <<https://www.facebook.com/MaracatuBaqueMulher/photos/?tab=album&ref=>>>. Acesso em: 12 dez. 2019

O Grupo filial de Ribeirão Preto foi constituído em 2016 e, atualmente, conta com aproximadamente 54 batuqueiras, que oscilam em suas participações nos ensaios devido aos diversos compromissos que, como mulheres, assumem na vida em sociedade: trabalho; estudos; autocuidado; família; amizades; entre outros. O regimento interno do “Baque Mulher”, determina a organização dos grupos filiais:

Das integrantes Artigo 8º - Serão consideradas integrantes dos grupos de BM as mulheres que participarem regularmente das atividades, respeitando as raízes e as linguagens das Nações que são sua referência. Compete a todas as integrantes: 1 – colaborar, dentro de suas possibilidades, para o bom andamento do BM local nos aspectos organizacional, financeiro e de solidariedade entre as integrantes; 2 – acatar as determinações das

Coordenações geral e local, observando as respectivas agendas; 3 – solicitar e cuidar de seu figurino bem como zelar pelos instrumentos utilizados pelo grupo; 4 – conhecer os toques e o repertório utilizado pelo grupo; 5 – encaminhar à coordenadora as demandas, sugestões e necessidades do grupo, percebidas durante as atividades; 6 – solicitar seu desligamento, caso não possa continuar a participar das atividades do grupo. (CAVALCANTE, 2018, p. 04)

Sobre o surgimento do Grupo filial do “Baque Mulher” de Ribeirão Preto, há o relato da *Yalorixá Mãe Neide*³², realizado na abertura da Oficina de Maio de 2019, no Memorial da Classe Operária:

A força da Mulher, o Baque Mulher já existe há alguns anos. A aproximação se deu com o Navegante que a partir de 2013 faz parte do Centro Cultural Orùnmilá. E a gente se aproximou e estamos até hoje. Logo em seguida também a Mestra Joana esteve aqui e montou também o Baque Mulher. Então eu acho muito importante porque é o momento e o espaço onde se dá de estar discutindo todos os poderes das mulheres batalhando para que não tenha tantas tragédias como tem acontecido, é um lugar de resistência também. Que vocês continuem lutando e é muito importante o trabalho que vocês fazem dentro do Centro Cultural. Um bom trabalho para vocês, boa oficina, é um prazer estar aqui... vocês todas mulheres guerreiras. Asé. (Registro de diário de campo, relato Mãe Neide na Oficina Baque Mulher em 2019)

³² Neide Ribeiro de Oliveira, é natural de Jaboticabal, interior de São Paulo, com 76 anos. Mãe Neide, como é conhecida nacionalmente, iniciou sua vida no Culto aos Orixás em 1964 em São Paulo, Capital. Em 1968 na casa de Acir Rodrigues de Queiroz, Pai Cici de Oxum, na Baixada Fluminense – Nilópolis, no Rio de Janeiro, foi iniciada recebendo o *Orukó* (nome) de *OyaMita*. Em 1988, em Ribeirão Preto – SP, inaugurou a *Egbe Awo Asè Iya Mesan Orun* (Comunidade Religiosa da Mãe dos Nove Mundos), onde vive até os dias de hoje. Especialista em *Ewé* (Folha), valorizando as folhas e plantas sagradas, bem como seus segredos, efeitos e aplicações. Adepta do provérbio Africano *Kosí Ewé, Kosí Òrisà* (Não tem folha, não tem Orixá). Especialista em Culinária Africana. (CULTURAL, 2019)

Segundo a página oficial do Centro Cultural *Orùnmilá* de Ribeirão Preto, o mesmo foi fundado no ano de 1994, constituindo

uma entidade sem fins lucrativos que tem como função primordial a elevação da condição humana mediante a promoção da cidadania, da busca dos elementos da identidade sociocultural, da reconquista da dignidade e da auto - estima particularmente da população negra e demais integrantes das classes populares excluídos dos benesses da sociedade contemporânea e marginalizados por razões sócio-político-culturais. Desde sua fundação, o Centro Orùnmilá, para atingir o seu objetivo junto à população citada, pautou-se por uma filosofia que prioriza a Educação, a Arte e a Cultura como elementos fundamentais para a superação de muitos dos problemas sociais, particularmente da violência e da criminalidade que envolvem crianças, jovens e adolescentes. Assim, o Centro Orùnmilá procura questionar e oferecer novos elementos para contribuir com a superação de um processo de educação de caráter conservador e elitista que predominou no Brasil, sem questionamentos, durante muitos anos. Atualmente, alguns progressos foram registrados no cenário nacional, mas não se consegue transformar repentinamente toda a cultura gerada durante séculos pelo conservadorismo. É necessário tempo, sabedoria e o envolvimento cada vez maior de toda a sociedade. (Página oficial do Centro Cultural *Orùnmilá* no *Facebook*)

Foto 15

Apresentação no Sesc Ribeirão Preto do BM grupo filial



Fonte: Disponível em: <<https://www.facebook.com/MaracatuBaqueMulher/photos/?tab=album&ref=>>>. Acesso em: 12 dez. 2019

“É só chegar e se integrar” – esse é o costumeiro dizer das mulheres do BM em Ribeirão Preto, no dito, está a referência de um grupo que é aberto à comunidade. O processo de aprendizado é desenvolvido de maneira conjunta, solidária, com base na tradição oral de bases africanas que, segundo Ribeiro (2018, p. 22) sinaliza que, “devemos pensar uma configuração do mundo a partir de outros olhares, questionar o que foi criado a partir de uma linguagem eurocêntrica”. Na oficina realizada em 2019 pelo grupo de Ribeirão Preto, uma das coordenadoras do grupo relata o seguinte:

aqui em Ribeirão Preto, o Baque Mulher chegou, a maioria das batuqueiras já tinham contato com o Maracatu Baque Mulher em Recife, a maioria das integrantes, inclusive nós tivemos contato com a Mestra Joana em 2016, através do encontro do Maracatu Navegante que fez um encontro, junto com a Mestra fez uma oficina com a Mestra Joana,

aprendemos os toques e fizemos roda de conversa e a partir desse momento que a gente começou a conhecer mesmo e a gente começou o Maracatu Baque Mulher em Ribeirão. Aí nesse mesmo encontro a gente tocou pela primeira vez aqui nesse espaço da UGT, na finalização do Projeto do Navegante, desse encontro do Navegante. Só que aí a gente ainda não tinha começado os ensaios formalmente. Aí nesse mesmo ano de 2016, Mestra Joana Cavalcante que é muito próxima da Mãe Neide e das nossas Yás, veio no dia 20 de novembro, na festa comemorativa Ojo aiku que é uma festa muito tradicional em Ribeirão Preto, que o Centro Cultural Orùnmilá promove há muitos anos, aí ela firmou o Baque Mulher em Ribeirão Preto, ela fez uma outra oficina, e a gente apresentou no festival e a partir daquele momento a gente fundou o Maracatu Baque Mulher em Ribeirão Preto, sob a coordenação das nossas mais velhas. (Registro de diário de campo, relato de coordenadora do BM Ribeirão Preto na oficina realizada em 2019)

Foto 16

Reverência e homenagem à Mãe Neide na apresentação do Sesc Ribeirão Preto 2019



Fonte:

Disponível

em:

<<https://www.facebook.com/MaracatuBaqueMulher/photos/?tab=album&ref=>>. Acesso em: 12 dez. 2019.

Os encontros do grupo em Ribeirão Preto são quinzenais, intercalando ensaios dos instrumentos e cantos, intensificados nas apresentações. Nestes momentos também são realizadas rodas de conversa a fim de fortalecer o movimento feminista, o empoderamento das mulheres e a sororidade entre as integrantes e demais pessoas da sociedade:

e começaram os ensaios, que são quinzenais, acontecem no Centro Cultural Orùnmilá, são ensaios que também tem rodas de conversas, a gente promove discussões acerca dos mistérios relacionados a ser mulher, as lutas, a gente também ensaia pra gente poder aprender o Maracatu, aprender os fundamentos, daí a gente faz apresentações na maioria das vezes prioritariamente em eventos em que o tema esteja relacionado à violência contra a mulher, combate ao racismo principalmente, porque o Baque Mulher tem essa luta feminista, mas do feminismo negro mesmo. Aí a gente promove eventos e festas para manutenção dos nossos instrumentos e do espaço Centro Cultural Orùnmilá que nos acolhe. E é isso gente, estamos abertos lá a cada quinze dias para receber vocês para tudo isso que a gente falou. (Registro do diário de campo, relato de coordenadora do grupo de Ribeirão Preto na oficina realizada em 2019)

Foto 17

As mais velhas de Recife e Ribeirão Preto na Oficina de dança *Yorubana* realizada pelas *Yalorixás* do Centro Cultural *Orùnmilá*, no Sesc Sorocaba (III Encontro Nacional Baque Mulher 2018)



Fonte: Disponível em: <<https://www.facebook.com/MaracatuBaqueMulher/photos/?tab=album&ref=>>>. Acesso em: 12 dez. 2019.

Entre as atividades vivenciadas no trajeto desta pesquisa, esta pesquisadora participou da oficina desenvolvida pela liderança Tenily, em Ribeirão Preto, no dia 05 de setembro de 2018, conforme relato em diário de campo:

Tenily mulher que teve a guiança da Mestra Joana e atualmente coordena o BM do Rio de Janeiro. Durante a oficina senti a diferença de uma oficina conduzida por mulher, diferente das que participei no Maracatu com homens. Ouvia vários comentários da maneira gentil e cuidadosa com que os conhecimentos eram compartilhados, sem autoritarismo e com mais acolhimento. Após a oficina de instrumentos e loas, quando inclusive aprendemos a Loa nova dedicada a Marielle, realizamos uma roda de conversa

com comes e bebes organizados por algumas mulheres lideranças. Tenily trouxe vários relatos sobre as dificuldades e resistências com a Mestre Joana regendo como primeira Mestre um grupo de Maracatu. Colocou suas observações também nos enfrentamentos cotidianos quando há apresentações e intervenções e a discriminação e desrespeito por parte de homens quando o BM está na liderança. Foi dialogado sobre a importância das mulheres se fortalecerem nas buscas e nas lutas e como observam que o grupo tem avançado na consolidação e força coletiva, construção que é gradual e ainda recente já que o grupo iniciou em meados de março de 2017. Momento muito proveitoso com trocas em diálogo que fortalece o grupo na sua construção e consolidação. (Registro do diário de campo de relato da liderança Tenily, em oficina realizada com o grupo BM de Ribeirão Preto em 2018)

Conforme os registros do Diário de campo, em 03 de novembro de 2018 foi realizado um Bazar e evento do “Baque Mulher” de Ribeirão Preto para arrecadar fundos para a participação no III Encontro Nacional. Várias reuniões e encontros ocorreram para organizar o evento do Bazar, tendo sido arrecadadas roupas e realizada a venda de pizzas; também foram realizadas apresentações culturais e bingo, com doações de prêmios dos empreendimentos das próprias mulheres.

Foram organizadas, também, as comissões para organização: do Bazar, das bebidas, da comunicação, da programação. A organização foi muito linda e fortalecedora. Todas as mulheres animadas e unidas, os encontros ao longo do ano foram mais participativos, principalmente nesse período da organização. Ver o protagonismo, a proatividade e o cuidado coletivo das mulheres nessa organização foi fortalecedor.

Esta pesquisadora fez parte da comissão do bazar, no qual as mulheres se reuniram para organizar as roupas – um encontro com comidinhas, muitas risadas e diversão, além

das prosas gostosas. Arrecadou-se, ao final, dinheiro para pagar o transporte completo da viagem e parte da inscrição para o evento, no qual já estava incluída alimentação.

Em abril de 2019, Mestra Joana Cavalcante relembrou uma das questões que expressa a importância da luta das mulheres por uma representação igualitária no Maracatu frente a desigualdade de gênero existente tanto na sociedade como dentro dessa manifestação sociocultural. Ela relembrou às participantes e à sociedade em geral sobre como é cotidiana esta luta pela equidade de gênero, muitas vezes questionada até mesmo pelas mulheres, educadas em uma sociedade patriarcal, machista e misógina que visa o afastamento de umas em relação às outras na vida cotidiana, numa tentativa de enfraquecer os movimentos de mulheres:

Uma de tantas das nossas lutas dentro do Maracatu, entre várias lutas dentro do feminismo, é o uso da calça. Já falei milhares de vezes o movimento baque mulher tem uma luta árdua contínua e de suma importância dentro do Maracatu. A mulher dentro do Maracatu não podia tocar, seu lugar era rodando a saia dançando, quando a mulher pôde finalmente juntar-se ao baque para tocar alfaia e outros instrumentos, assim autorizado e escolhidos pelos homens, era obrigada a vestir calça e prender o cabelo para se camuflar no meio dos homens. Em 2008 quando assumi a Nação Encanto do Pina, eu quebrei esse tabu e botei saia em todas as batuqueiras e para que eu também pudesse reger a Nação na passarela usando saia, tive que ir na organização do concurso pedir autorização, porque meu pai e os demais batuqueiros questionavam que isso ia prejudicar a Nação. A coordenação do carnaval ficou perplexa com meu pedido, não tinham ciência que as mulheres não podiam usar saia no baque das Nações. Foi então que visivelmente entendi que isso era apenas imposto pelos homens dos Maracatu das nações. Quando fundei o Baque Mulher no mesmo ano, em resposta a todos esses abusos machistas opressores dentro do Maracatu, não poderia deixar de lado o símbolo que mais afronta os machistas, a saia, e então a mesma se tornou o principal símbolo de luta dentro do movimento. Tocar

o tambor usando a saia, quebrando esse tabu dentro do Maracatu, que a saia foi feita pra mulher rodar e não pra estar dentro do baque. Portanto mulheres que não gostam de usar saia, entendo e respeito, porém peço que entendam e respeitem também a nossa luta dentro do Maracatu. No momento que você está em uma apresentação com o Baque Mulher você não está ali se representando sozinha, mas sim um movimento de luta também que tem suas batalhas travadas seu direcional e seguimentos. Nada é modinha, nada é por acaso, tudo tem um objetivo. O nome do nosso traje já fala por si, usamos figurino esse que é o único momento que temos o dever e o compromisso de usar com sabedoria e respeito, porque é símbolo de luta e resistência dentro do movimento de empoderamento feminino (FBV) que significam feminista do Baque Virado. (Registro de diário de campo, relato de Mestra Joana em 2019)

Em 18 de novembro de 2018 foi realizado o festival *ojo aiku* – dia nacional da consciência negra no centro cultural *orunmilá* – em comemoração dos 323 anos de imortalidade de Zumbi dos Palmares. Como já era tradição na cidade, o Centro Cultural *Orùnmilá* celebra o Dia Nacional da Consciência Negra em evento aberto gratuitamente à comunidade em que houve bate papo, Contação de Histórias, DJ, Capoeira, Maracatu, Afoxé, Sarau, Samba, Exposição de Arte Negra, Dança Afro, Percussão, Reggae, e muito mais. O Baque Mulher se apresentou e foi lindo; foi realizado mais um bazar com as roupas do bazar anterior, e feita a divisão de horários para organizar, vender e finalizar o bazar.

No período de 29 de novembro a 02 de dezembro de 2018 participamos do III Encontro Nacional do Baque Mulher em Sorocaba- Sindicato dos Metalúrgicos. A viagem foi feita de carro, e as despesas foram pagas com as arrecadações do evento e da venda das pizzas, sendo que cada carro se organizou na ida e volta segundo as disponibilidades das mulheres.

Ao chegar, o grupo tomou o café da manhã e as mulheres já foram cochar as alfaias para a primeira oficina de naipes com a Mestra. Foi emocionante ver aquela mulher bela, forte, com outras mulheres mais velhas. Mestra Joana sempre relembrando do respeito às mais velhas, disse que muitas passaram por elas e não as cumprimentaram para pedir “benção”, e que isso é um desrespeito. Relembrou da responsabilidade dos cuidados com a organização e limpeza do lugar, e que seria feito tudo em conjunto.

O momento mais emocionante foi quando as mais velhas contaram as histórias de inferiorização da mulher, de falta de apoio dos maridos, de Mãe Elda lutando para que mulheres pudessem tocar. Mãe Joana referiu que, por isso, ela luta para se usar saias, porque isso sempre foi e ainda é uma afronta no Maracatu. Uma das mais velhas conta que o marido a proibiu de dançar, ela foi escondida e quando ele foi ver o desfile, a reconheceu. Quando ela retornou para casa, teve que inventar histórias para convence-lo.

Contou-se que a primeira mulher a tocar foi de cabelo curto e “roupa de homem” para não ser reconhecida. Mestra Joana, pela primeira vez, levou consigo as mães mais velhas para viajar e participar das atividades de Maracatu como líderes em outros lugares. Elas relataram que, até então, nunca viajavam e saíam de suas cidades, e que isso tem sido grandioso para elas. Demonstravam sempre um amor por todas, tanto nos relatos como nas atitudes e gestos de acolhimento.

Em 08 de Março de 2019, no Ato 8M de Ribeirão Preto, o “Baque Mulher” foi convidado para tocar no encerramento. As mulheres, todas trabalhadoras, que saíram às pressas de seus trabalhos, se organizaram para pegar os instrumentos, cochar e tocar em um momento muito importante de lutas e resistências, principalmente diante do governo atual que demarca muitos retrocessos e ataques em relação à garantia e efetivação de direitos de mulheres e outras “minorias” não representadas politicamente.

Este foi mais um ato emocionante, no qual o grupo tocou e representou a voz e a vida de muitas mulheres, ao lado da força da Mestra Joana, que desenvolve este trabalho tão importante de empoderamento feminino e luta contra a violência contra mulheres, nos caminhos para a igualdade de gênero ainda tão subjugada neste país. Cantando loas como “Maria da Penha”, expressou-se a importância dessa expressão sociocultural como recurso de garantia do acesso à informação e ocupação deste espaço de tocar tambores, durante muitos anos negados às mulheres dentro do Maracatu e outras expressões tradicionais. Neste ponto, refere-se Dalcastagnè (2005), quando destaca que:

É claro que a exclusão de determinados grupos não é algo exclusivo do campo literário. As classes populares, as mulheres, os negros possuem maiores dificuldades para acesso a todas as esferas de produção discursiva: estão sub-representados no parlamento (e na política como um todo), na mídia, no ambiente acadêmico [...]. No entanto, da mesma forma que é possível pensar na democratização da sociedade, incluindo novas vozes e mesmo presenças na política, na mídia, nas universidades, podemos imaginar a democratização da literatura. (p. 20).

A proposta de identificar uma conexão do Baque Mulher com o feminismo dialógico vem ao encontro do que enfatiza Cherfem (2009, p. 12):

Entendemos que o feminismo dialógico preocupa-se em incorporar todas as mulheres no diálogo sobre a igualdade, sobre os diferentes modos de ser mulher, sobre suas necessidades e interesses. Parte da concepção que não existe uma maneira única de ser mulher e que compartilhar distintas experiências é enriquecedor para as mulheres, da teoria à prática, ou por pertencer a diferentes realidades culturais ou grupos sociais. A incorporação de outras realidades, permite recuperar temas fundamentais que

aparentemente estão superados nos estudos de gênero (mas, estão, sim, invisibilizados ou silenciados nesses estudos, por menosprezarem as desigualdades ainda existentes e necessárias de serem superadas).

Ao final da oficina realizada pelo grupo de Ribeirão Preto, foram colhidos alguns relatos das participantes, que responderam à pergunta “O que significou, para você, enquanto mulher, participar desta oficina?” A seguir, as respostas obtidas:

Eu já tinha visto algumas apresentações do Baque Mulher, mas nunca tinha participado do Maracatu e essa oficina foi muito prazerosa, eu tava morrendo de medo porque eu nunca toquei nada de percussão, e as meninas foram muito acolhedoras, parecia que eu conhecia todo mundo de muito tempo, eu me senti muito à vontade e foi muito bom, pretendo agora acompanhar os ensaios. (Participante 1)

Eu me senti bem acolhida logo que eu cheguei aqui, todo mundo já veio e disse pode entrar, eu não conhecia ninguém. Mas eu me senti muito bem, todo mundo super atenciosa para ensinar certinho como que era e também toda energia. Foi minha primeira vez, eu já tinha tocado instrumento de bateria universitária, mas é bem diferente, foi um pouco difícil, mas ainda assim eu me senti muito bem tocando. (Participante 2)

Eu gostei muito, foi maravilhoso, um final de semana muito bom, eu sempre gostei e tive interesse, achei muito lindo e muito legal, via de vez em quando por aí, tinha vontade, mas não sabia como chegar nos ensaios e como era, e foi muito bom, todo mundo foi muito bom e receptivo, achei muito importante e quero tentar ir nos ensaios. (Participante 3)

A oficina desenvolvida pelo grupo de Ribeirão Preto foi um momento muito forte e intensificador da união, do fortalecimento e do empoderamento das mulheres que vivenciam e conduzem a construção do movimento feminista do “Baque Mulher”. Foi

possível observar a importância da sororidade entre as mulheres integrantes do grupo e no acolhimento às participantes da oficina, por meio dos relatos citados acima.

Este momento representou a força de todas as vivências compartilhadas entre as integrantes do grupo filial, sempre conduzidas com as sabedorias das mais velhas Mestra Joana e Iyas do Centro Cultural Orùnmilá.

Entre prosas e abraços, cochando tambores em apoio mútuo, com ombro amiga, cantando alto e em conjunto contra o machismo, o racismo e a opressão, somos guerreiras e fazemos história, “ninguém tira a nossa força, ninguém tira a nossa fé” Trecho da Loa Pé de Guiné.

Foto 18

Oficina realizada no Memorial da Classe Operária pelo grupo filial Baque Mulher de Ribeirão Preto 2019



Fonte: Disponível em: <<https://www.facebook.com/MaracatuBaqueMulher/photos/?tab=album&ref=>>>. Acesso em: 12 dez. 2019.

6. APONTAMENTOS FINAIS: CONQUISTAS E DESAFIOS PELA EQUIDADE DE GÊNERO NA MANIFESTAÇÃO SOCIOCULTURAL DO MARACATU

*Pé, pé, pé
Pé de Guiné!
Ninguém tira nossa força,
Ninguém tira nossa Fé!
(Loa Pé de Guiné)*

Observou-se, ao longo destas páginas, que o fato de as mulheres estarem unidas e fortalecidas entre si no Movimento Baque Mulher já é uma maneira de enfrentar a desigualdade e violência de gênero, tendo em vista que a vivência de sororidade é uma das forças propulsoras para fortalecer o empoderamento feminino e a busca por relações de amizade e afetivas sexuais mais saudáveis.

Pensando na realidade de um país com história cultural arraigada no machismo e patriarcalismo, reconhece-se que estão, aqui, registrados nomes e histórias de mulheres que lutaram e lutam por seus direitos e que vêm consolidando processualmente a garantia, a efetivação e a ampliação dos mesmos.

Conforme vão sendo garantidos novos direitos, as mulheres vão se reconhecendo excluídas de outros processos nos quais lhes é negada a participação. Na perspectiva dos estudos de gênero, trava-se uma luta por igualdade de direitos, sem discriminação por área e espaço, buscando eliminar qualquer desigualdade que possa haver em detrimento da sua diversidade de gênero e sexual.

Outro aspecto identificado no decorrer da pesquisa bibliográfica foi a dificuldade em encontrar material teórico referente às mulheres – e suas expressões marcantes nestes espaços de manifestações socioculturais afro-brasileiras – como protagonistas ou autoras das produções de conhecimento, seja por representarem um número pequeno de obras citadas nos trabalhos, ou por, ainda, não haver uma visibilidade igualitária de autorias

femininas na literatura brasileira.

Ter a oportunidade de vivenciar a tradição do Maracatu, conhecendo um pouco da relação deste com o Congado, podendo empenhar singela contribuição no fortalecimento de construção de conhecimento sobre esta importante tradição sociocultural, foi uma grande honra no desenvolvimento desta pesquisa. As emoções dominaram esta pesquisadora, ao conhecer Recife, o bairro do Pina, a favela do Bode, sentir de perto toda a complexidade que envolve as vidas das pessoas da comunidade e ao ver como o Maracatu é uma base que fortalece, une, e mantém vivas a existência e a resistência do povo das Nações.

Nesta trajetória, a força da representação feminina inserida no Maracatu mostrou-se como base para manutenção dessa tradição, enquanto patrimônio cultural, quebrando barreiras que impedem a igualdade de gênero, nos aspectos sociais. Mestre Joana e o “Baque Mulher” enfrentam grandes tabus da sociedade brasileira, arraigados no machismo, patriarcado, na violência contra mulheres, no abuso sexual, na violência religiosa e no racismo, sendo que o movimento que ela cria vem demonstrando a fundamental repercussão na vida das mulheres brasileiras no enfrentamento a estas barreiras culturais e sociais.

As mulheres demonstraram que se integram ao Maracatu por diversos motivos, muitas vezes não os mesmos que as mantêm firmes dentro do movimento e que as fortalecem em suas vidas. Em geral, relataram que são atraídas pela música, para aprenderem a tocar; diversas se surpreendem ao encontrar, no grupo, a potencialidade de se fortalecerem enquanto coletivo e rede de apoio no cuidado com a autoestima e na criação de condições de saírem de relações abusivas e violentas e conhecerem melhor os seus direitos.

O “Baque Mulher”, portanto, é um espaço de enfrentamento ao machismo, onde

todos os instrumentos são tocados, onde rodas de conversas são realizadas e onde as mulheres apoiam e cuidam umas das outras. Trata-se de um espaço que dá força à autonomia e ao empoderamento feminino, onde se destaca que as mulheres podem e sabem a que vieram. É construir, enfim, uma sociedade mais igualitária para todas.

No grupo se aprende a lidar com dificuldades e a vivenciar alegrias que a vida coletiva tem em essência. É um caminho para a transformação, para ser quem se é sem julgamento, com respeito e aceitação de si e das outras. É um aprendizado contínuo vivenciar e saber conviver igualitariamente em coletividade, buscando desenvolver um olhar atento, generoso, cuidadoso e de reciprocidade saudável nas relações entre mulheres em conjunto com homens que apoiam o movimento.

Junto a tão diversas mulheres e por meio das vivências em Ribeirão Preto e Recife, esta pesquisadora teve a oportunidade de reconhecer que seus objetivos são muito bem representados na força da liderança de Mestre Joana, das *Iyas* de Ribeirão Preto, das coordenadoras locais e de todas as integrantes que compõem a potência do Baque Mulher.

Porque se sonha e constrói, no Baque, caminhos para a vivência do empoderamento feminino, com a guia cotidiana das lideranças e pelas redes de apoio que se fortalecem dentro do movimento e em conjunto com a sociedade. Nesse sentido, esta pesquisadora traz como um sonho possível, um encontro entre “Baque Mulher” e as mulheres da Congada de Uberlândia Minas Gerais. Vislumbra-se a potencialidade de fortalecimento entre mulheres de realidades distantes, com origens semelhantes, em um encontro de somatória de forças, trocas de saberes e experiências que possam agregar a força do povo afro-brasileiro e a busca pela equidade de gênero.

Para encerrar, seguem trechos de *loas* criadas em 2019 por Mestre Joana que traduzem a força da raiz aos céus que representam o Baque Mulher para todas as mulheres: “no Baque Mulher, me tornei aprendiz, hoje eu sou batuqueira, encontrei minha raiz”;

“duvidam da capacidade e da força de uma mulher, juntas nós somos mais fortes, aqui quem fala é o Baque Mulher”.

Batucar o empoderamento feminino, portanto, remete ao canto, à dança, a se agrupar para se fortalecer em diálogos profundos, na construção de uma rede de apoio solidária e coletiva de mulheres a criarem forças de empoderamento em direção a uma sociedade igualitária, que favoreça a equidade de gênero.

Por fim, das *loas* e de toda a vivência que esta pesquisadora teve a oportunidade de trilhar, surgem versos singelos de gratidão e anúncios de caminhos que se seguem a trilhar, em uma busca coletiva de “Mulheres em Ação”:

Sinto uma força que brota de minha essência, sei que de mim não basto, mais velhas iniciaram

Correndo, gritando bem alto, nessa luta contra o opressor

Sou menina, sou mulher, sou mais velha, juntas somos uma única voz

Luto e educo por mim e por todas que ainda virão

Honro quem tudo iniciou, Mestra Joana e suas mães, que nos guia com tanto amor

Choro por uma mulher que violência já sofreu

Pego em sua mão, porque todas nós já por isso passamos

Sentimos juntas as dores de ser quem somos

Com fé e esperança, nossa força nos mantém unidas

Sabemos de nossas desavenças, lutamos contra o que nos separa

Dialogando no dia a dia olhamos para nossa diversidade como algo que nos impulsiona

As redes se formam com pessoas de coração sensível

Que se unem a uma causa com base em direitos humanos

Somos mais fortes desde que estamos juntas

Somos raízes e frutos das sementes que plantamos na caminhada da vida

REFERÊNCIAS

- Alves, Fernando Cardoso Rezende (2017). *XIRÊ: O RITUAL COMO PERFORMANCE ENTRE A CULTURA E O CORPO*. (Graduação em Teatro) - Universidade Federal de Uberlândia. Orientadora Renata Bittencourt Meira.
- Aplicada, Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (2019). Fórum Brasileiro de Segurança Pública. Brasília- Organizadores: *Atlas da violência*. Rio de Janeiro: São Paulo.
- Beauvoir, S. (n/d) (1970). *O segundo sexo*. Vol. 1. São Paulo: Círculo do Livro.
- Beline, Daniela Mara Gouvêa (2018). *Violência contra mulheres nas universidades*. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de São Carlos, Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. Orientadora: Roseli Rodrigues de Mello.
- Bianchi, Mariana; Cavalcante, Mestra Joana; Lira, Nayara & Melo, Soraia (2016). *Portfólio Baque Mulher 8 anos: uma história de amor infinito*. Disponível em: <<https://baquemulher.com.br/origem/>>. Acesso em: 11 jan. 2019.
- Bogdan, R. C.; Biklen, S. K. (1994). *Investigação Qualitativa em Educação: uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto – Portugal. Porto Editora.
- Brasil. (2012). *Código de ética do/a assistente social. Lei 8.662/93 de regulamentação da profissão*. - 10. ed. rev. e atual. - [Brasília]: Conselho Federal de Serviço Social. Disponível em: <http://www.cfess.org.br/arquivos/CEP_CFESS-SITE.pdf>. Acesso em 08 de novembro de 2019.
- Brasil. *Lei do feminicídio*. Lei nº 13.104, de 9 de março de 2015.
- Brasil. *Lei Maria da Penha* - Lei nº 11.340, de 7 de agosto de 2006

Brasileiro, Jeremias (2001). *Congadas de Minas Gerais*. Brasília: Fundação Cultural Palmares.

_____ (2010). *Na cidade de Romaria tem Congado e tem Folia*. Uberlândia, MG: Aline Editora e Artes Gráficas LTDA.

_____ (2016). *Centenário da Irmandade do Rosário uma história de Uberlândia em preto e branco*. Uberlândia, MG: Subsolo.

Carneiro, Sueli (2003). *Mulheres em Movimento*. Estudos Avançados, São Paulo, v. 17, p. 7-372.

Caseira, F. F., & Magalhães, J. C. (2016). *Mulheres na ciência: possibilidades, lutas, desafios e obstáculos*. In: RIBEIRO, P. R. C.; SILVA, E. P. Q.; TEIXEIRA, F. (Org.) *Atravessamentos de gênero, corpos e sexualidade: linguagens, apelos, desejos, possibilidades e desafios*. Rio Grande: Editora da FURG, (pp. 98-115).

Cavalcante, Mestra Joana D'arc da Silva (2020). *O agbê e como tudo começou*. Disponível em: <https://www.facebook.com/MestraJoana/posts/1879734528823359?__tn__=K-R>. Acesso em: 11 jan. 2020.

_____ (2018). *Regimento Interno Baque Mulher*. Recife, agosto de 2018.

_____ (2007) *Portfólio Mestra Joana- Artista Popular*. Atividades 2008 a 2017. Recife.

Cherfem, C. O.; MELLO, R. R. (2010). *Feminismo Dialógico: diálogo possível entre diferentes identidades para a superação de desigualdades de gênero*. In: *Fazendo Gênero 9: Diásporas, Diversidades, Deslocamentos*, 2010, Florianópolis. Anais Eletrônicos - *Fazendo Gênero 9*, 2010. Florianópolis: UFSC. v. 1. p. 1-15.

_____ (2010). *Grupo de Mulheres: ações educativas, preventivas e de reflexões pela igualdade de gênero*. In: *Brasileiro de Extensão Universitária - CBEU*, 2009,

Dourados/MS. Anais do IV Congresso Brasileiro de Extensão Universitária, 2009.

Dourados/MS: UFGD. v. 1. p. 1-12.

Cisne, Mirla (2012). *Gênero, Divisão Sexual do Trabalho e Serviço Social. São Paulo: Outras Expressões.*

Conceição Nogueira e João Manuel de Oliveira (Org.) Miguel Vale de Almeida, Carlos Gonçalves Costa, Liliana Rodrigues e Miguel Pereira. (2010). *Estudo sobre a discriminação em função da orientação sexual e da identidade de gênero.* Comissão para a Cidadania e a Igualdade de Género, Lisboa.

Costa, A. P., & Ribeiro, P. R. M. (2007). *La sexualidade de la docencia: algunas reflexiones sobre actitudes y valores en la pedagogía a partir de um recorte de género.* In: HEREDERO, E. S.; BRIS, M. M. (coords.) *Educación y sociedad global: demandas y aportaciones.* Alcalá de Henares: Servicio de Publicaciones Universidad de Alcalá, (pp. 101-114).

CULTURAL, Obara Afro. *IYA Neide Ribeiro.* Disponível em: <<https://www.facebook.com/171159372949398/photos/rpp.171159372949398/2586347164763928/?type=3&theater>>. Acesso em: 13 nov. 2019.

Dalcastagnè, R. (2005). *A personagem do romance brasileiro contemporâneo (1990-2004).* Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea, Brasília, v. 26, p. 13-71.

Davis, Angela (2013). *Mulher, Raça e Classe.* Tradução da 1ª ed. Plataforma Gueto.

Dossiê do Maracatu Nação: Inventário Nacional de referências culturais – INRC do Maracatu Nação. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/DOSSIE_MARACATU_NA%C3%87%C3%83O.pdf>

Fanon, Frantz (1968). *Os condenados da terra;* tradução de José Laurênio de Melo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

- _____ (2008). *Pele negra, máscaras brancas* / Frantz Fanon; tradução de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA. p. 194
- Fialho, Laís Azevedo (2017). *O maracatu -nação como resistência cultural e religiosa afro-brasileira*. In: XIII Congresso Internacional de História XXII Semana de História, Maringá. La Fialho. VIII CIH. 1315 – 1321, 2017.
- Fiori, E. M. (1991). *Educação Libertadora*. In: _____ Textos escolhidos, v. II. Educação e Política. Porto Alegre: L&PM.
- Flecha, Ramón (1997). *Compartiendo Palabras: El aprendizaje de las personas adultas através del diálogo*. Barcelona: Paidós.
- Freire, Paulo (1992). *Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido*. 13ªed. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- _____ (2016). *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 53ª ed- Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Friedan, Betty. (1971). *Mística Feminina*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- _____. (1983). *A Segunda etapa*. Rio de Janeiro: F. Alves.
- Guillen, Isabel C. M. (2008). *Tradições e traduções na cultura popular em Pernambuco: entre a diversidade e a homogeneidade*. Cadernos de Estudos Sociais, v. 24, p. 160-171.
- Guillen, Isabel Cristina Martins (2007). *Guerra Peixe e os maracatus no Recife: trânsitos entre gêneros musicais (1930–1950)*. In: ArtCultura, Uberlândia, v. 9, n. 14, p. 235-251, jan.-jun.
- Hooks, Bell (2015). *Mulheres negras: moldando a teoria feminista*. Revista Brasileira de Ciência Política, nº16. Brasília, pp. 193-210.

- Jesus, Jaqueline Gomes de (2012). *Orientações sobre identidade de gênero: conceitos e termos / Guia técnico sobre pessoas transexuais, travestis e demais transgêneros, para formadores de opinião*. 2^a.ed. Brasília.
- Lima, Claudia. *Candomblé - xangô - tambor de mina - batuque – macumba*. (s/d). In: <http://www.claudialima.com.br/>
- Lima, Claudia. Muntu: *Uma reflexão da expansão do povo banto no continente africano e da inserção sociocultural na formação da identidade brasileira*. (s/d). In: <http://www.claudialima.com.br/>
- Lima, Ivaldo Marciano de França (2006). *Maracatus e Maracatuzeiros: desconstruindo certezas, batendo afayas e fazendo histórias*. Recife, 1930- 1945. (Mestrado em História) Universidade Federal de Pernambuco. Orientadora: Dr.^a Isabel Cristina Martins Guillen.
- _____. (2010). *Entre Pernambuco e a África. História dos maracatus- nação do Recife e a espetacularização da cultura popular (1960- 2000)*. (Doutorado em História) - Universidade Federal Fluminense. Orientadora: Martha Campos Abreu.
- Lisboa, Teresa Kleba (2010). *Gênero, feminismo e Serviço social - encontros e desencontros ao longo da história da profissão*. In: Revista Katálysis, Florianópolis, v.13, n.1, (pp.66-75).
- Machado, Vanda (2006). *Tradição Oral- Vida Africana e Afro-brasileira*. In: FLORENTINA SOUZA E MARIA NAZARÉ LIMA. (Org.). *Literatura Afro-brasileira*. 1ed.Salvador: CEAO - Fundação Cultural Palmares, p. 79-109.
- Maia, A. C. B., & Ribeiro, P. R. M. (2011). *Educação sexual: princípios para ação*. Doxa. Revista Paulista de Psicologia e Educação, v. 15, (pp. 41-51).

- Meira, R. B. (1997). *O ciclo das festas-Uma leitura cênica da dança do Fandango e das festas populares de Cananeia, litoral sul do Estado de São Paulo*. Dissertação (Mestrado em Dança do Instituto de Artes da UNICAMP), Campinas, SP, Brasil.
- _____ (2007). *Baila bonito baiadô: educação, dança e culturas populares em Uberlândia, Minas Gerais*. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação: Laboratório de Estudo sobre Ensino de Arte, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, Brasil.
- Mendonça, J. G. R., & Ribeiro, P. R. M. (2009). *O universo feminino como centro de interesse e de estudo em dissertações de mestrado: anotações de uma pesquisa bibliográfica*. *Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação*, v. 4.
- _____ (2010). *Algumas reflexões sobre a condição da mulher brasileira da colônia às primeiras décadas do século XX*. *Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação*, v. 5 (pp. 1-12).
- Minayo, Maria Cecília de Souza (Org.) (1999). *Pesquisa Social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Montrone, Aida Victoria Garcia, Chermem, Carolina Orquiza, Amaral, Débora Monteiro do & Sousa, Fabiana Rodrigues de (2014). *Mulheres vivências de Processos Educativos para o exercício dos direitos*. In: Oliveira, Maria Waldenez. Souza, Fabiana Rodrigues (Org.). *Processos Educativos em Práticas Sociais: pesquisas em educação/organizadoras*. São Carlos, SP: EdUFSCar.
- Moreira, Viviane de Varia (2019). *Baque Mulher e suas raízes na memória cultural/religiosa do maracatu nação: uma análise de performance*. *Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)*, [S.l.], v. 11, n. Ed. Especi, p. 28-46, dez. ISSN 2177-2770. Disponível em:

<<http://abpnrevista.org.br/revista/index.php/revistaabpn1/article/view/764>>. Acesso em: 11 dez. 2019.

Munanga, Kabengele (2012). *Negritude: usos e sentidos*. 3.ed. 1. Reimp.- Belo Horizonte: Autêntica Editora. (Coleção Cultura Negra e Identidade)

Oliveira, Maria Waldenez; Ribeiro Junior, Djalma; Silva, Douglas Verrangia Corrêa; Souza, Fabiana Rodrigues & Vasconcelos, Valéria Oliveira (2014). *Pesquisando processos educativos em práticas sociais: reflexões e proposições teórico-metodológicas*. In: Oliveira, Maria Waldenez e Sousa, Fabiana Rodrigues de. (Orgs.) 2014. *Processos educativos em práticas sociais: pesquisas em educação*. São Carlos: EdUFSCar.

Oliveira, Paulo César Pereira (2011). *Contos e Crônicas do Mestre Tolomi: África viva no Brasil*. Edição do autor, Ribeirão Preto.

Peixe, Guerra (1955). *Maracatus do Recife*. Recife: Irmãos Vitale, Fundação de Cultura, Cidade do Recife.

Pina, Nação do Maracatu Encanto do (2017). *Portfólio Nação do Maracatu Encanto do Pina*. Recife- PE.

Puigvert, Lúdia (2001). *Las otras mujeres*. Barcelona: El Roure editorial.

Puigvert, Lúdia; Muñoz, Beatriz. (2012). *Estudios de género. Barreras y aportaciones al debate teórico internacional desde las voces de las otras mujeres*. *Multidisciplinary Journal of Gender Studies*, 1 (1), 427. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.4471/generos.2012.01>

Riba, Lucía (2016). *Memoriales de mujeres: la sororidad como experiencia de empoderamiento para resistir a la violencia patriarcal*. *Franciscanum. Revista de las ciencias del espíritu*, vol. LVIII, núm. 165, enero-junio. pp. 225-262

- Ribeiro, Djamila (2017). *O que é: lugar de fala?* – Belo Horizonte (MG): Letramento: Justificando. (Feminismos plurais)
- _____(2018). *Quem tem medo do feminismo negro?* 1ª ed.- São Paulo: Companhia das Letras.
- Rodrigues, Graziela Estela Fonseca (1997). *Bailarino- pesquisador intérprete: processo de formação*. 2. ed. - Rio de Janeiro: Funarte.
- Saffioti, Heleieth Iara Bongiovan. (2004). *Gênero, Patriarcado, Violência*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo.
- Santos, Vera Márcia Marques et al (2019). *Dicionário de educação sexual, sexualidade, gênero e interseccionalidades*. 1. ed. - Florianópolis: UDESC.
- Scalia, A. C. M. & Ribeiro, P. R. M. (2007). *Hibridismo cultural: o imaginário europeu na construção da sexualidade feminina do primeiro século de colonização brasileira*. In: VIII Encontro de Pesquisa em Educação da Região Sudeste, 2007, Vitória ES. Programação e Anais do VIII Encontro de Pesquisa em Educação da Região Sudeste “Desafios da educação básica e pesquisa em educação”. Vitória ES: Universidade Federal do Espírito Santo. v. CD-ROM.
- Schwarcz, Lilia Moritz (2012). *Nem preto nem branco, muito pelo contrário: cor e raça na sociedade brasileira*. São Paulo: Claro Enigma, 2012. (Agenda brasileira)
- Silva, F. F; Ribeiro & P. R.C. (2016). *Mulheres, gênero e ciência: tecendo relações*. In: Ribeiro, P. R. C.; Silva, E. P. Q. & Teixeira, F. (Org.) *Atravessamentos de gênero, corpos e sexualidade: linguagens, apelos, desejos, possibilidades e desafios*. Rio Grande: Editora da FURG, (pp. 41-60).
- Silva, V. P. (2011). *Do Chocalho ao Bastão: Processos Educativos do terno de congado marinho de São Benedito- Uberlândia MG*. Dissertação (Mestrado em Programa de

Pós-Graduação em Educação - UFSCar) - Universidade Federal de São Carlos. São Carlos, SP, Brasil.

Souza, Babi (2016). *Vamos juntas? – O guia da sororidade para todas.* – 1. Ed. – Rio de Janeiro: Galera Record.

Souza, T. P. de (2012). *África: Processos Educativos presentes no Terno de Congadas Chapéus de Fitas.* Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de São Carlos. São Carlos, SP, Brasil.

Waiselfisz, Julio Jacobo (2015). *Mapa da Violência 2015: Homicídio de mulheres no Brasil.* 1ª edição. Distrito Federal – Brasília